

## ADAUTO DA CÂMARA

(Da Academia Norte-Riograndense de Letras, Do I. H. e Geográfico do Rio Grande do Norte, Da Ordem dos Advogados, Professor no GINÁSIO METROPOLITANO, do Rio de Janeiro).

# HISTORIA DE NISIA FLORESTA



1941

IRMÃOS PONGETTI editores

Rio de Janeiro

**HISTORIA  
DE  
NISIA FLORESTA**

VOLUMES PUBLICADOS :

- I — *Famílias Seridoenses* — José Augusto
- II — *Angicos* — Aluizio Alves
- III — *Mossoró* — Vingt'un Rosado
- IV — *Homens de Outrora* — Manoel Dantas
- V — *Historia de Nisia Floresta* — Adauto da Câmara

PRÓXIMAS PUBLICAÇÕES :

- VI — *Seridó* — José Augusto
- VII — *O Vale do Ceará-Mirim* — H. Castriciano, Julio de Rezende, Fernandes Silva.
- VIII — *Almino Alvares Afonso* — José Lino da Justa
- IX — *O Padre Miguelinho* — Adauto da Câmara
- X — *O sal na economia norte-riograndense* — José Augusto
- XI — *Goianinha* — Helio Galvão
- XII — *Lajes* — Monsenhor João da Matha
- XIII — *Manuel Dantas, sua vida e sua época* — Rivaldo Pinheiro.
- XIV — *Caicó* — Eimard Monteiro

**ADAUTO DA CÂMARA**

(Da Academia Norte-Riograndense de  
Letras. Do I. H. e Geográfico do Rio  
Grande do Norte. Da Ordem dos Ad-  
vogados. Professor no GINÁSIO ME-  
TROPOLITANO, do Rio de Janeiro).

**HISTORIA**  
DE  
**NISIA FLORESTA**



1941  
**IRMÃOS PONGETTI editores**  
Rio de Janeiro

**BIBLIOTECA DE HISTORIA NORTE-  
RIOGRANDENSE**

**DIREÇÃO DE:**

**José Augusto**

**Aluizio Alves**

**Vingt'un Rosado**

**Antonio Soares Filho**

**Rivaldo Pinheiro**

A minha mulher —

WANDA ZAREMBA DA CÂMARA,

e a meus filhos —

MARIO E HENRIQUE ZAREMBA DA  
CÂMARA.

## NISIA FLORESTA

.....  
Poucos brasileiros conhecem este nome. Entretanto, ele é o de uma das mais fortes mentalidades femininas deste país.  
.....

Prestará inestimável serviço às letras patrias quem estudar criteriosa e demoradamente essa por tantos títulos excepcional figura feminina, uma das primeiras da fase romântica entre nós.

H. CASTRICIANO. *Almanaque Garnier*. 1908.

Estamos em dívida atrasada para esse grande vulto feminino, Nisia Floresta, um dos mais notáveis da nossa vida intelectual.

JOÃO RIBEIRO. "*Jornal do Brasil*" de 25 de Outubro de 1933.

A sua formação intelectual, possivelmente de autodidata, pelo menos em boa parte, ou feita então sob o influxo de algum parente de espírito erudito — eram menos raras do que se supõe as mulheres que naqueles

tempos adquiriam uma cultura humanista — foi sólida e brilhante, clássica e moderna. As viagens e a convivência em círculos intelectuais europeus enriqueceram-lhe por certo a ilustração, mas foi do torrão natal que ela trouxe adestrada a capacidade de assimilação que a distinguia.

OLIVEIRA LIMA. Conferencia em Natal. 1919.

Nas letras, nos fins do século XIX, appareceria uma Carmen Dolores, depois uma Julia Lopes de Almeida. Antes delas, quasi que só houve bacharelas medíocres, solteironas pedantes ou simplórias, colaboradoras do "Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro". E assim mesmo foram raras. Nisia Floresta surgiu como uma excepção escandalosa. Verdadeira machona entre sinhazinhas dencas do meado do século XIX. No meio dos homens dominando sozinhos todas as actividades extradomésticas, e as proprias baronesas e viscondessas mal sabendo escrever; dos senhores mais finos soletrando apenas livros devotos e novelas que eram quasi historias do Trancoso, causa pasmo ver uma figura como a de Nisia.

GILBERTO FREIRE. Sobrados e Mucambos, pg. 134.

Direi somente, para acrescentar mais um traço à sua fisionomia, que aquella humilde professora, saída de uma pequena Provincia do Norte, chegou, há cincoenta anos, a uma altura espiritual de que estão longe, ainda hoje, muitos homens que vivem em condições as mais favoraveis à emancipação da intelligencia. Essa elevação mental sente-se em cada capítulo de sua obra..."

CONSTANCIO ALVES. "Jornal do Comercio" de 21 de Outubro de 1909.



## NOTA PREVIA

*Em 1938, delegado da Academia Norte-Riograndense de Letras junto à Federação das Academias de Letras do Brasil, fomos por esta designado para realizar uma conferencia sobre uma figura mental da nossa terra. Escolhemos Nisia Floresta para tema desse estudo de vulgarização. Durante meses, frequentamos bibliotecas e arquivos, em busca de algo novo sobre a gloriosa escritora brasileira, nascida no Rio Grande do Norte. Sobre sua vida e atividade intelectual muito se havia escrito, é certo, através de lendas e equívocos, que os estudiosos iam repetindo sem maiores escrúpulos, concorrendo para que se fossem perpetuando os disparates de que estava inçada a historia desta mulher prodigiosa.*

*Lutamos com dificuldades sem conta para esclarecer pontos obscuros de sua existencia, alguns dos quais continuam como dantes. Procedemos à leitura de quasi todas as suas obras, pelo menos das que se encontram em nossas bibliotecas públicas: a Biblioteca Nacional, Instituto Histórico e Gabinete Português de Leitura. Verificamos quanto era ainda pouco apreciada, por desconhecida, a sua pujança espiritual.*

Mais uma vez podemos dar o testemunho da inestimável colaboração dos velhos jornais para todo esforço de investigação do passado. Se não fora o subsidio do JORNAL DO COMERCIO, do DIARIO DE PERNAMBUCO, d'O MERCANTIL, d'O LIBERAL e de outros consultados menos assiduamente, não teríamos podido imprimir a esta biografia o rumo novo da afirmação abonada pelo documento contemporaneo, estampado nos orgãos da imprensa. Nos "Comunicados" e "A Pedidos", nos anuncios, nos convites de missa, nos recantos mais discretos de uma coluna, no obituario, na gazetilha, surge um filão opulento de informações, em que o pesquisador atilado mergulha e colhe o pormenor insignificante, que é, muitas vezes, a chave de enigmas que pareciam insolúveis.

Após tantas canseiras, a que nos entregávamos satisfeito, pensando sempre em servir dignamente a nossa terra, pronunciamos a conferencia, no Clube Militar, e desvanecidamente reconhecemos que teve uma honrosa repercussão nos meios culturais do Rio de Janeiro. Publicada, em exertos, no JORNAL DO COMERCIO e no DIARIO DE NOTICIAS, recebemos muitos estímulos para que lhe déssemos maior amplitude, reunindo, em volume, a vasta e até então ignorada documentação obtida. Tais votos nos vieram, entre outros, dos prezados confrades da Academia potiguar, do dr. Henrique Castriciano, grande conhecedor da vida de Nisia Floresta, e do dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, que é um dos valores mais representativos da intelligencia e da cultura da nossa querida provincia. Eis como temos agora o orgulho de colaborar na

magistral Biblioteca de Historia Norte-Riograndense, que José Augusto está editando, com um êxito magnífico e digno de todos os encomios. Cada mês, um volume novo sobre homens e cousas potiguares. Nesta paciente e apaixonada tarefa, vai ele ajuntando os materiais para o futuro historiador do Rio Grande do Norte. Aqui trazemos a nossa pedrinha para esse monumento.

José Augusto não é um displicente admirador dos títulos literarios de Nisia. É um devoto militante, que não perde ocasião de a estudar e de contribuir para divulgar os seus altos merecimentos. O episodio que vamos relatar, atesta os seus serviços à gloria da conterranea insigne. Em 1925, sendo ele Governador do Rio Grande do Norte e estando no Rio, acompanhamo-lo em uma de suas habituais visitas às livrarias. Penetrando em uma que, a esse tempo, existia na rua Chile, indagou se por ali não apareciam raridades bibliográficas, pois que se interessava pelas obras de Nisia Floresta.

Responderam-lhe que, no dia anterior, havia sido vendido, por 200\$, um volume do *ITINERAIRE d'un VOYAGE en ALLEMAGNE* a um distinto official do Exército, o major Pedro Gomes. Tão viva foi a sua expressão de desgosto por lhe ter escapado a oportunidade da aquisição do precioso exemplar, que o livreiro se dispôs a fazer uma comunicação ao bibliófilo afortunado da véspera. Este, em um gesto que ainda hoje José Augusto recorda com emoção, lhe ofertou o cimelio, que foi parar no lugar que ele lhe destinara: a biblioteca pública de Natal, mantida pelo Instituto Histórico local, onde se encontra, conforme nos infor-

mou, há pouco, o dr. Nestor Lima, seu benemérito presidente.

A Henrique Castriciano devemos valiosas informações, que generosamente nos ministrou. Podemos assegurar que o Brasil não esqueceu Nisia Floresta por obra e graça de Henrique, que tão fervorosamente lhe tem cultuado a memoria, procurando tornar conhecidos, por toda a parte, os seus talentos. Aproveitamos o ensejo para lhe reiterar o apelo que tantos outros lhe têm feito, no sentido de publicar o seu livro sobre Nisia Floresta, para o qual reuniu copiosa documentação, colhida em mananciais que só ele explorou. Esteve em contacto com pessoas que conheceram Nisia; travou relações com sobrinhas residentes no Rio; correspondeu-se com a filha de Nisia; pesquisou, pessoalmente, na Europa, sobre esta grande vida. Ninguém melhor que ele para traçar a biografia definitiva de Nisia Floresta: é o órgão mais autorizado, o estudioso mais bem informado, a última instancia neste assunto.

Agradecemos cordialmente a gentileza de quantos atenderam a solicitações nossas, ou espontaneamente trouxeram a sua achega a este ensaio, entre os quais os srs. Geonísio Curvelo de Mendonça, da Igreja Positivista do Brasil, e Aurelio Porto, diretor dos "Anais" do Itamarati.

No intuito de proporcionar a quem nunca leu Nisia Floresta uma impressão, embora superficial, de seu estilo, imaginação, cultura e tendencias, inserimos al-

*guns excertos de sua variada produção. Todas as traduções encontradas neste livro são nossas.*

*Rio de Janeiro, 1.º de Março de 1941.*

ADAUTO MIRANDA RAPOSO DA CÂMARA.

**ORIGENS**

A mais notavel mulher de letras do Brasil, segundo a justa expressão de Oliveira Lima, nasceu no sitio Floresta, em Paparí, na Capitania do Rio Grande do Norte, a 12 de outubro de 1809, filha do advogado português Dionisio Gonçalves Pinto Lisboa e de Antonia Clara Freire, natural da mesma Capitania, pertencente a familia abastada, antiga, branca e de bom conceito, cujos dominios territoriais se estendiam por Goianinra, Penha, Arez e Paparí, situados na zona hoje atravessada pela **Great-Western Railway**.

Como aquele português foi parar no Rio Grande do Norte é facil de conjecturar: interesses de sua profissão te-lo-iam levado de Pernambuco, onde residiu primitivamente, e em Paparí fez um casamento próspero. Deste não se conhece a certidão, bem como não se pôde obter até hoje a de batismo dos filhos, talvez porque as investigações no sentido de as descobrir tenham sido mal conduzidas, pois provavelmente existem os assentamentos na Arquidiocese da Paraíba.

De tal união, que terá sido realizada em 1808, houve quatro filhos: Nisia, Clara, Joaquim e uma outra filha, a mais velha, a cujo nome Nisia nunca se refere. Nos *Fragments d'un ouvrage inédit*, alude a essa irmã, que, com o marido, foi se fixar no Rio Grande do Sul, quando Nisia ali residia. Faleceu em

Porto Alegre, quasi repentinamente, deixando filhos, que Nisia trouxe para o Rio, quando, em 1837, deixou o Rio Grande. O marido havia se homisiado na Corte, durante a Revolução dos Farrapos, afim de não ser compelido a pegar em armas contra os republicanos, quando estes sitiavam Porto Alegre.

Nisia teria casado, ainda no Rio Grande do Norte, com Manuel Alexandre Seabra de Melo, filho bastardo (1) do capitão-mor José Alexandre Gomes de Melo. Nisia te-lo-ia desposado contra a vontade, o que parece absurdo, tendo-se em consideração que seu pai era um europeu de espírito adiantado, adorado pelos filhos, que não trazia a mulher aferrolhada em casa, escondida das visitas. Apresentou-a a Koster, em cuja companhia jantou, fato raro naquela época. Segundo se conta, Nisia, tempos depois, teria fugido para o Recife, onde a iria requestar judicialmente o marido abandonado... O que sabemos ao certo é que ela deixou o Rio Grande do Norte depois da Revolução de 1824, com os pais, visto como as perseguições que moviam à familia não lhe permitiam mais viver ali. Não era, aliás, a primeira vez que deixava a terra natal. Já havia residido em Goiana (1819), quando ali nasceu seu irmão, Joaquim Pinto Brasil. Retirando-se, pela segunda e última vez, deve ter novamente seguido para Goiana, e daí para Recife e Olinda, onde permaneceu a familia até 1832. Infelizmente, não existe no Rio nenhuma coleção completa

---

(1) Informação do dr. Augusto Leopoldo R. da Câmara.



do **Diario de Pernambuco**, em cujas colunas se poderia respigar alguma coisa que esclarecesse suas atividades em Pernambuco. A única existente no Brasil pertence à Faculdade de Direito do Recife. O proprio jornal não a possui, desde que a sua foi devorada por um incendio.

**A FAMILIA**

**OS PAIS**

Dionisio Pinto foi assassinado nos arredores de Recife, pelas 7 e meia horas da noite de 17 de agosto de 1828, a mandado do capitão-mor A. U. C. "Quasi meio século transcorreu desde então, e minha pena se recusa a escrever este nome execravel", escreveu ela nos **Fragments**. Em 1856, o **Brasil Ilustrado** publicou uma colaboração de Nisia, intitulada **Pranto Filial**, escrita em dezembro de 1855, a propósito da morte de sua genitora, "vinte e sete anos depois que a mão de um vil assassino, assalariado pelo atroz despotismo de um Cavalcanti, caiu sobre a cabeça de um advogado reto e enérgico, cuja pena fizera triunfar a causa da inocencia oprimida". Quem seria esse Uchoa Cavalcanti? A inimizade entre os Cavalcantis e Dionisio Pinto viria de longe, desde quando este habitava em Goiana, importante nucleo daquela poderosa familia.

Antonia Clara Freire nasceu no Rio Grande do Norte, a 13 de junho de 1780, e faleceu no Rio, aos 25 de agosto de 1855, com 75 anos de idade, vitimada por uma pneumonia, na travessa do Paço, 23, segundo o registro de óbitos publicado no **Jornal do Comercio e Correio Mercantil**. Neste sua idade foi alterada para 57 anos; em ambos, o dia do falecimento saiu 26, mas que foi a 25 não resta dúvida, diante do que afirma Nisia nos **Fragments** e no

**Pranto Filial**, e pelos termos do convite para a missa de 7.º dia. Seus restos foram inhumados no cemitério de São João Batista, em cuja capela se realizaram os officios fúnebres.

Nisia assistiu aos seus últimos momentos. Confessa que só regressara da Europa, em 1852, "onde vivia numa atmosfera de genios", por causa das saudades de sua mãe. Dedicava-lhe extrema afeição. Deve ter sido muito bondosa aquela camponesa potiguar, para se fazer amar desta maneira pela filha, que não se envergonhava das poucas luzes de sua intelligencia. No **Pranto Filial**, escreveu, abatida pela angustia de a haver perdido:

"Conspiravam os agostos contra mim, derramando-me na alma dores incalculaveis de incalculaveis perdas, que regaram-me de lágrimas a mocidade, toheram-me as inspirações poéticas, extinguiram-me as mais doces esperanças.

"Pai! esposo! mãe! Amizade e amor, sentidos e comunicados na máxima efusão de afetos recíprocos, lá submergiram-se no túmulo, durante o teu curso, ó funesto, doloroso agosto!

"A tua passagem pelo espaço de minha vida tem sido sempre marcada ou por uma perda irreparavel, ou uma muda agonia, em que se esvai lentamente a nativa energia de minha alma"!

Nos **Conselhos à minha filha**, conta varios episodios, alguns fantásticos, da vida agitada do pai no Rio Grande do Norte, perseguições, atentados, etc. Certa vez, sua casa, em Floresta, foi cercada e tiro-teada. Uma bala foi se cravar na parede, dez centí-

metros acima da cabeça de seu pequenino irmão. Quando o pai fugia para escapar à sanha dos inimigos, ela, quasi uma criança ainda, confortava sua mãe, ocultava a correspondencia, e tinha bastante energia para não revelar aos algozes o logar do esconderijo. Depois da Revolução de 1824, a pacífica população dos arredores de Floresta depredou a propriedade, saqueou os bens da familia. Dionisio, desgostoso, resolveu mudar-se novamente para Pernambuco, entregando-se inteiramente à advocacia.

Devemos dizer que no Rio Grande do Norte nem se guarda memoria de tais atribulações, nem da importancia social ou politica do pai de Nisia. E' uma figura inteiramente desconhecida. Custa mesmo a acreditar como, sendo quem era, não se tivesse envolvido na Revolução de 1817, ou não tivesse sido vítima da mesma, pois que residia na area de influencia da familia Albuquerque Maranhão, sob cuja chefia se desencadeou o movimento naquela Capitania. Certamente não se encontrava ali. Então estaria em Pernambuco, onde não se imiscuiu absolutamente nos acontecimentos, nem pelos brasileiros, nem pelos seus patricios. A Revolução chegou a Goiana, que foi teatro de agitações, e Dionisio nelas não aparece. Nos 17 volumes da *Devassa*, existentes no Arquivo Nacional, e nos 3 da Biblioteca Nacional, não se faz a menor alusão a Dionisio Gonçalves Pinto Lisboa, como testemunha ou réu. Ha varias justificações processadas em Goiana, fartas de documentos, em que se vêm os nomes de importantes moradores: comer-

ciantes, sacerdotes, lavradores, militares, etc., e nem uma vez o seu nome, ou o do futuro sogro de Nisia.

Diante disto, como justificar as versões espalhadas por Nisia, dos constantes perigos e ameaças a que seu pai estava exposto, por questões políticas? Não seriam antes questões de terras? Quanto às depredações, devemos opor também algumas dúvidas. Em 1824, no Rio Grande do Norte, quasi não houve perturbações serias, que ao menos degenerassem em derramamento de sangue. A Confederação do Equador, apesar da atitude simpática ou dubia do presidente Tomaz de Araujo Pereira, não chegou até lá. Deposto o presidente, a nova situação era unanimemente contraria à revolução republicana e separatista. Nisia dá a entender que os pacatos indígenas das cercanias de Floresta a atacaram em represalia às ações políticas de seu pai, o que é um puro devaneio.

## OS IRMÃOS

E' de presumir que a irmã mais velha se tenha casado com um Silva Arouca, pelo fato de, no convite para a missa pelo traspasse do Dr. Joaquim Pinto Brasil, em 1875, figurar um sobrinho José da Silva Arouca, o mesmo que, com sua mulher, Elvira Pinto da Silva Arouca, assina também um convite para a missa de "sua tia e madrinha" Nisia Floresta, em 1885. A familia Arouca era de portugueses, e tinha representantes em Pernambuco e no Rio Grande do Sul, em 1830 e tantos, quando Nisia se

encontrava em Porto Alegre. Na coleção do **Diario de Pernambuco** de 1832, encontrámos um Silva Arouca envolvido num processo de receptação de escravos fugidos. Nisia conta que seu cunhado não pudera permanecer no Sul, devido às suas simpatias pelos revolucionarios, e se refugiara no Rio. No **Jornal do Comercio** de 23 de maio de 1837, deparámos, entre os passageiros vindos do Rio Grande, pelo brigue escuna **Argos**, o nome do portugûes Manuel da Silva Arouca. O já referido José da Silva Arouca seria filho deste emigrado.

**F. Clara de Medeiros** — Sua irmã mais moça, acompanhou-a ao Rio Grande do Sul, e viveu em sua companhia até desposar o Dr. José Henrique de Medeiros, no Rio. Os **Fragments** lhe são dedicados. Nisia lhe votava afeto maternal. Seu marido era portugûes, fidalgo da Casa Real de Portugal, benemérito da Sociedade Portuguesa de Beneficencia, socio do Gabinete Portugûes de Leitura e da Sociedade Comercio e Artes, vice-presidente do Instituto Hahnemanniano, veneravel de uma loja maçônica, portador de varias comendas, tudo segundo anuncio no Almanaque Laemmert. Tinha sido médico alopata, consultorio na rua da Quitanda, 24, sobrado. Nos **A pedidos do Jornal do Comercio** de 15 de outubro de 1849, fez sua conversão à homeopatia, de que era simpatizante desde quando, estudante de medicina, tivera oportunidade de verificar seus beneficios em sua propria saude. A definitiva adesão à terapêutica de Hahnemann foi determinada pela cura de seu cunhado, Dr. Joaquim Pinto Brasil, à qual Nisia se refere

nos *Fragments*, atribuindo-se a gloria de haver salvo o irmão dileto.

Nisia tinha uma grande estima pelo cunhado, a quem dedicou as *Scintille d'un'anima brasiliana*, em um soneto em que o trata por "caríssimo fratello". Do casamento houve uma filha, Livia Augusta de Medeiros, nascida em 1852 e falecida em 1868. Sua morte prematura arrancou muitas lágrimas à autora dos *Fragments*. Nesta obra, alude à filha-única de sua "única" irmã, depois de haver se ocupado da irmã mais velha, cujo nome silencia. Certamente queria dizer "única" irmã sobrevivente. Acerca da morte de Clara e do marido, nada pudemos colher. Apenas sabemos que, em 1885, viviam no Rio de Janeiro, pois que fizeram convites para a missa de Nisia.

**Joaquim Pinto Brasil** — Nasceu a 4 de maio de 1819, em Goiana. Logo após o seu nascimento, a familia retornou ao Rio Grande do Norte, porque o ambiente em Pernambuco estava opressivo para os portuguezes, produto dos odios cavados pela Revolução de 1817. "Il semblait qu'on entendait encore l'écho répéter les gémissements des victimes de 1817, immolées à la vengeance de leurs dominateurs d'outre-mer, dont le despotisme punissait avec une barbarie digne du moyen-âge les chefs et les adhérents du parti républicain". (1)

Fez seus estudos em Olinda, ingressando na Faculdade de Direito apenas com 14 anos de idade,

---

(1) *Fragments*.



tendo conseguido maneira de elevá-la para 16, com uma "justificação". Quando, em 1832, sua mãe e irmãs seguiram para Porto Alegre, Joaquim permaneceu em Olinda, confiado a duas tias, e recomendado a um primo, B. F. de Barros, de quem Nisia escreveu que era um dos homens mais estimaveis que conhecera. Ficara combinado que ele fosse continuar os estudos em São Paulo. Mas Joaquim bem cedo se enleou nas graças de uma pernambucana, casando-se, sem refletir no profundo desgosto que iria causar à familia. Nisia diz cobras e lagartos da cunhada, a quem nunca pôde estimar. Irrogava-lhe todos os defeitos, insinuando mesmo a incorreção de seu procedimento, que o indulgente marido relevava, graças aos seus principios filosóficos. O que é certo é que lhe deu 11 filhos, dos quais 2 se finaram na infancia, em Recife, e 2 em plena mocidade, justamente os mais esperançosos. Uma filha casou com um advogado, Dr. Joaquim Gomes de Menezes; outra foi infeliz na pretensão ao cargo de professora pública de São Fidelis; dos outros nada se sabe.

Ao mesmo tempo que estudava em Olinda, lecionava geometria e filosofia. Iniciando o curso em 1833, só o concluiu em 1840. (Clovis Bevilaqua, *Historia da Faculdade de Direito do Recife*, vol. 1.º). De sua turma fez parte um único norte-riograndense, Luiz José de Sampaio Junior, que havia de falecer Ministro do Supremo Tribunal de Justiça, para que foi nomeado por decerto de 11 de dezembro de 1886, tendo tomado posse em 3 de fevereiro de 1887, apenas com os tres primeiros nomes. Foi este o vulto mais notavel da

turma, circunstancia que passou despercebida a Clovis Bevilaqua, que faz uma nota acerca de cada bacharel que se tenha distinguido na vida pública: política, administração, letras, ciencias, artes, etc., esquecendo, porem, o futuro Conselheiro Sampaio, que tambem foi omitido no trabalho de Gabriel Viana, no vol. 49 da **Revista do Supremo Tribunal** (1923).

Diz Nisia que seu irmão, assim que acabou o curso universitario, pediu demissão do cargo de professor, e partiu para o Rio, onde chegou a "20 de janeiro de 1840". Enganou-se duplamente: não apresentou sua demissão, pois no **Jornal do Comercio** de 8 de outubro de 1842 foi inserta uma **Declaração**, como se chamava no tempo, mas que era de fato uma **Intimação**, para que o professor substituto das cadeiras de filosofia e geometria, pertencentes ao Curso Jurídico de Olinda, Joaquim Pinto Brasil, "ha tempo residente nesta Corte, compareça na Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio". Quanto à chegada ao Rio, foi a 20 de janeiro de 1841, e não 1840. Viajou pelo brigue **Santa Maria Boa Sorte**. Entre os passageiros, lá está "o bacharel Joaquim Pinto Brasil".

Joaquim era um espírito altamente culto, profundamente versado em filosofia. Nisia chamava-lhe o "Sócrates brasileiro". Fundou o Instituto Psicológico, com séde no largo de São Francisco de Paula, 8. (V. noticia da fundação, no suplemento do **Jornal do Comercio** de 28 de janeiro de 1849).

Foi quasi excusivamente educador. Viveu longos anos no Andaraí. Teve collegios em Rezende,

Cabo Frio, São Fidelis, onde recebeu cordial visita do Conde d'Eu. Sua saude não lhe permitia residir no Rio. "Sofria de asma, de que não havia exemplo na familia" (Fragments, 86). Nos jornais da época se encontram testemunhos do apreço em que era tido o Dr. Brasil. No **Correio Mercantil**, de 14 de novembro de 1855, ha uma publicação de José Manuel de Azevedo Guimarães, contra o Colegio Fernandes, de Vassouras, estampando uma carta de seus filhos, internados naquele estabelecimento, Agostinho e José Diniz Guimarães, na qual contam a desorganização, a falta de compostura dos professores, etc. Acrescentam que tanto mais estranhavam o novo ambiente quando procediam do Colegio do Dr. Brasil, em Rezende, com grandes encomios à atmosfera de respeito e disciplina em que viviam ali, de onde saíram apenas por falta de cômodos, pois só existiam para 20 alunos, e moravam oitenta e tantos, o que levou um "pai escrupuloso", nos **A pedidos** do mesmo jornal, 26 de novembro, a contestá-los, visto como quem conhecia o Dr. Brasil duvidava que ele fosse capaz de receber oitenta alunos, dispondo de alojamento apenas para vinte...

Tendo se submetido a concurso para a cadeira de filosofia do Pedro II, a vitoria lhe foi arrebatada por Sales Torres Homem. A propósito, **O Liberal**, de 7 de março de 1840, elogia o brilho das provas de dois dos candidatos, Brasil e Timandro Torres Homem, mas lastima que a nomeação tenha recaido no último, que, tendo se aboletado na cátedra, deixava os alunos sem aula...

Cansado de interior, Brasil resolveu fixar-se novamente na Corte, onde não vinha havia longos anos, nem mesmo para visitar a mãe enferma, em 1855. Aqui foi advogado, professor interino do Pedro II e chefe de secretaria do Ministerio da Agricultura. Faleceu em 9 de novembro de 1875, de uma pleuro-pneumonia, aos 55 anos. O Dr. João Batista Calógeras escreveu-lhe eloquente elogio, que Nisia piedosamente verteu para o francês, e transcreveu nos *Fragments*.

## O M A R I D O

Seu casamento com Manuel Alexandre Seabra de Melo foi infeliz. Abandonou-o, quando acompanhou os pais a Pernambuco, em 1824.

Em Olinda se enamorou de um estudante de quem fala nos TROIS ANS en ITALIE. Em Mantua recorda o "jovem casal, cuja curta existencia o estudo e o amor tornavam encantadora, sob as sombras poéticas do aprazível e fresco Beberibe". (Vol. II, pg. 15).

Em muitas passagens de sua obra literaria, celebra, embevecida, a beleza daquela paixão, que a empolgou por toda a vida. E' sempre com um fervor exaltado que relembra o grande amor de sua mocidade, tão precocemente interrompido pela morte. Parece que o casamento foi posterior à união pura e simples, sem as formalidades legais. Nas SCINTILLE, conta que Himeneu havia deitado suas bênçãos

sobre o jovem par amoroso, sem, entretanto, diminuir a aurea cadeia que o ligava”.

O eleito do seu coração foi Manuel Augusto de Faria Rocha, natural de Goiana, filho do português Manuel Gonçalves de Faria, agricultor ali, e da pernambucana Joana Sofia do Amaral. No “**Diario de Pernambuco**” de 28 de abril de 1830, o nome do pai figura com 14 votos, na relação dos cidadãos que foram sufragados para promotores e juizes de fato do Tribunal do Juri da vila de Goiana.

Manuel Augusto, ou AUGUSTO, como Nisia lhe chama, recebeu o grau de bacharel em Direito na Academia de Olinda, em 1832, fazendo parte da 1.<sup>a</sup> turma, juntamente com Joaquim Nunes Machado, Euzebio de Queiroz, Sergio Teixeira de Macedo, Jerônimo Martiniano Figueira de Melo e o riograndense-do-norte José Joaquim de Moraes Navarro. Não se distinguiu como estudante, em todo o curso, pois nunca foi contemplado com uma recompensa, nem mesmo em 1832, quando o concluiu. Quasi toda a turma foi julgada, em abril de 1833, com distinção, louvor, etc.

Terminados os estudos, seguiu imediatamente para Porto Alegre, provavelmente a convite do irmão, o dr. Manuel Antonio Rocha Faria, que já residia ali, onde era casado na importante familia Freitas Travassos. Este seu irmão deve ter feito o curso jurídico em Coimbra, pois que não frequentou as Academias de Olinda e de São Paulo. Não há vestigios de seu nome na obra de Clovis Bevilacqua (**Historia da Faculdade de Direito do Recife**) e na de Almeida No-

gueira (A Academia de S. Paulo. Tradições e Reminiscencias). Nisia o acompanhou, com a irmã mais moça, Clara. Deviam ter casado em Recife, onde já lhes haviam nascido dois filhos. Não sabemos como se há de ter realizado este consorcio, pois não há noticias de haver sido anulado o anterior, com Manuel Alexandre Seabra de Melo. No assento de batismo do terceiro filho, este é dado como "legitimo", em 1833. No PASSEIO no JARDIM do LUXEMBURGO, diz que "um casal amoroso, sob o risonho céu dos trópicos, festejava o nascimento de um segundo fruto de seus castos amores, que vinha substituir o primeiro, cedo arrebatado pela morte. "Este segundo fruto foi LIVIA, nascida em 12 de janeiro de 1832. A 12 de janeiro de 1833, nascia o terceiro filho, AUGUSTO AMÉRICO. Nos TROIS ANS, vol. 1, pg.367, evoca o 4 de agosto, batizado do filho. Depois houve uma festa de familia, que foi a última. No dia 29 morria o pai, aos 25 anos, em 1833.

As referencias ao marido são constantes, ternas e apaixonadas, em quasi todos os seus livros. Sua sombra a acompanhava por todos os recantos da Europa: Alemanha, Inglaterra, França, Italia, Grecia. Segundo faz constar, não deu cabo da vida porque tinha filhos. Jurou que havia de conservar, por eles, a existencia.

Em Milão, a 29 de agosto de 1859, escrevia:

"Dia de eterno luto para meu coração. Esta aurora desponta a meus olhos, ha longos anos, sempre carregada de tristezas!

"E' chorar demais a perda, mesmo prematura de

um esposo, pensarão talvez. Mas eu sinto, com toda a alma, que é muito cedo para esquecer um anjo, que não fez mais que passar um momento sobre a terra, para derramar em meu ser o encanto de uma felicidade cujo segredo ele levou para o céu!”

Em Roma, a 30 de abril de 1858, dia natalicio de Augusto:

“A terra, em seu perpetuo movimento de translação, me reconduz ainda ao dia inscrito entre as minhas datas memoraveis. Antigamente fertil para mim em doces e poéticas inspirações, o 30 de abril assinalava um nascimento que foi tão próximo da morte!

“O’ pitoresca Olinda, cujas belezas melancólicas se miram nas aguas do Beberibe: a brisa que balança tuas altas palmeiras, teu denso arvoredado, me traz ainda o eco das notas melodiosas do jovem estudante que cantou, sob tuas doces sombras, seu primeiro e único amor.

“As vibrações daquela voz tão poderosa quanto simpática não se perderam, para mim, no espaço, não. Mas, agitando, sem cessar, o ar que respiro, elas se propagam ainda, ferindo, ligeiramente, meus ouvidos, e, comunicando-se à minha alma, a elevam a esses mundos imateriais, onde busco novas forças para continuar minha missão na terra.

“A graciosa cidade de Porto Alegre, capital da heróica provincia de São Pedro, no Brasil, assentada em sua risonha colina, banhada, pelo majestoso Jacuí, viu brilhar, em toda a pompa do amor e das honras, o último 30 de abril daquela vida tão vigorosa, tão

bela e util, que passou rapidamente pela terra. E meu coração, transbordando de lágrimas, dele colheu preciosa reliquia, e a guarda religiosamente, através dos anos e das vicissitudes da vida, como um preservativo contra o desânimo que, às vezes, me assalta.

“Jovem colosso de virtudes, tu te abateste na tua vigésima quinta primavera, sob a mão inexorável da morte, quando os mais belos destinos, o amor e a Patria te sorriam com os seus sorrisos mais sedutores! E eu, renunciando, desde então, a toda felicidade pessoal, não encontrei senão na minha ternura por nossos filhos, e na felicidade de outrem, consolações e forças para transpor, sem ti, este deserto tão penoso e tão longo, do isolamento do coração”.

## OS FILHOS

### LIVIA AUGUSTA DE FARIA ROCHA

Foi sua companheira nas longas viagens que empreendeu pelo Velho Mundo. De sua vida pouco se conhece. Deve ter nascido em Olinda ou Recife, a 12 de janeiro de 1832. Casou-se na Alemanha, tendo enviuvado quatro meses depois. Não ha de ter sido em 1856, pois no *Itinéraire d'un voyage en Allemagne*, Nisia não fala neste casamento. Apenas conta tendenciosamente que o barão inglês Ey... era muito assiduo junto a elas, chegando mesmo a pedir o seu endereço em Paris, e a oferecer sua casa em Londres. Nisia, porem, confessa que preferiu a sim-



plicidade de seu viver modesto à opulenta sociedade do nobre britânico. E' pouco provavel que este se tenha inflamado de paixão por Nisia, que andava pelos seus 47 anos, enquanto que Livia tinha 25. Na Italia, o conde M..., companheiro de viagem, sempre muito taciturno, como se fora devorado por um grande acabrunhamento, visitou-as, em Milão. Levou carta de uma amiga de sua falecida mãe, apresentando-o a Nisia. Prontificou-se a acompanhá-la em excursões. Encontrou-se de uma feita com elas, em um passeio. Foi gentilíssimo. Nisia logo desconfiou de tanta amabilidade, e olhou significativamente para a filha. O conde lhe pediu licença para a visitar no dia seguinte, adiantando que tinha importante comunicação que lhe fazer. Nisia perguntou então à filha se ainda não tinha compreendido... Indagou dos seus sentimentos para com ele, porque precisava de estar preparada para lhe responder, caso a visita tivesse por objeto pedir a sua mão. Mostrou-lhe a vantagem que havia em tal casamento, por se tratar de um candidato distinto, de boa posição e de grandes virtudes. A filha repeliu as insinuações, e rogou a Nisia que saíssem imediatamente de Milão, pois não queria casar, e só pretendia viver junto dela. O conde, efetivamente, no dia seguinte, fez o pedido, mas foi recusado, "com a mesma frieza com que recusou o barão alemão, em Paris, em outubro de 1856".

A saude de Livia é que determinou a primeira viagem de Nisia à Europa. A 7 de setembro de 1849, partindo de sua residencia, na rua D. Manuel, 20, a cavalo, para visitar o tio Joaquim, no Andaraí, su-

cedeu que, ao chegar à praça Pedro II, (hoje 15 de Novembro), a alimaria se assustou com o espetáculo marcial de uma tropa que desfilava, e a amazona levou o tombo. Nisia faz um grande espalhafato em torno deste incidente banal. Nunca mais deixou de falar nisto. A pobrezinha foi recolhida a casa, entre as aflições da família. O tio veio, doente, do seu longinquo suburbio, para confortar a mana. Não houve fratura. O "principe da medicina brasileira", o Dr. Soares de Meireles, foi chamado, e recomendou uma mudança de ares... O clima do Rio era hostil àquele organismo delicado. Nisia tinha solene implicancia com o clima carioca. O irmão esteve gravemente enfermo, em 1849: o culpado era o clima. Do tombo da filha o clima era o responsável. Em 1875, ela mesma resolveu voltar para a Europa, porque o clima lhe era infenso.

Em virtude da prescrição do Dr. Meireles, Nisia seguiu para a Europa, levando os filhos, demorando ali até 1852. Seguiu novamente, em 1856, e lá ficou Livia definitivamente, tendo recusado regressar ao Brasil, em 1872, preferindo ficar em Lisboa, como preceptora dos filhos de uma familia amiga. No Velho Mundo permaneceu, assim, desde 1856 até, pelo menos, 1911, quando ainda vivia, quasi octogenaria, em Cannes, com o seu nome de viuva, Livia Augusta Gade. Foi ela quem forneceu dados biográficos de sua gloriosa mãe ao Congresso Literario que se inaugurou em Natal, em 1909, para comemorar o centenario de seu nascimento.

AUGUSTO AMÉRICO de FARIA ROCHA. — Nasceu em 12 de janeiro de 1833, em Porto Alegre, conforme consta do seu assento de batismo, cuja foto-cópia nos foi enviada pelo eminente historiador Aurelio Porto: —

“Aos quatro dias do mês de agosto de mil oitocentos e trinta e três anos, no Oratorio das casas de residencia do Doutor Manuel Antonio Rocha Faria batizou solenemente o Reverendo Manuel José Soares Pina e pôs os Santos Oleos a AUGUSTO, nascido a doze de janeiro do mesmo ano, filho legítimo do Doutor Manuel Augusto de Faria Rocha e de Dona Nisia Floresta Brasileira Augusta, naturais de Pernambuco, neto paterno, de Manuel Gonçalves de Faria, natural de Portugal, e de Joana Sofia do Amaral, natural de Pernambuco, e materno de Dionisio Gonçalves Pinto Lisboa, natural de Portugal, e de Antonia Clara Freire, natural do Rio Grande do Norte, foram Padrinhos o Doutor Manuel Antonio Rocha Faria, e sua mulher Dona Luiza Justiniana de Freitas Rocha. E para constar fiz este assento. TOMÉ LUIZ de SOUZA. Par.º Encomend.º

Há de curioso neste registro a naturalidade atribuida a Nisia: pernambucana, — o que é simplesmente um equívoco, pois a propria Nisia nunca, em seus escritos, renegou o seu berço natal: FLORESTA, em Papatí Rio Grande do Norte.

O padrinho de AUGUSTO AMÉRICO era seu tio paterno, fundador da familia ROCHA FARIA no Rio Grande do Sul, originaria, como se vê, de Pernambuco. A diversidade dos apelidos de familia dos dois irmãos — ROCHA FARIA e FARIA ROCHA — não tem nenhuma importancia, pois que isto era e ainda é comum nas familias brasileiras. O cunhado NISIA, que tambem faleceu prematuramente, em 1836, foi o pai do primeiro barão e conde de Nioac, Manuel Antonio Rocha Faria, nascido em Porto Alegre, em 1830, e avô do segundo barão de Nioac, Alfredo da Rocha Faria de Nioac, nascido em Montevideo, e, segundo consta, ainda vivo, em França. Do fato de ter sido o batizado efetuado na residencia do dr. Rocha Faria, podemos concluir que eram cordiais as relações de amizade entre os dois irmãos, e que Nisia e Manuel Augusto eram casados.

Nisia dedicou-lhe os **Trois ans en Italie**. Acompanhou-a à Europa, de onde regressou em 1852, para se radicar definitivamente no Brasil, onde viveu e morreu. Casou muito jovem, em 1857, ignorando-se o nome da esposa. Nisia contrariou o casamento, e ralava-se de desgosto, na Europa, por ver que o filho estava sendo arrastado por um amor cujas consequencias ela não podia prever... Entrou numa igreja, na Bélgica, para dirigir uma prece a Deus, e invocar o espírito do marido, para que desfizessem as tendencias matrimoniais do filho. Depois se acomodou ao fato consumado. Visitando Pio IX, mostrou-lhe o retrato do filho e da nora, impetrando benção. Em 1872, no Brasil, conheceu a nora, e se lhe afeiçãoou: "vertueuse

femme, véritable cœur d'ange, à qui je m'étais si maternellement attachée". (Fragments).

Durante muitos anos, Augusto Américo foi educador no Rio. Em 1866, dirigia o Colegio Santo Agostinho, juntamente com João Antonio de Azevedo, na rua Andaraí Pequeno, 34, hoje Conde de Bonfim. A casa que atualmente tem este número foi construída em 1890, esquina da rua Alfredo Pinto, antiga do Clube Atlético, para a qual davam os fundos do internato do Imperial Colegio de Pedro II, quando funcionava na rua de São Francisco Xavier.

Em 1868, desligaram-se os dois companheiros de direção: Augusto transferiu o colegio para o palacete Figueiredo Junior, próximo à Serra da Tijuca, e o professor Azevedo foi abrir um estabelecimento com o seu nome, na rua do Catete, 156.

Em 1869, o Colegio Santo Agostinho funcionava na rua Engenho Velho, 63, hoje Haddock Lobo.

Em 1874, passou a funcionar na rua da Constituição, 41. Em 1875, foi vendido ao bacharel Francisco Moreira da Rocha, "brasileiro, natural de Minas, formado em São Paulo, em 1854", que passou a denominá-lo Colegio Moreira, e o mudou para o predio 39 da mesma rua.

Em 1885, quando Nisia faleceu, seu filho dirigia o Colegio Augusto, "no muito saudavel arrabalde de Engenho Novo", sem que os anuncios indicassem a rua, mencionando, entretanto, que era dirigido pelo "muito conceituado ex-diretor do Colegio Santo Agostinho".

Até 1892 se encontram anúncios do mesmo collegio, naquele bairro. Em 1894, em seu logar existe o Collegio Loureiro, "ex-collegio Augusto", para o sexo masculino, direção do engenheiro Francisco Luiz Loureiro de Andrade, rua Souza Barros, 19, Engenho Novo.

Pudemos ainda colher do venerando dr. Loureiro de Andrade, falecido, em 1940, com 91 anos de idade, algumas informações sobre o Collegio Augusto. Não conheceu o saudoso educador o filho de Nisia. Comprou o Collegio, em principios de 1892, à viuva, de cujo nome não se recordava. Sabia que o casal não deixara filhos. Assegurou-nos haver sido o eminente sr. Washington Luiz aluno do professor Américo, bem como Maximino Maciel.

Augusto Américo, falecido em 1891, não foi até hoje recordado pelas centenas de alunos que teve. Sua memoria está inteiramente relegada ao esquecimento.

\* \* \*

Nisia não conheceu netos. Sua descendencia se extinguiu com os dois filhos, que tanto amou, e que tão bem soube educar. O único elemento que temos, para afirmar que ela não deixou netos é a ausencia completa de qualquer referencia aos mesmos, em seus escritos. É absolutamente inconcebível que não se julgasse a mulher mais ditosa do mundo, se lhe houvera sido dada a graça de ser avó. Extremosa como era, não é de admitir que pudesse esquecer os netos em sua obra literaria.

De seus sobrinhos não se conhece hoje nenhum. Entretanto, é provavel que existam descendentes de seu irmão Joaquim, que, falecido em 1875, já era avô, tendo lhe sobrevivido 6 filhos.

**SUA FORMAÇÃO**



Onde esta mulher extraordinaria fez os seus estudos? Onde e como conseguiu ilustrar-se tanto, de que meios dispôs para se constituir em exceção no Brasil no século XIX? Dificil responder a estas interrogações.

Ha de ter feito os primeiros estudos em Goiana, onde residiu durante anos da meninice. Em Paparí é que não há de ter sido, pois ali só existiu escola pública em 1860, e particular não havia nenhuma, nem mesmo nesta data. Tendo se demorado no Rio Grande do Norte, de 1819 a 1824, isto é, dos 10 aos 15 anos, quiçá levou a instrução rudimentar que era possivel às meninas de sua idade, nos dias de antanho: aritmética, doutrina cristã, historia, desenho, música, trabalhos de agulha, caligrafia, noções de portugûês, francês e geografia, e até latim. Com o pai, em Floresta, desenvolveu estes estudos, servida pelo espírito culto de Dionisio Pinto.

Goiana foi um grande centro moral e intelectual na vida de Pernambuco. Foi o seu primeiro municipio que alforriou os escravos, antes do 13 de maio. Berço de homens notaveis, como o dr. Picanço, cirurgião-mór da Casa Real, barão de Goiana; os padres João Ribeiro e João Barbosa Cordeiro; e Nunes Machado, que foi o seu primeiro juiz de direito (1834),

— contribuiu para a historia pernambucana com inescutíveis feitos de valor e audacia, reveladores dos elevados sentimentos cívicos de sua gente. Ali fundaram os Carmelitas, desde o século XVII, o seu convento, e foram eles, mais tarde, que espalharam a instrução entre os habitantes. Foco de cultura e riqueza, foi neste rincão que Nisia abriu a intelligencia maravilhada às surpresas da ciencia e das letras, que havia de cultivar com esmero, por toda a vida.

Em Recife e Olinda, onde residiu até fins de 1832, engolfou-se nos estudos, dando maior amplitude aos seus conhecimentos. Nunca, em suas obras, fez a mais remota referencia às suas mestras. Os viajantes que nos transmitiram informações acerca do Recife daqueles tempos, nos falam da existencia de varias escolas públicas. Até 1821, não havia nenhuma livraria (Maria Graham). A população, inclusive Olinda, orçava por 70.000 habitantes. Já existiam conventos de varias ordens: Franciscanos, Carmelitas e da Penha. Não há alusão a collegios de freiras.

O que é certo, louvando-nos no seu proprio depoimento, é que em Recife já se familiarizara com os clássicos portuguezes, já sabia de cor as poesias de Castilho, já declamava Horacio e Virgilio, manejava com facilidade o francês, tendo posto em linguagem a edição franceza de uma obra inglesa. No Rio, em 1838, annunciava nos jornais que era professora de francês, latim e italiano, aos 28 anos de idade. No seu collegio, tanto aqui como no Rio Grande do Sul, exclusivamente ela lecionava quasi todas as disciplinas. Em Recife, estudou e amou. Os confr-

des pernambucanos devem uma conta de gratidão a Nisia Floresta, pelo muito bem que ela disse de sua terra e de seu povo. Pois a eles nos dirigimos, solicitando-lhes que tragam a sua achega a esta biografia, reconstituindo a sua passagem por alí, as suas atividades, através da coleção do **Diario de Pernambuco**, que eles gozam o privilegio de ter à mão, ou esclarecendo as deficientes notas que obtivemos, acerca da familia do marido de Nisia e dos seus recursos econômicos.

A paixão das letras e das ciencias foi obsidente nesta mulher. Na Europa, as suas occupações não eram simplesmente as de uma turista de vida folgada, com a mania ambulatória, vendo as coisas sem as sentir, observadora impassivel dos panoramas que se sucediam a seus olhos. Aplicou seu tempo em estudar as varias facetas por que os cenarios se apresentavam ao seu espírito. Nunca as viagens ajudaram mais decisivamente uma intensa e insatisfeita vontade de saber. Em París, frequentou cursos de literatura (**Trois Ans**, vol. I); em Florença, aos 51 anos, o curso de botânica do prof. Parlatore, antigo colaborador de Humboldt. Esta ciencia já havia sido por ela perlustrada no Colegio de França e no Museu de Historia Natural (*ib.*, vol II).

\* \* \*

Durante cinco anos, Nisia esteve em Porto Alegre. Grande admiração lhe suscitou o povo gaúcho, em cujo seio viveu dias felizes ao lado do marido; on-

de enviuvou e se iniciou no magisterio. Pelos termos de seu anuncio do **Jornal do Comercio** de 31 de janeiro de 1838, fora ali preceptora, desde 1834. Não obtivemos noticias mais minuciosas de sua residencia no Rio Grande, nem mesmo na **Noticia descritiva** do francês Nicolau Dreys (1839), que é omissa quanto à instrução na provincia.

Chegou ao Rio em 1837, pois em janeiro de 1838 já se encontrava aqui. Não pudemos verificar o dia exato em que aportou, devido às lacunas da coleção do **Jornal do Comercio** pertencente à Biblioteca Nacional. Segundo escreve, nos **Conselhos à minha filha**, demorou ainda ali cinco anos após a morte do marido, levando os filhos constantemente ao cemiterio, afim de renderem homenagem à sua memoria. Nas seguintes palavras consignou o seu devotamento ao Rio Grande. "J'avais quitté à regret cette noble terre à laquelle m'attachaient une tombe et la sympathie que je ressentais pour l'heroïque peuple rio-grandense". (Fragments, pag. 68).

**O COLEGIO AUGUSTO**

Durante 17 anos, manteve nesta Capital o seu estabelecimento de instrução para meninas. Abriu-se a 15 de fevereiro de 1838 (v. anuncios do **Jornal do Comercio**). Não pudemos averiguar qual foi seu primeiro nome, mas é de presumir que tenha sido Augusto, desde o inicio, em homenagem à memoria de seu marido. Funcionou, a principio, na rua Direita, 163, hoje 1.º de Março, tendo-o levado depois para a rua D. Manuel, 20, com entrada pela travessa do Paço, 23. Talvez tenha adquirido o predio, pois nele residiu longos anos sua genitora, que aí veio a falecer, em 1855. No Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Provincia do Rio de Janeiro, appareceu, pela primeira vez, o anuncio do Collegio, em 1847. Ensinava-se latim, caligrafia, religião cristã, aritmética, historia, geografia, linguas e gramáticas portugueza, franceza, italiana e inglesa; música, dança, piano, desenho e trabalhos de agulha. Não informava quanto aos preços, como faziam os estabelecimentos congêneres.

Henrique Castriciano possui um exemplar dos Estatutos do Collegio AUGUSTO, dos quais constam os seguintes preços: — internas, 20\$000; semi-internas, 10\$000; externas, 4\$000. Trata-se de regulamento muito minucioso. As internas teriam que levar

bacia de rosto, vaso de noite, etc.; as externas, cadeiras e livros. O método direto em Francês era de rigor. Entre os castigos, havia a prisão, ficar uma hora de pé, ficar privada do "suetto do sábado". Para menina que chegasse ao Collegio contando episodios passados em casa, punição severa. Menina que, à noite, quando se despia para dormir, não se portasse com decencia neste ato, era castigada exemplamente, podendo até ser "expelida" do Collegio. Havia educação religiosa. A noite, quando se recolhiam as internas, uma "tirava" o padre-nosso, etc., que as outras repetiam.

Vinha armada de ponto em branco para ensaiar, no cenario mais vasto da Corte, as suas aptidões de pedagoga, que já experimentara em Porto Alegre, onde se aprofundara no estudo das humanidades. Aqui chegou ostentando uma cultura absolutamente invulgar para o seu sexo, naqueles tempos em que a educação da mulher no Brasil se resumia às boas maneiras, dança, piano, trabalhos de agulha, ler, escrever e contar, e receitas de doces. É o mais extraordinario caso de auto-didatismo neste país.

Fixando-se no Rio, procurava apenas um ambiente mais largo para suas aspirações espirituais. Encontrava, em 1838, uma cidadezinha de 137.000 habitantes, suja, cheia de negros, assolada pelas endemias, um meio intellectual dos mais acanhados. Apesar de tudo, era a primeira cidade do Imperio. Havia um extraordinario interesse pela instrução. As escolas pululavam, às dezenas, dirigidas principalmente por estrangeiros. Os europeus que nos visitavam nos a!bo-

res do século passado, não continham sua surpresa ante tão avultado número de collegios. "Não ha talvez país onde a educação esteja mais difundida entre a geração que se forma, do que no Brasil, particularmente na Capital", escrevia Walsh, em 1828. O **Jornal do Comercio** chegava a se alarmar, em 1840, com a profusão de escolas, e com a facilidade com que qualquer individuo, sem idoneidade comprovada, abria collegios para "educar" a mocidade. O **Mercantil**, de 13 de janeiro de 1846, insere um longo artigo, analisando o estado da instrução na Corte, censurando a desmoralização que estava lavrando: qualquer pessoa montava um collegio, sem ser necessario comprovar sua competencia e idoneidade moral; o governo não se incomodava, o ensino era uma industria; cada collegio com os seus métodos; cada pai com as suas exigencias, que os estabelecimentos iam atendendo, para não perder os alunos, etc. Por esse mesmo tempo, em Portugal se verificava idêntico fenômeno, que levou Castilho a lançar as suas sabias advertencias, em dezembro de 1842: "A liberdade de ensino não entra, ou não deve entrar, no rol dos chamados direitos do cidadão. Lisboa está inçada de escolas e collegios fundados e regidos por homens destes (**nescios**), sem nenhum gênero de habilitação, e tão baldos de tudo que se requer para este officio espinhosissimo, que o mais leve exame, que a autoridade lhes tivesse mandado fazer, haveria logo evidenciado a sua incapacidade". (**Vivos e Mortos**, vol. IV, pag. 11).

No **Jornal do Comercio**, de 31 de janeiro de 1838,



Nisia anunciava a próxima inauguração do seu collegio:

“D. Nisia Floresta Brasileira Augusta tem a honra de participar ao respeitavel público, que ela pretende abrir no dia 15 de fevereiro, na rua Direita, 163, um collegio de educação para meninas, no qual alem de ler, escrever, contar, coser, bordar, marcar e tudo mais que toca a educação doméstica de uma menina, ensinar-se-á a gramática da lingua nacional por um método facil, o francês, o italiano, e os principios gerais da geografia. Haverão igualmente neste collegio mestres de música e dansa. Recebem-se alunas internas e externas. A diretora, que ha 4 anos se emprega nesta occupação, dispensa-se de entreter o respeitavel público com promessas de zelo, assiduidade, e applicação no desempenho dos seus deveres, aguardando a occasião em que possa praticamente mostrar aos pais de familia que a honrarem com a sua confiança, pelos prontos progressos de suas filhas, que ela não é indigna da ardua tarefa que sobre si toma. Todavia não pode deixar de advertir que, sendo a cadeira de francês immediatamente dirigida por ella, muito se devem aproveitar as educandas da vantagem que tem de poderem no trato escolar exprimirem-se nesse idioma, o que certamente muito concorrerá para o seu adiantamento”.

Nos jornais do tempo poderíamos enumerar os collegios de maior importancia. Em um ano deparamos 37 de meninos e 40 de meninas: Em Niterói, desde 1835, havia Escola Normal, a primeira do Brasil. O Collegio de Pedro II começaria a funcionar

em março de 1838. O de Nisia se enfileirava entre os dirigidos por educadores estrangeiros, e eram os mais bem reputados da época: Mrs. Wilfords, Mme. Louise Halbout, Mme. Mallet, a baronesa de Geslin, Mr. e Mrs. Hitchings; Challas e Bellay; Chesnay; Jouilly, Casimir Lieutaud, o barão de Tautphoeus, Mr. e Mme. Lacombe, Mr. e Mme. Huet, Mme. Carolina Hoffmann, Mme. Tanière, etc. Os brasileiros são, entre outros, o Coruja, D. Catarina Lopes Coruja, D. Maria Ludovina Pestana Cipriano, Januario Mateus Ferreira, immortalizado por José de Alencar, que foi seu aluno, na rua do Lavradio, 17. (V. **Como e porque sou romancista**).

Nisia, no **Opúsculo humanitário**, abriu campanha contra os estrangeiros que abandonavam o seu país para vir fundar collegios no Brasil, e chamava a atenção das autoridades para os perigos a que este fato expunha a mocidade. (V. **Revista das Academias**, Rio, fevereiro de 1938).

Os educadores brasileiros encontravam grandes dificuldades para competir com os estrangeiros, portadores, algumas vezes, de títulos intellectuais que os habilitavam superiormente para a profissão. Assim mesmo, sabendo dos obstáculos que iria encontrar, Nisia fundou o seu Collegio, ajudada só de si mesma, de sua inquebrantavel energia, de seus apreciaveis dotes intellectuais. Adotou métodos que honravam os seus conhecimentos pedagógicos, lutou contra a rotina, desvelou-se pela formação moral das meninas. Limitou a capacidade de suas classes. O método direto no ensino das linguas vivas estran-

geiras não foi inovação sua. No Collegio Vitorio, o professor de inglês só se dirigia neste idioma aos seus alunos, e no de Mme. Tanière só se falava francês, "nas horas não destinadas às classes de portuguezs".

Os collegios já usavam largamente as colunas dos jornais para a intensa propaganda das excelencias de sua organização, de seus processos de ensino, dos seus "preços módicos", da excepcional moralidade reinante, etc. Os preços não ficavam abaixo dos de hoje, tendo-se em vista o valor aquisitivo da moeda: linguas e dança, à parte: 6\$000. Comprometiam-se a fornecer material aos alunos por 2\$000 mensais. Pensão 24\$000 (internos) e 10\$000 (externos). Um deles anunciava ruidosamente possuir uma sala de banho. A separação dos sexos era de rigor. O **Liceu Minerva**, de Antonio Navarro de Andrade, Campo da Aclamação, 29, dispunha de "chácara para recreio e tanques para banho". Faziam questão de apregoar que mantinham muitos gratuitos. Dir-se-ia que se submetiam a este sacrificio só para efeito de publicidade. O **Vitorio** chegou a estampar nos jornais a importancia exata que lhe haviam custado os gratuitos, em um ano: seiscentos e tantos mil réis, cifra efetivamente muito alta para a época (1846), pois corresponderia hoje a um conto de réis mensal. Alguns consideravam necessario dizer que os diretores faziam as refeições à mesma mesa dos alunos. Mme. Tanière "via" suas alunas diariamente. Ligava-se capital importancia à caligrafia. Contratavam-se calígrafos, como hoje se contratam ótimos professores de

linguas. Quando não se sonhava ainda com a datilografia, toda a gente deveria escrever bem.

Os jornais noticiavam largamente, no fim do ano, as festas escolares. Vez por outra se creava uma seção destinada aos assuntos educativos, que logo desaparecia, ou descambava para os ataques injustos a uns, ou exagerados elogios a outros, conforme as simpatias do redator. O **Mercantil** manteve uma seção intitulada **Instrução Pública, Revista dos Colegios**, na qual se colhem dados interessantes sobre a vida de alguns educandarios. Fica-se sabendo que Januario Mateus Ferreira tinha o seu collegio próspero, com uma frequencia de 300 alunos. Muita disciplina. Januario, confirmando o juizo de José de Alencar ("ríspido e severo em demasia"), não tratava bem os professores, que estavam constantemente sendo substituidos, prejudicando o regular funcionamento das classes.

O **Colegio Augusto** não foi bem recebido pelas concorrentes estrangeiras. As audacias da diretora, seu carater *sui juris*, suas idéias já conhecidas em prol da reabilitação da mulher, causaram mal-estar entre as rivais assustadas, e entre os catões, que aborreciam aquela mulher metida a homem, pregando a emancipação do seu sexo, batendo-se pela extinção da odiosa tirania masculina, escrevendo nos jornais, estigmatizando os senhores de escravos, afrontando desassombadamente seculares preconceitos.

O **Jornal do Comercio** e o **Mercantil**, em 1846 e 1847, publicaram elogiosas noticias sobre o aproveitamento das alunas do seu collegio, salientando a

capacidade intelectual da diretora. Disto resultou um surto de pasquinadas contra Nisia, pelas colunas pagas deste último, nas quais se acolhiam mofinas indignas, com alusões veladas à sua vida particular ao tempo em que residiu no norte, e a relações íntimas com um chapeleiro e um sacerdote. Até aí chegava o despeito das concorrentes, que se valiam da sarjeta do **Mercantil**, sob o anonimato, para extravasar o seu odio contra a brasileira que tivera a ousadia de abrir um collegio para instruir suas patricias. Reportando-nos ao meio social daquele tempo, verificamos como são inconsistentes as acusações que se faziam à vida privada de Nisia. Não seria possível que, entre tanto preconceito, tanta carolice, espiada por enxames de bisbilhoteiros, uma diretora de collegio de meninas, com uma enorme responsabilidade moral, praticasse deslises que poderiam incompatibilizá-la imediatamente com a sociedade em que vivia, inflexível em punir as leviandades ou a quebra de compostura... das mulheres. Nisia habitava em uma das ruas principais do Rio de Janeiro de outrora, perto do Paço, e tinha como vizinhos, segundo a crônica de Vieira Fazenda, gente de todo o respeito, os Pestanas, os Pires, os Sevénés, o Dr. Pedroso, o Almirante Lobão, que foi a Nápoles buscar a terceira Imperatriz; os cônegos Santos Lemos, vigario de São José, e Francisco Figueiredo de Andrade, etc. (V. **Antiquilhas**).

A Travessa do Paço, que conserva as dimensões antigas, era bastante indiscreta para que uma viuva

conceituada, educadora conhecidissima, se arriscasse a aventuras.

Estes golpes da maledicencia lhe alancearam a alma. Mais tarde externaria sua amargura, nestas palavras que escreveu em Carlsruhe (*Itinéraire d'un voyage en Allemagne*): num parque viu uma professora com alguns meninos, e lembrou-se de uma outra, "cujo coração e espírito se harmonizavam para instruir a mocidade: apenas esta se limitava a ministrar lições entre as paredes de um estabelecimento, e em um país onde não se compreende ainda todo o alcance de uma educação geral, que forma, simultaneamente, o moral e o físico; ao passo que a mulher que ali estava diante de mim, instrua, viajando, seus alunos, cujos pais sabem apreciar as vantagens deste método, que fará rir aos espíritos ainda atrasados".

O magisterio foi uma das vocações predominantes de seu espírito, ao lado da ação social e do amor às letras. Toda a sua obra de professora e de escritora testemunha o seu cuidado pela formação moral e intelectual da juventude, sobretudo no **Opúsculo Humanitario** e nas **Scintille**. O Sr. Afranio Peixoto cometeu uma injustiça, omitindo-lhe o nome na **Educação da Mulher**, onde ficaria ao lado de Lino Coutinho.

Em 1849, tendo seguido para a Europa, antes de encerrar o ano letivo, deixou a direção do **Colegio Augusto**, passando-a não se sabe a quem, pois que nenhuma declaração publicou nos jornais. Até 1856, figurou no Almanaque Laemmert: "Colegio Augusto, rua D. Manuel, entrada pela travessa do Paço, 23".

Naquele ano se encontra o seguinte anuncio: "D. Livia Augusta de Faria Rocha, habilitada para dirigir collegio de instrução primaria, e lecionar lingua franceza, rua D. Manuel, entrada pela travessa do Paço, 23". Os anuncios do Almanaque, que circulava em janeiro, se referiam sempre ao ano precedente. Livia tinha regressado da Europa em janeiro de 1852, para ali regressando em 1856. Desta data em diante, não se encontra noticia de qualquer estabelecimento dirigido por Nisia, nem mesmo de 1872 a 1875, quando permaneceu no Brasil. Sá muito mais tarde, seu filho batizaria seu collegio com o nome de Augusto, honrando a memoria do pai, e a bela obra educativa de sua excelsa genitora.

Encontra-se na obra literaria de Nisia mais de uma referencia ao seu Collegio. Em Roma, em 1858, o encontro com o Monsenhor Giacomo Bedini, que, ao tempo em que residiu junto à Corte de Pedro II, tanto se interessava pelos educandarios do Rio, visitando-os constantemente, desperta-lhe gratas lembranças dos dias passados entre a juventude estudiosa. Eis como nos fala no vol. I dos **Trois ans**, pag. 75:

"A presença do Arcebispo de T..., que encontrámos em Roma, e que nos acolheu tão cativantemente, desperta vivamente em meu espirito a lembrança de um destes quadros, de cujo fundo ressaltava a esperança patriótica que me ajudou, durante vinte anos, a desempenhar a tarefa mais difficil e importante que me impusera, tão jovem ainda, e com os únicos recursos de minha fraca intelligencia.

"Foi em uma grande reunião havida no Collegio

Augusto, no Rio de Janeiro, para os últimos exames anuais de literatura e de linguas estrangeiras, prestados por um grande número de moças, que eu tive ocasião de falar pela primeira vez a este prelado, então Nuncio Apostólico no Brasil. Convidado para assistir a esses exames, e a julgá-los por si mesmo, apressou-se em comparecer, com aquella afabilidade e espirito de distinção que o caracterizam na sociedade. Pareceu tão satisfeito quanto maravilhado, ouvindo recitar, em sua harmoniosa lingua materna, belos trechos em prosa e verso, dos melhores autores com que o genio honra a bela e nobre Italia. Mas sua surpresa requintou quando uma menina, saída do meio daqueles grupos de estudantes, lhe fez lembrar as belezas da lingua do doce Virgilio, declamando mais de uma centena de versos da **Eneida**, e traduzindo literalmente algumas odes seletas de Horacio.

“O homem do Velho Mundo, apreciador dos grandes poetas, tinha razão para se admirar, encontrando ali, tão longe das plagas européias, em um país que se tem ainda a ingenuidade de considerar semi-selvagem, um estabelecimento de meninas, onde, ao mesmo tempo que se lhes ensinava a prática das virtudes domésticas, não se desdenhava de lhes cultivar o espirito, revelando-se-lhes as belezas dos Herculanos, dos Racines, dos Shakespeares, dos Goethes, dos Dantes e dos Virgílios”.



**ENFERMEIRA**

Aderindo ao movimento de solidariedade humana que se registrou na sociedade carioca, em 1855, por ocasião da epidemia da cólera, que, só na Corte, ceifou mais de 6.000 vidas, fez-se enfermeira, em homenagem à memória de sua mãe.

No **Pranto Filial** conta como se decidiu ao gesto de altruísmo: "Mas eis que o sonho funesto de uma virgem se realiza. A **cholera-morbus** sopra seu hálito mortífero em nossa linda atmosfera, e desce feroz sobre as vítimas que designa torturar-lhes as entranhas, desfigurando-lhes as feições antes de fazê-las passar ao domínio da morte.

"O grito de dor geral ecoa-me no coração con-frangido de dor! O espírito de caridade reanima-me as forças quasi exaustas, e, por um movimento supremo de minha vontade, arranquei-me a meu leito de agonia, invoquei a tua memória, ó minha mãe, e mostrei-me aparentemente calma, nesse mundo caricato que eu havia abandonado, e onde agora, no exercício da caridade, buscava atenuar a saudade que me deixaste.

"Os pungentes gemidos dos coléricos moribundos retumbavam a meus ouvidos, e penetravam-me o coração que tu formaste, despertando e dirigindo todas

as suas faculdades em prol daqueles infelizes! Tu eras comigo, ó minha mãe, naquele receptáculo de dores!

“Eras tu verdadeira irmã de caridade, sem ostentação de virtudes aparentes, solícita, carinhosa, paciente, boa, como te vi eu sempre, e te viram outrora, os desgraçados dos arredores da Floresta, a quem estendas mão socorredora e liberal, que eu agora seguia pelo pensamento, e queria copiar...”

Foi servir na enfermaria de Nossa Senhora da Conceição, rua da Quitanda, 40, perto do consultório do seu cunhado, Dr. José Henrique de Medeiros, que era um dos médicos do estabelecimento. Uma subscrição aberta para manter a enfermaria rendeu a avultada soma de 8:045\$000 (cerca de cem contos de réis hoje), encontrando-se entre os doadores o barão de Pirassununga. (V. **Correio Mercantil**). No **Jornal do Comercio** de 11 de novembro de 1855, foi publicado um agradecimento de Joaquim Antonio Pereira aos médicos e às irmãs de caridade, “e com especialidade à Ilma. Sra. D. Nisia Floresta Brasileira Augusta”, pelo restabelecimento do seu irmão e de um seu hóspede, José de Castro, que teriam sucumbido por falta de recursos, se não fora a solicitude e a competência do pessoal da enfermaria. O **Jornal do Comercio** publicava diariamente longo noticiário e abundantíssimos **A pedidos** sobre a “molestia reinante”.

Quando viajou pela Italia, visitou o Grande Hospital de Milão, e deteve-se na enfermaria de crianças (**Trois Ans**, vol. II, pag. 51). “Meu espírito vogava para outro hemisferio. Eu pensava nos pobres doentes da enfermaria da Conceição, que, como outras,

almas caridosas mantiveram no Rio de Janeiro, por ocasião da primeira invasão da cólera naquela cidade, pelos fins de 1855. Tinha acabado de sofrer a perda de minha adorada mãe, e, em minha dor, encontrei uma especie de consolo, correndo para a cabeceira dos infelizes atacados pela horrível epidemia, para lhes dispensar os meus pequenos cuidados. Lá, junto aos seus leitos, parecia-me sempre perceber a sombra radiosa de bondade de minha casta mãe, que segui, tantas vezes, na infancia, entre os pobres doentes das imediações de Floresta, perto dos quais se insinuava furtivamente, com toda a solicitude de sua alma pia e caritativa.

“Minha imaginação ma representava satisfeita com a minha obra, que era a sua, e eu prossegui com um sincero fervor, durante todo o tempo que durou o flagelo no Rio de Janeiro, na sua maior intensidade, sem atender aos receios quotidianos de minha cara familia e dos amigos, que se inquietavam pela minha vida, sem prestar atenção às mesquinhas considerações daqueles cujo espirito não é capaz de compreender o devotamento, sem um intuito qual-quer de interesse pessoal”.

Na enfermaria da Conceição só se tratava pela homeopatia, segundo uma noticia estampada no **Correio Mercantil** de 17 de novembro de 1855. Nisia era uma entusiasta desta terapêutica, e sua pròpagan-dista convicta. Diz claramente, nos **Fragments**, que foi ela quem salvou o irmão, em 1849, tratando-o pela homeopatia d, depois que cinco alopatas fracassaram. Na Italia, sentindo-se enferma, procurou um homeo-

pata. “Minha predileção particular pelo mais simples, doce, e que me seja permitido dizê-lo, pelo mais humano dos sistemas que a medicina encontrou para curar os males físicos, quis consultar um discípulo de Hahnemann”, (*Trois Ans*, vol. II, pag. 306). Mas acabou consultando um alopata, porque o único homeopata de Florença estava ausente.

Segundo presumimos atreveu-se a receitar homeopatia a Augusto Comte... Ha uma carta do Mestre, datada de 24 de agosto de 1857, em que ele se mostra irritado, respondendo a uma de Nisia, que não foi encontrada no arquivo de Comte. Tudo leva a crer que o aborrecimento manifestado pelo Apóstolo de Humanidade, a ponto de qualificar de pouco sensato o conselho de Nisia, foi motivado por alguma prescrição que esta lhe teria feito, movida apenas pelo grande interesse que tinha pela conservação daquela vida verdadeiramente preciosa. E as suas ponderações não seriam certamente no sentido de o Mestre consultar os alopatas. Comte recusou, indignado, o alvitre, achando que, sem auxilio da medicina, ficaria inteiramente restabelecido em setembro seguinte, quando faleceu...

**ABOLICIONISTA**

Conhecidas são as suas idéias sobre o problema servil. Foi uma das primeiras vozes americanas a cauterizar a infame instituição. Pela eloquencia de sua palavra foi um baluarte da causa emancipadora, podendo ser inscrita no rol de Nabuco, Patrocínio, Luiz Gama, Ruí, Tavares Bastos, José Bonifácio, etc. Assegura-se que, em 1842, fizera conferencias abolicionistas e republicanas, no Rio, pregando, ao mesmo tempo, a liberdade de cultos e a federação. Não encontramos em nenhuma parte noticias de tais meetings, nem em suas obras, nem nos jornais contemporaneos.

No *Opúsculo Humanitario* manifestou-se contra a escravidão, falando como educadora que pressentia as graves repercussões que os costumes degradados de uma sociedade escravista teriam sobre a formação das gerações jovens (pag. 107). No artigo 49, reclama justiça para os desgraçados escravos, com expressões cáusticas para os opressores dos negros, que deshonravam a obra de Deus,

...qué uma raça não fez  
para sobre as outras ter  
revoltante primazia  
ilimitado poder. (1)

---

(1) Nisia Floresta. *A lágrima de um caeté*.

Muitas vezes, em Paris, discretoeu com Saint-Hilaire acerca dos erros da educação das meninas brasileiras, acentuando os prejuizos morais inestimaveis que as cenas quotidianas do cativoeiro lhes imprimiam na retina, influindo maleficamente nos seus hábitos, na sua mentalidade. Era a mesma a opinião do sabio naturalista: "O senhor de escravos está pois, obrigatoriamente, rodeado de seres abjetos e corrompidos; é no seu meio que os filhos se criam; os primeiros exemplos que têm sob as vistas, são os do roubo e da dissimulação. Como não se familiarizarem com esses vicios e tantos outros da escravidão? Lamentemos o escravo, sem dúvida, mas não deixemos de lamentar também o senhor, que os utiliza". (*Viagens às nascentes do rio São Francisco e pela provincia de Goiaz*, tomo I, pag. 105).

Mais tarde, residindo na Europa, não perdia Nisia oportunidade de manifestar ostensivamente o seu horror à escravidão. Nas *Scintille* e nos *Trois Ans* se acham abundantes provas de suas convicções anti-escravistas. Em Nápoles, escrevia (*Trois Ans*, vol. I):

"A propria raça negra, cuja inferioridade moral se tem querido aquilatar pela diferença fisica que certos anatomistas encontram entre alguns órgãos do homem negro e do homem branco; esta raça, dizia eu, sobre quem pesam ainda os mais absurdos preconceitos e a atroz tirania da raça branca, forneceria, em geral, uma prova à verdade de minha asserção, se fosse colocada em condições favoraveis. Quantas vezes tenho tido ocasião de testemunhar, entre estas desditosas vítimas da usurpação e da cobiça dos ho-



mens civilizados, traços de virtude e de elevação da alma, que honrariam os maiores heróis da raça branca!

“Não falando senão de uma única região do imperio brasileiro, poder-se-iam compor grossos volumes, se se quisesse enumerar os atos de devotamento, de abnegação, de coragem e de heroismo, cometidos pela raça africana, que para ali foi transportada como escrava, como em toda a América, pelos proprios europeus. Ao mesmo tempo que se vangloriavam da superioridade de sua intelligencia sobre a das outras raças, eles não coravam de a utilizar para violar as mais santas leis da natureza e da moral, e de chumbar o seu semelhante a um perpetuo cativeiro!

“Gloria eterna aos que partirem as cadeias que, para oprobrio da civilização moderna, ainda carregam milhões de individuos, cuja vida se extenua em constantes fadigas, rudemente dirigidos por senhores egoistas e, muitas vezes, cruéis, sem conhecer os gozos que o trabalho e o amor proporcionam ao homem livre.

“Possam os governos de todos os países civilizados escutar os gemidos da prolongada agonia destes infelizes oprimidos, brancos e negros! E que a emancipação gradual dos escravos, no Velho como no Novo Mundo, marcando uma das mais gloriosas etapas nos anais da Humanidade, ateste a elevação das idéias do século de maravilhosos progressos intellectuais”.

Se quisermos ainda apreciar a vibração humana de sua campanha contra a escravidão, admiremos esta página quente e bela (**Trois Ans**, vol. I):

“A domesticidade é uma instituição eterna, que a humanidade conserva, aperfeiçoando-a. Mas a escravidão é uma obra maldita pela ciência, pela religião e pela propria política. Embrutece a intelligencia do senhor, corrompe-lhe o coração, e, cedo ou tarde, sua propria carne...

“Desgraçados dos povos que repudiam o remedio enérgico, reclamado por estas horriveis chagas, que a cupidez e a luxuria entretêm no seio das populações incultas!

“Se a revolta fosse alguma vez justificavel, não seria quando tem como protagonistas estas nobres raças de selvagens, que se torturam, desgraçando-as?

“O único meio de impedir estas soluções violentas é, parece-me, transformar a escravidão em domesticidade, incorporando-a nas familias. A solução do problema mais temivel do Novo Mundo, é, pois, bem simples. Amai vossos negros, e eles vos servirão, não como brutos, mas como homens livres e devotados.

.....

“O’ minha patria, Eden desse mundo imenso, extraordinario, aparecido aos olhos arreobados de Colombo, deixa, ah! deixa livremente rebentar do teu nobre peito o grito humanitario que nele retens com dificuldade, em face dos deploraveis preconceitos que te transmitiram os teus antigos dominadores de alem-mar! Sê consequente com as livras instituições que te regem, com a religião que professa: quebra, ah! quebra as cadeias dos teus escravos! Torna-te inteiramente digna, por esse ato de justiça e

filantropia, do renome de generosa bondade que te concedem até os que desconhecem as tuas virtudes!

.....

“Senhores do Brasil, esse solo abençoado em que respirais, mostrai-vos dignos dele, fazendo desaparecer do meio de vós a maior vergonha dos povos cristãos! Vergonha que macula ainda os vossos altivos vizinhos do norte, apesar dos admiráveis progressos do seu genio empreendedor e dinâmico. Cessai uma horrível profanação da natureza humana: ela deve ter, cedo ou tarde, como resultado, terríveis represalias”.

Seus protestos e apelos não terão sido inúteis. Como muito bem aventou o Sr. Reis Carvalho (**Os feriados brasileiros**), eles contribuíram para preparar a intervenção da Junta Francesa de Emancipação, em 1866, junto ao Imperador, no sentido da abolição.

# **A FEMINISTA**

Nisia Floresta foi, no Brasil, a precursora da reabilitação social da mulher. Toda a sua obra de escritora e de educadora revela a sua paixão por este ideal, a que se consagrou desde os 23 anos, quando traduziu o livrinho de Mrs. Godwin. Seu feminismo era então restrito à elevação da mulher pela instrução, pela educação e pelo trabalho. Os objetivos políticos teriam que vir depois, com a sequencia natural do programa de reivindicações, desfraldado, em 1792, pela revolucionaria inglesa. Quando Maria Woolstonecraft lançou ao público suas atrevidas opiniões, a situação da mulher era a mais precária por toda a parte, inclusive na Inglaterra, onde só na segunda metade do século XIX é que foi admitida no governo da sociedade, assim mesmo de maneira que muito deixava a desejar. Justamente no ano em que Nisia publicou a tradução, foi concedido, na Grã-Bretanha, o direito de voto a Miss Eva. Tão retumbante triunfo, porem, foi efêmero, porque logo depois anulado pelo **Reform Act**, que restringiu aos "individuos masculinos" a capacidade eleitoral. Longos anos se passariam ainda sobre as generosas idéias dos paladinos da emancipação da mulher, desde Godwin até Stuart Mill, Jacó Bright, Dickinson e a irrequieta e valorosa Silvia Pankurst, que, afinal,

viu vitorioso no Parlamento, em 1919, o sufragio feminino. Na França, onde, ainda hoje, as franquias políticas não se estenderam à mulher, era ainda "ménagère ou courtisane".

Nisia não podia ter entrevisto, de tão longe, este espetáculo hodierno das mulheres parlamentares, ministras e governadoras, num tempo em que os homens mal sabiam, eles mesmos, lidar com as nascentes instituições liberais. No seu ocaso, porem, nos fins do século, havia de se sentir jubilosa com as tentativas arrojadas das sufragistas, as esperanças numa vitoria próxima, as agitações que marcavam o progresso das teses feministas por todos os países cultos, exceção feita da França, onde primeiro surgiram, e onde paradoxalmente ainda encontram o acolhimento menos hospitaleiro, no exato dizer de Léon Abensour (*Histoire générale du féminisme*). Teria rejubilado se houvera podido assistir ao triunfo total dos seus ideais, na sua propria patria, onde a mulher empresta sua colaboração inteligente à administração pública, a todas as atividades do comercio e da industria, frequenta escolas de todos os graus, levando a palma aos rapazes; disputando vantajosamente com eles nos concursos públicos de eficiencia intelectual e técnica; ingressando em todas as carreiras, em todas as repartições, afirmando intrepidamente a sua capacidade de viver dignamente pelo trabalho e pela cultura. Até já figurou nas assembléias políticas, em absoluta igualdade de direitos com os homens. E esta conquista foi iniciada pela terra natal de Nisia. Dir-se-ia uma coincidência adrede preparada, para

honrar a pioneira do feminismo brasileiro, tão esquecida e desconhecida pelas que chegaram depois...

O Rio Grande do Norte foi o primeiro Estado do Brasil a conceder à mulher direitos políticos, aliás um tanto corajosamente, quando ainda se discutia a constitucionalidade da iniciativa. O deputado potiguar Juvenal Lamartine foi sempre um batalhador do voto feminino, e às suas atitudes os maliciosos emprestavam um tanto de esnobismo e de galantaria.

Quando, em 1927, se procedeu à elaboração da lei eleitoral do Rio Grande do Norte, para a adaptar à Constituição revista em 1926, éramos o leader da Assembléia Legislativa. O projeto correu todos os trâmites, até a redação final. Aprovada esta, chega do Rio um telegrama de Juvenal Lamartine, afim de que fizesse incluir uma disposição consagrando a igualdade de direitos políticos dos cidadãos de ambos os sexos. José Augusto, que era então Presidente do Estado, relutou, e replicou a Lamartine, usando, entre outros, o argumento de que a redação final estava aprovada. Lamartine não se deu por vencido, e voltou à carga. José Augusto deixando de lado os seus escrúpulos de exegeta do texto constitucional, arranjou as coisas, para satisfazer Lamartine, certo como estava de que tudo aquilo era um fogo de artifício... Éramos também redator do órgão oficial, **A República**, e, nesta qualidade, fazíamos a resenha dos trabalhos parlamentares. José Augusto, que vivia mais n'**A República** do que em Palacio, sugeriu-nos incluir na resenha uma emenda apresentada por nós, instituindo o voto feminino. Assim se fez. Quando

a lei foi publicada, lá estava a grande "conquista", concretizada no art. 77 das Disposições Gerais: "No Rio Grande do Norte, poderão votar e ser votados, sem distinção de sexos, todos os cidadãos que reunirem as condições exigidas por esta lei".

Assim nasceu o sufrágio feminino no Brasil. No relato destas reminiscências não temos intuito de desmoralizar as suas origens. Apenas estas recordações nos acodem em tropel, e não vemos nenhum mal em que esta história de bastidores, ignorada de tanta gente, entre para os domínios de Clio. As conterrâneas de Nisia Floresta tomaram a coisa a sério, e acorreram em multidões aos cartórios para se alistar eleitoras. Um grande coro de aplausos se fez ouvir em honra da cultura política do Rio Grande do Norte. Vindo ao Rio, pouco tempo depois, o humilde deputado provincial guindado à categoria de campeão do feminismo, recebeu a visita de uma brilhante comissão da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. No governo Lamartine, organizadas as chapas para eleições municipais, incluíram-se várias eleitoras. José Augusto advertia-o, do Rio, quanto aos perigos desta corrida, que poderiam invalidar os pleitos, fazendo-se eco das ponderações sensatas do presidente Washington. O presidente potiguar, porém, não atendeu. Algumas foram eleitas, empossadas, e a revolução de 1930 encontrou-as legislando em vários municípios, com real proveito para o nível moral, intelectual e político das edilidades.

Traduzindo o trabalho de Mrs. Godwin, Nisia o



ofertou às suas compatriotas e aos acadêmicos do Brasil, com as seguintes palavras:

“De vós, patricias, espero que, longe de conceberdes qualquer sentimento de vaidade em vossos corações, com a leitura deste pequeno livro, procurareis ilustrar o vosso espírito com a de outros mais interessantes, unindo sempre a este proveitoso exercício a prática da virtude, afim de que, sobressaindo essas qualidades amáveis e naturais ao nosso sexo, que até o presente têm sido abatidas pela desprezível ignorância em que os homens, parece de propósito, têm-nos conservado, eles reconheçam que o céu nos ha destinado para merecer na sociedade uma mais alta consideração.

“E de vós, mocidade acadêmica, em quem a Nação tem depositado as mais belas esperanças, que sabereis corresponder à sua expectativa, igualmente espero que, atendendo o estado a que o nosso infeliz sexo tem sido injustamente condenado, privado das vantagens de uma boa educação, longe de criticardes a minha temeridade, lamentareis a nossa sorte, que até em pequenas empresas não podemos desenvolver nossos talentos naturais.

“Assim como que, algum dia, nas horas vagas de vossos altos ministerios, lançareis vistas de justiça sobre nosso sexo em geral, se não para empreender uma metamorfose na ordem presente das coisas, ao menos para conseguirmos uma melhor sorte, de que

não duvidareis somos dignas. Destarte, conseguireis nossos verdadeiros louvores, e vossos nomes imortalizados receberão da posteridade a brilhante coroa de vossas virtudes”.

**FLORESTA**

A propriedade Floresta, em que Nisia nasceu, juntamente com a denominada Taboca, situadas em Papari, foram compradas por Luiz Bezerra da Trindade, por seu procurador no Rio de Janeiro, aos herdeiros de Antonia Clara Freire, em 1857. Quando faleceu o comprador, em 1881, passaram a seus filhos e netos, a quem pertencem ainda hoje, contando-se entre eles o Dr. Luiz Bezerra da Trindade, conferente da Alfândega do Rio; Dr. Urbano Reis, residente no Rio, e o confrade Virgilio Trindade, da Academia Norte-Riograndense, a quem devemos estas informações. Floresta mede 2 kms. de profundidade por 1 de testada. O monumento que, em 1909, foi ali erguido à memoria da escritora, está situado no lado sul, onde existiam as ruínas da casa em que nasceu, área que foi cedida pela família Trindade, para esse fim. Quando foi comprado, havia no sitio muitas árvores frutíferas e uma olaria, prestando-se as terras para a plantação de cana e algodão. Nunca existiu ali engenho de açúcar. Havia também coqueiros antigos, de 30 a 35 metros de altura. Presentemente, não ha benfeitorias, achando-se quasi ao abandono, pelo fato de nele não residir nenhum dos seus atuais proprietarios.

Floresta tem sido considerada pelos estudiosos da

vida de Nisia uma povoação. Era, porem, e ainda é, uma simples propriedade rural. Paparí, onde se achava encravada, é uma antiga povoação, cuja matriz tem como orago N. S. do O'. Foi desmembrada da vila de S. José, e elevada à categoria de paróquia por decreto de 29 de agosto de 1833. A lei provincial de 12 de fevereiro de 1852 elevou a freguesia à categoria de vila e municipio, com a denominação de vila imperial de Paparí. Dista 43 quilômetros de Natal, por via ferrea, e 5 de S. José de Mipibú (Manuel Dantas, **Denominação dos municipios**). Quando Nisia nasceu, a atual cidade de Paparí era uma aldeia, tão bem descrita por Koster. S. José já era vila, desde 1762. O municipio é agricola, porem, dos mais pobres do Estado. Já em 1877, escrevia Ferreira Nobre: "Vai em decadencia" (**Breve noticia**, pag. 166). Seu grupo escolar tem o nome de Nisia Floresta. São ainda de Manuel Dantas (**O Rio Grande do Norte. Ensaio corográfico**) as seguintes informações: "A lagoa de Paparí, no municipio do mesmo nome, é um vasto reservatorio, não só das aguas que o rio Trairí traz do sertão, na época do inverno, como dos pequenos ribeiros que correm dos taboleiros arenosos em redor, salpintados de vinte é um pequenos lagos, alguns profundos, como a lagoa do Bonfim. A lagoa de Paparí tem comunicação com as aguas do mar, que, nas marés de enchente, sobem pela barra do Camurupim e o canal do Cururú. E' um bellissimo lençol de agua, espreado-se entre colinas de certa elevação, que, com suas intrusões e reintrancias, formam varias pontas e enseadas. A laguna tem cerca

de três leguas de extensão e três quartos de legua de largura, com uma profundidade media de dois metros”.

\* \* \*

Na obra de Nisia reponta, aqui e ali, a lembrança deste recanto bucólico, onde se escoaram os primeiros anos de sua infancia. Na Suíça, contemplando os lagos, exclama:

“O’ meus belos lagos natais! Se não revelais àqueles que têm a ventura de experimentar vossos encantos naturais, a lembrança do grande mundo romano e dos que se ergueram depois dele, até nossos dias, neste lado da velha Europa, nunca inspirais, por mais solitaria que seja a campina sempre fertii e florida em que ondulais, a desagradavel idéia do nada, que me inspirou o lago do monte Cenis”.

Em Roma, sonha com o Trairí:

“19 de abril. Levantei-me hoje com a alma impregnada do suave perfume que me deixou um dos meus mais belos sonhos nas margens do meu rio natal. Mas Roma ali está com todos os seus tesouros e suas miserias, que me chamam a atenção”.

Viajando de Livorno para Civita-Vecchia, assaltou-a a saudade das praias natais:

“Às 11 horas da noite, só, no convés, deixava o pensamento voar por sobre os mares, para a aldeia esquecida em que nasci.

“O canto de uma rapariga, nesta lingua musical, que vai até a alma; o som melodioso de uma gui-

tarra que tocavam, e que me lembravam uma colina de meu país, onde tantas vezes as doces harmonias tiradas de um instrumento semelhante (o violão), em meio do silencio da noite, me mergulhavam em uma doce ou amarga melancolia, segundo a disposição do meu espírito; este mar, este ruido das rodas, este navio que me afasta cada vez mais de um filho adorado, de uma cara familia; todo o movimento de bordo, iluminado pelo brilhante facho das noites, tinha disposto minha alma para uma profunda fantasia. O' meu dileto planeta, inspirador de minha juventude (o planeta Venus, ou estrela Vésper, v. **Trois Ans**, vol II, pag. 347), quantas puras sensações te devo! Tu, amigo de minha triste infancia, nos jardins balsâmicos de minha risonha Floresta; tu, encanto de minhas noites insones, confidente dos misterios de meu coração, durante uma longa e laboriosa vida, só tu prendeste o meu espírito, de Livorno a Civita-Vecchia”.

Noutro lanço dos **Trois Ans**, escreve:

“E quando, de regresso a Nápoles, novamente me encontrei em meu quarto, situado nas margens do Santa Lucia, donde se percebe a ponta deste belo recanto da terra, que tanto me arrebatou, parecia-me que acabava de encontrar e de ali deixar, com todas as minhas ilusões de moça, minha deliciosa Floresta, sobressaindo em beleza entre as habitações dos arredores.

“Subjugado o espírito por esta doce reminiscencia, eu, pensativa, olhava Sorrento, que me aparecia ao longe, como uma fresca náíade saindo das aguas

do golfo esplêndido, em cuja orla parece repousar em sua concha perfumada”.

Em Florença, 13 de junho de 1858, data natalicia de sua mãe. Evoca-lhe a memoria:

“Reminiscencia, companheira inseparavel e melancólica da existencia!

“Como desdobras hoje, em toda a sua claridade, o quadro retrospectivo daquelas auroras em que o amor, a amizade e a consideração vinham depor aos pés de minha mãe votos e flores, saudando o feliz aniversario do seu nascimento!

“Como esta alegre serie de anniversarios decorridos desde minha infancia até a tua partida deste vale de peregrinação, se apresenta vivamente ao meu espirito, ó minha mãe adorada! Como me comovo à lembrança de tuas emoções, durante aquele periodo começado na deliciosa Floresta, berço de meu nascimento, e terminando nas margens imponentes do Janeiro, no seio de tua familia, de que eras a alma, e onde assinalavas, cada dia, tua vida por um novo traço de celeste bondade!”

Admirando o lago de Guarda:

“A vista deste lago, destas montanhas, destas colinas, e, sobretudo, destes jardins perfumados, me fez experimentar uma tão viva e aflitiva saudade de minhas praias natais, que eu me tornei incapaz de me entregar às recordações históricas que se ligam a estes logares encantadores”.

Na estrada de Catania, visitou ruinas interessantes.

“A algumas milhas da povoação de Giarre, es-



tão os restos do famoso castanheiro, sob cujos ramos Joana de Aragão se abrigou com cem cavaleiros.

“Para uma viajante nascida no Novo Mundo, onde, entre as admiráveis produções da natureza, as árvores gigantescas são, por toda a parte, coisa comum, a descrição que fizeram das grandes dimensões deste castanheiro, não tem nada de surpreendente.

“Lembro-me ainda que, na antiga propriedade de meus caros pais, a próspera Floresta de antanho, arrasada pelo vendaval das revoluções e pelos infortúnios da família, havia, entre outras belas árvores, uma mangueira de imenso tamanho, a cuja sombra meu pai dispôs mesas para duzentos convivas, em uma festa que deu em 12 de outubro”. (Data natalícia de Nisia).

Nos velhos sitios de Paparí se encontram ainda árvores gigantescas. Lembramo-nos de uma existente à entrada da cidade, (1) junto à qual nos detivemos, há uns dez anos, em companhia de amigos que excursionavam por aquele municipio, entre eles o então presidente José Augusto. Para lhe circundar o tronco, foi preciso que seis dos turistas se dessem as mãos. Devemos por de quarentena aqueles duzentos convivas de Nisia. Paparí tinha trezentos habitantes; a vizinha vila de São José, quatrocentos, na maioria indígenas; Natal, setecentos. Onde iria o pai de Nisia recrutar as duas centenas de comensais do banquete em honra da aniversariante?

---

(1) Segundo Luiz da Câmara Cascudo, é um autentico baobá. (A República, de Natal, Janeiro — 1941).

Nos Fragments, falando sobre o irmão:

“Uma parte da primeira infancia de Brasil se passou nesta deliciosa propriedade (Floresta), que, então, bem merecia, em lugar do nome que tinha, o de Oasis.

“Seus passos, ainda mal seguros, seguiam, nas aleas cingidas das flores mais odorantes e variadas dos trópicos, e sombreadas de palmeiras, cajueiros, mangueiras, laranjeiras, etc., os de sua irmã querida, a quem seu pai tinha confiado...”

No Jardim Zoológico de Bruxelas, sentiu emoções acabrunhantes. Ali estava a Patria nos pássaros de nossa fauna. Seus cânticos lhe penetraram a alma. Reviu, num deslumbramento, entre aquelas avezinhas prisioneiras, que cantavam para estrangeiros, mediante um franco de entrada, os lugares sagrados de sua vida, “a deliciosa Floresta de antigamente, meu berço natal, testemunha de minha inocente felicidade fraterna e de minhas primeiras lágrimas filiais”.

Uma vez ainda recairia nas mesmas melancólicas recordações da infancia. De Baden-Baden escrevia, em 25 de setembro de 1856, que, contemplando os lagos das proximidades de Stuttgart, lhe vieram à lembrança os do torrão natal, “que se apresentaram ao meu espírito com toda a poesia dos anos de minha infancia. Abstraí da estrada de ferro e de todo este belo espetáculo de uma adiantada civilização que me cercava no caminho de Stuttgart, e deixei meu espírito viajar até Floresta, entre seus bosques de laranjeiras e de outras árvores carregadas de frutos selvagens e saborosos, que eu colhia, correndo

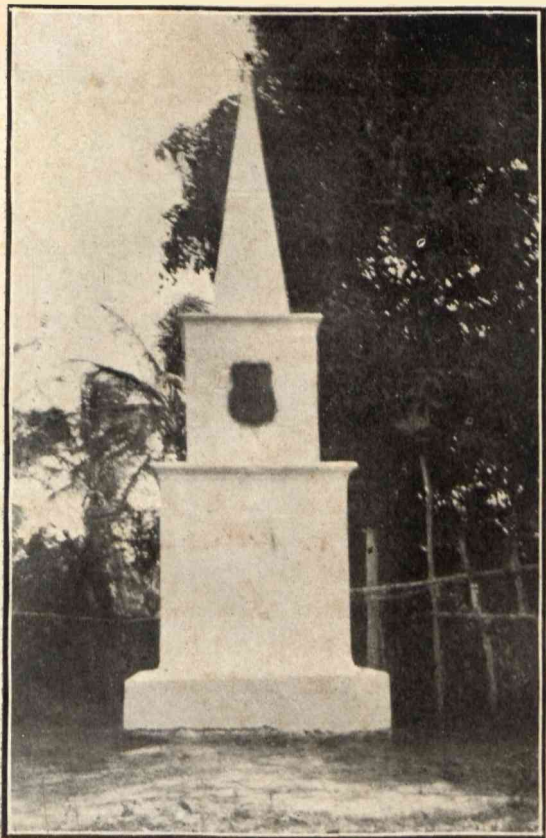
com os jovens companheiros de brincadeiras, ora me assentando na relva aveludada, ora sobre a areia branca que marginava os lagos, ora me escondendo nas moitas floridas, para preparar alguma surpresa aos meus companheiros.

“Tu me acompanhavas muitas vezes, ó minha cara irmã; mais idosa que tu, eu te servia de guia, e velava por ti, toda feliz e orgulhosa de ser tua protetora.

“Apegada a mim como eras, choravas quando eu não queria te levar naqueles passeios encantadores, e, para ficar ao teu alcance, continha os meus entusiasmos em meio daquela natureza virginal e rica, que eu já começava a apreciar; retardava a marcha, para que teu passo, ainda debil, conseguisse acompanhar-me; que encantos! que inocencia! que felicidade, então, em torno de nós! Depois de nos banharmos nas aguas cristalinas das lagoas, que ainda vejo aqui, voltávamos todos aos braços da mais terna das mães, que nos esperava impaciente e inquieta, apesar de ter mandado a boa Pepé nos acompanhar.

“Ah! todos estes tempos de inocentes prazeres se sepultaram no nada, na eternidade, com os dois melhores amigos da nossa infancia; mas ficou a reminiscencia”.

Na *Viagem magnética* (1857), nos *Conselhos à minha filha*, no *Pranto Filial*, se encontram alusões àquele pedaço da terra potiguar, cujos encantos resumia neste adjetivo: *deliciosa*. O saudoso Manuel Dantas, a propósito da inauguração do monumento



Monumento a Nisia Floresta, em Papaní. —  
R. G. DO NORTE.

Inaugurado em 12 de Outubro de 1909, para celebrar a passagem do 1.º centenario do nascimento de Nisia. Em suas faces há as seguintes inscrições:

A Leste: — Deste ninho, até agora ignorado, levantou vôo altaneiro a notavel norte-riograndense a quem a mocidade rende esta homenagem.

Lado Oeste: — "Votre touchante composition est irrévocablement placée dans le tiroir sacré qui ne contient que la correspondance exceptionelle. Respect e sympathie. AUGUSTE COMTE". Carta de 29 de Agosto de 1857.

Lado Norte: — NISIA FLORESTA. 1809-1909. 12 de Outubro, Papaní.

Lado Sul: — O Congresso Literario, reunido em Setembro de 1909, sob os auspicios do exmº. dr. Alberto Maranhão, seu presidente de honra e Governador do Estado, resolveu erigir este monumento.



Monumento a Nisia Floresta, em Natal. Inaugurado em 19 de Março de 1911, na Praça Augusto Severo. Obra de Corbiniano Vilaça e do escultor francês Edmond Badoche. Medalhão de bronze aposto a uma stela de granito, com incrustações de bronze; uma palma e datas do nascimento e morte. Feito em Paris, sob a orientação de Henrique Castriano.

a Nisia, em Paparí, em outubro de 1909, assim se expressou, sob o pseudônimo de Braz Contente, na **República**, de Natal: "Acredito que a velha povoação pouca influencia teve na formação do espírito de Nisia, preparado em outros meios para as lutas do pensamento, em que ela conquistou renome e gloria; mas a excelsa escritora levou, sem dúvida, daquelas paragens, dos matagais à beira da lagoa, das flores silvestres das moitas que salpintam de verdura os taboleiros arenosos, a poesia das cousas, que vibrou intensa ao sopro de outras civilizações". Pelo proprio testemunho de Nisia, colhido em suas obras, verificamos que o brilhante homem de letras, que foi uma das mais autênticas expressões mentais do Rio Grande do Norte, tinha toda a razão.

### KOSTER EM FLORESTA

Nas **Viagens**, vol. I, cap. V, Henry Koster relata o encontro que teve com o pai de Nisia, quando se dirigia para Natal, vindo dos feudos do coronel André de Albuquerque Maranhão. Vale a pena repetir aqui suas impressões:

"Marchamos pelas duas horas. Tinha o projeto de caminhar até o por do sol, e parar, então, perto de alguma cabana. Mas um moço nos encontrou e nos fez algumas perguntas. Ele morava em Paparí, aldeia situada a uma meia legua da estrada. Insistiu tão fortemente para que eu o seguisse e passasse a noite em sua casa, que eu fui. Paparí é um vale

estreito e profundo, do mais delicioso aspecto. Inteiramente cultivado, este ano, particularmente, as terras são de um grande rendimento, porque não houve chuvas, e as terras arenosas ficaram estereis. Com efeito, ao passo que, em todas as partes da região, o terreno parecia seco e queimado, neste vale se encontra uma frescura verdejante. É um sitio agradável, e os habitantes parecem, pela sua jovialidade, estimar o preço de uma tal morada. Paparí goza ainda de outra vantagem: conquanto distante do mar três ou quatro leguas, encontra-se ai um lago de agua salgada, de sorte que os habitantes podem ter peixe à porta. A maré sobe e desce nesta lagoa, que nunca está seca, porque, mesmo que os regatos de agua doce que desagúam nela, estancassem, conservaria sempre uma porção de agua do mar. Os pescadores sobem até Paparí em suas pequenas jangadas, que não mergulham mais de um pé na agua. Paparí está a cerca de cinco leguas de Cunhaú. O senhor Dionisio apresentou-me à sua mulher. Ele é português e desposou uma brasileira. Possuem um pequeno pedaço de terra no vale, e me parecem bastante prósperos.

“Paparí póde ter trezentos habitantes. Soube, depois, que, no correr do ano, muitas pessoas vêm a Paparí, em virtude da absoluta falta de víveres no lugar em que moram. Fui à borda do lago para ver a chegada dos pescadores. Todo o povo do vale estava reunido para os receber: era Billingsgate (o mercado de peixe em Londres), em miniatura, exceto que a lingua protuguesa não permite praguejar.

“Jantamos à moda brasileira, em uma mesa de cerca de seis polegadas de altura, em torno da qual nos assentamos, ou por outra, nos deitamos, em esteiras.

Não tínhamos garfos; e as facas, em número de duas ou três, eram unicamente destinadas a cortar os grandes pedaços: os dedos deviam fazer o resto. Demorei em Paporí um dia inteiro, afim de que meus cavalos tomassem um pouco de repouso, e para que eu pudesse, por intermedio do senhor Dionisio, comprar outro para o pobre Julio, cujos pés tinham sofrido muito por uma longa marcha em areia muito seca”.

O que parece extraordinario na narrativa de Koster é que ele não tenha feito referencia a crianças, no lar feliz de Floresta. Entretanto, em novembro de 1810, quando ali estive, o seu anfitrião devia ter duas filhas: uma de cujo nome se perdeu memoria, e a insigne escritora. E' esquisito que Dionisio Pinto, que não enclausurava a mulher, como faziam os brasileiros, e que a apresentou a Koster, não lhe tenha mostrado as filhas. Estariam ausentes? Mas eram tão pequeninas para se separar dos pais, naqueles tempos de estradas dificeis, que é pouco aceitavel a hipótese de que estivessem em casa dos parentes maternos, em Goianinha, distante hoje 30 kms. por via ferrea, ou em Arez, afastado 15 kms.



**NA EUROPA**

Sua primeira viagem ao Velho Mundo foi motivada pela saúde da filha. Tirou os passaportes a 29 de outubro de 1849, e a 2 de novembro seguinte embarcou na galera francesa **Ville de Paris**, com destino ao Havre. Dos contratempos de tal viagem, quando ainda não havia navegação a vapor entre o Brasil e a Europa, e sujeita como era ao **mal-de-mer**, se queixou depois em seus escritos, para realçar mais o seu afeto maternal, que não media sacrifícios pela filha. Demorou ali até janeiro de 1852, tendo chegado ao Rio, de regresso, a 10 de fevereiro, pelo paquete a vapor inglês **Teviot**, vindo de Southampton. Na lista de passageiros figuram "Augusto Américo, sua mãe e uma irmã".

Aqui se demorou até 1856, quando, na quinta-feira, 10 de abril, empreendeu nova viagem à Europa, no paquete a vapor francês **Cadix**, com destino ao Havre. Entre os companheiros de viagem se achava o desembargador Francisco de Paula Cerqueira.

Desta vez sua ausência prolongar-se-ia por 16 anos a fio. Retornou ao Brasil a 31 de maio de 1872, no paquete a vapor inglês **Neva**, em que viajaram o visconde de Aljesur, Manuel Buarque de Macedo e José Inácio Ribeiro Roma.

Esteve no Rio até 24 de março de 1875, quando,

a bordo do mesmo paquete em que viera três anos antes, rumou para o outro lado do Atlântico, para não mais rever a Patria. Dos 76 anos de sua vida, 28 se passaram na Europa. Ali publicou suas obras mais notáveis. Perambulou, sem cessar, pelo continente. Residiu em França e Italia. Visitou varias vezes a Alemanha, Bélgica, Suíça e Inglaterra, e fez uma romaria à Grecia. Afinal, fatigada de tanto caminhar por alheias terras, elegeu a França para seu pouso definitivo.

Sua existencia na Europa foi brilhante, sob todos os aspectos. Perscrutou atentamente a civilização occidental, e gravou suas impressões nos livros *Itinéraire d'un voyage en Allemagne*, *Trois Ans en Italie* e *Scintille d'un'anima brasiliana*, com uma agudeza e lucidez notáveis, uma independencia inesperada, por vir de uma escritora cujo espirito se formou em um meio como o do Brasil de então, infenso à ascensão da mulher. Relacionou-se com um escol de homens célebres: Lamartine, Comte, Azeglio, Manzoni, Alexandre Herculano, Duvernoy. Da correspondencia que entreteve com alguns deles, nada resta senão algumas cartas do fundador do Positivismo, que o Apostolado do Rio de Janeiro publicou, e as que o Mestre recebera dela, que o Sr. Paulo Estevão Berredo Carneiro editou em Paris.

## AUGUSTO COMTE

Suas relações com Augusto Comte datam de sua segunda viagem, em 1856, e foram curtas, pois que,

em setembro de 1857, falecia o filósofo, tendo sido Nisia Floresta uma das quatro mulheres que acompanharam os seus restos mortais até o cemiterio. Quando os contemporaneos fingiam ignorar a grande figura do genio francês, a ponto de *L'Illustration* não lhe ter registrado o falecimento, aquela brasileira, no pobre e humilde cortejo funerario, representava a cultura do Novo Mundo, associada ao luto pelo desaparecimento de um dos mais potentes cérebros que a humanidade concebeu.

Tinha por Comte uma admiração exaltada. Seu salão em Paris era frequentado por ele, que pensou em fundar o salão do positivismo, e fazer de Nisia e da filha as suas musas, idéia que a morte não permitiu se efetivasse. Em 1928, foram publicados seis cartas suas a Comte, encontradas no arquivo da rua Monsieur-le-Prince, grande serviço prestado pelo Sr. Paulo Carneiro à biografia da nossa illustre compatriota. No *Boletim Positivista*, n.º 1, encontram-se umas reminiscências do Sr. L. G. de Sousa Pinto, sob o título **Um brasileiro que conheceu Augusto Comte.**

Narra que o Dr. Antonio Pereira Simões ouvira de um velho senhor de engenho pernambucano que tivera ocasião de conhecer Comte em casa de Nisia Floresta, em Paris, "onde era recebido sempre com testemunhos de profunda consideração e respeito pelos que frequentavam o salão de D. Nisia. Esta ia pessoalmente receber o filósofo à entrada de seu apartamento, e dizia aos presentes, com visível entusiasmo, e formulando um gesto de silencio: "Aí está

o Sr. Comte, a maior gloria da França. Procurem ouvi-lo e me darão razão. Não é um homem como os outros. E' um genio. A originalidade das suas concepções é tão sedutora como o cavalheirismo de que é feito o seu coração. Os clarões de sua intelligencia transfiguram-no num homem belo, quando Ele expõe os seus grandes pensamentos sobre moral, sobre política, sobre medicina. Sabe tudo, e todos o respeitam como a maior cabeça do século. Orgulhe-mo-nos de apertar-lhe a mão". E rematava: **Voilà un titre de gloire.**

"Augusto Comte trajava sempre sobrecasaca marrom escuro, com gravata branca. À sua entrada, todos se inclinavam respeitosaente, e dentro em pouco dominava ele a conversa geral, cercado da admiração coletiva, frequentemente interrompido pela admiração entusiasta de dona Nisia.

"Recordava-se o velhinho de que Augusto Comte lhe perguntara se ele era espanhol, e que, tendo respondido ser brasileiro, do mesmo país de dona Nisia, o filósofo indagou de que parte. Ao saber que era de Pernambuco, Augusto Comte lhe observara prontamente: "Ah! sim, do extremo oriental da América do Sul". Augusto Comte era em geral o primeiro a retirar-se, sendo acompanhado até a porta por grande maioria dos presentes, entre os quais estava sempre dona Nisia.

"Certa vez, dona Nisia perguntou ao nosso compatriota pernambucano: "o que me diz deste homem? Guarde sempre a lembrança de que apertou em mi-

nha casa a mão do homem mais extraordinario do século”.

## ALEXANDRE HERCULANO

Nos *Trois Ans*, vol. I, Nisia nos dá as suas impressões acerca de Alexandre Herculano:

“Revejo, em meu espírito, aqueles dias passados nas margens do Tejo, onde minha lingua materna ressoava a meus ouvidos com a nobre gravidade de inflexão, o acento másculo, o estilo puro, que se encontram em Camões, Filinto Elisio, Garrett, Castilho e tantos outros poetas, e, sobretudo, no grande pensador, o atleta moderno da literatura portuguesa, Alexandre Herculano. Este digno herdeiro das antigas virtudes lusitanas merece ser comparado aos maiores sabios da antiguidade, pelo seu profundo saber, seu nobre desinteresse, sua vida exemplar e sua sublime recusa das honras que lhe conferiram a nação e uma corte que ele sabe amar sem lhe sacrificar sua dignidade e independencia.

“Tive o privilegio de conhecer de perto este illustre escritor, e tudo o que me tinham dito sobre sua extrema modestia, ficou abaixo do que eu propria testemunhei.

“Os célebres escritores que eu, até então, tinha conhecido pessoalmente, em París, e cuja fama se espalhou com mais ou menos repercussão nos dois mundos, me pareceram inferiores a este profundo filósofo, tão grande na sua simplicidade, vivendo longe

do fausto, que ele despreza, no seu poético retiro da Ajuda, nos belos arrabaldes da linda Lisboa”.

Na mesma obra, vol. II, pags. 39 e 40, narra como se avistou com

## MANZONI E LAMARTINE

“Este nome (Manzoni) que, por sorte de certos autores vivos, é geralmente mais conhecido nos países estrangeiros que os de muitos outros notáveis escritores modernos da Italia, não podia deixar de atrair minha atenção, quando percorro esta região, a que ele está tão dignamente ligado.

“O autor d’Os Noivos apenas saía de uma grave enfermidade, quando chegávamos a Milão. Estava convalescendo em uma simples e graciosa vila, cercada de flores.

“Seu genro, o ilustre Máximo d’Azeglio, encontrava-se com ele, quando fomos ali, e tive a vantagem de, ao mesmo tempo, conhecer estes dois belos astros da atual literatura italiana. Logo que descesmos do carro, o Sr. d’Azeglio veio ao nosso encontro, e nos conduziu, ele proprio, junto do ilustre convalescente. Entrando no quarto onde ele estava, fiquei impressionada com a sua semelhança física com um dos poetas mais queridos de minha mocidade, Lamartine. Mas, pondo de lado esta semelhança de fisionomia e de corpo, nada lembra no modesto Manzoni a ostentação vaidosa do brilhante poeta francês de outrora. Ficou muito sensibilizado com a nossa

visita e com o vivo interesse que lhe exprimi, pela regeneração da Italia. Como todos os filhos desta nobre mãe oprimida, seu coração suspira pelo dia em que ela partir as cadeias que a ligam ainda ao despotismo estrangeiro em seu proprio solo. Mas, seja porque o seu espirito se ressentente ainda da fraqueza que lhe deixou sua grave enfermidade; seja pelas decepções experimentadas pelo seu país, ou seja que outras causas tenham influido sobre ele, nenhum entusiasmo manifestou em suas palavras. O autor do **Cinque maggio** e da tragedia **Del conte di Carmagnola** me pareceu muito mudado. Entretanto, a nobre simplicidade de seu temperamento, suas maneiras polidas e seu justo raciocinio sobre o atual estado de coisas reforçaram ainda mais a opinião que eu tinha formado acerca de seu mérito.

“Deixamos sua agradavel solidão, encantadas com o acolhimento franco e tão italiano que recebêramos.

“Afastando-me daquela tranquila habitação, cujo grande ornamento era a presença dos dois notaveis escritores, pensava no contraste com outra pitoresca habitação, que o bom gosto francês tornava mais encantadora, situada em **Madri**, naquele Bosque de Bolonha tão esplendidamente transformado depois. Era ocupada pelo sublime cantor das **Melodias**, no declinio de sua retumbante gloria literaria. Era rodeado por uma brilhante sociedade, em 1851, quando, orgulhosa da companhia de meus dois filhos, e na expectativa da próxima ventura de rever minha Patria, com todos os tesouros do amor materno que me esperavam, fui despedir-me dele e de sua digna com-



panheira, que ali tambem se encontrava, em convalescença”.

## D U V E R N O Y

Do sabio discípulo e colaborador de Cuvier, Nisia recebeu as mais generosas demonstrações de estima. Conta (*Voyage en Allemagne*) que ele a visitava constantemente, apesar da velhice e de suas graves responsabilidades intellectuais, entretendo-se com ela em longas conversações literarias e científicas, e que muitas vezes a confortou, nos seus momentos de melancolia. Da veneração que tributava à sua memoria diz bem a homenagem que lhe prestou, indo especialmente a Montbéliard depor uma lágrima sobre sua sepultura, enquanto a viuva a esperava em Strasbourg, para, juntas, regressarem a Paris.

## F A S T I G I O M U N D A N O

Sua vida na Europa não foi tão simples como insinua em seus livros. Por estes mesmos, ao contrario, o que se verifica é o alto prestigio social que desfrutava, festejada pelos vultos mais eminentes das ciencias e das letras. Suas relações eram com a gente mais fina: marquesas, condessas e baronesas desfilam pelas páginas de suas obras. Na Italia foi hóspede de varias destas fidalgas, de cujos nomes escrevia apenas as iniciais. Uma princesa polaca se lhe afeiçoou em viagem que fizeram. Dois barões e um

conde jogaram o coração aos pés da filha. Ao mesmo tempo que assim procedia, recusava-se a visitar a condessa de Áquila, sua patricia, irmã de Pedro II, para ostentar sentimentos democráticos, não obstante a admiração que nutria pela princesa, e de lhe recordar carinhosamente a gentil figura quando residia no Brasil.

Nisia dispunha de grandes recursos financeiros, cuja origem é um tanto enigmática. Para viver na Europa durante 28 anos, em viagens constantes, num tempo em que só aos ricos era dado este prazer, seria preciso certamente ser mais que abastada, opulenta mesmo. Lembremo-nos que, em 1849, vivia pobremente no Rio, dirigindo um Collegio para subsistir, lecionando, porque, segundo declarava, desde os 24 anos de idade lutava para se bastar a si mesma. Entretanto, inesperadamente, resolve partir para a Europa, e este primeiro passeio se estende por mais de dois anos. Depois, como que contraiu o hábito do nomadismo: se estava no Brasil, seguia para a Europa; se estava na Europa, vinha ao Brasil, ou então se metia com a filha em uma diligencia, e percorria os mais diversos países, detendo-se onde lhe dava a fantasia, em bons hotéis, na melhor sociedade.

Em París, a principio, morava em quarto mobiliado; em seguida, montou casa. Saindo, em 1856, para viajar pela Alemanha, deixou a casa entregue à criada. Iniciada a viagem, arrependeu-se de ter montado casa. Devia ter continuado no seu **garni**, pois assim poderia ficar residindo na Alemanha, entre cujo povo serio e honrado é que lhe conviria viver, se-

gundo o seu costume de se apaixonar pelos países que visitava. Enquanto assim se expressava em relação à Alemanha, assegurava que a França era a sua segunda Patria. Mais tarde, na Italia, rendeu-se aos seus mil encantos, e decidiu-se a transformar a simples excursão projetada numa residencia de três anos, correndo-a em todas as direções, para, ao termo, confessar: "a Italia é o meu país predileto" (**Trois Ans**, vol. II, pag. 254). À Inglaterra foi varias vezes, a convite de familias amigas. Abalou-se até a Grecia, deixando a filha na vila de uma marquesa italiana, só para saciar a sede de beleza, realizar um sonho de sua mocidade, contemplar aqueles lugares sagrados pelas glorias impereciveis da mais alta civilização, "entreter-se com as grandes sombras".

Um fato aparentemente insignificante nos dá a impressão da riqueza de Nisia. Tendo sofrido um desastre na estrada de ferro do Piemonte, perdeu toda a bagagem e uma soma em dinheiro. A companhia reembolsou-a dos prejuizos, e ela distribuiu a indenização pelos pobres, agradecida a Deus por ter salvo a vida.

Empreendeu a viagem à Alemanha como um lenitivo para a saudade que sentia da velha mãe. "Viajar é o meio mais seguro para aliviar o peso de uma grande dor que nos aniquila lentamente". (**Voyage en Allemagne**, pag. 109). Nos **Trois Ans**, vol. I, repete estes mesmos conceitos. Alude à sua vida passada: "Depois vieram as lutas da vida, as tormentas, os abalos que aluiram os fundamentos de nossa prosperidade". Não parece...



NISIA FLORESTA



NISIA FLORESTA

1809-1885

Donde provinha tanto dinheiro? Tentemos uma explicação. A familia da mãe de Nisia era abastada, possuidora de terras no Rio Grande do Norte. Koster achou o casal muito próspero. A propria Nisia, nos **Fragments**, referindo-se ao regresso do pai para Floresta, em 1819, diz "qu'il s'était marié dans une des familles les plus aisées et les plus honorables". Após o falecimento de Antonia Clara Freire, foram vendidas propriedades da familia, entre as quais os sitios Taboca e Floresta. Infelizmente, não pudemos pesquisar no inventario. Quem conseguir lhe descobrir os autos e consultá-los, terá achado a desejada explicação. O sogro de Nisia foi agricultor em Goiana, e provavelmente senhor de cabedais avultados. Talvez sua morte tenha possibilitado o fausto da nora.

**A ESCRITORA**

Seu primeiro trabalho foi a tradução livre da edição francesa do opúsculo de Mrs. Godwin (aliás, na tradução, saiu Mistris), a que a tradutora deu o título de **Direitos das mulheres e injustiças dos homens**, publicado em Recife, em 1832, com 56 páginas, sob a responsabilidade de seu extenso nome. Houve uma segunda edição em 1833, em Porto Alegre. Deve ainda ter havido uma terceira, já no Rio, pois que, sete anos depois da primeira, foi inserto no **Jornal do Commercio** de 25 de abril de 1839, um anuncio deste livro, ao preço de 500 réis, "na rua do Ouvidor, 121, Casa do Livro Azul". No **Dicionario bibliográfico de Inocencio**, acrescentado por Brito Aranha (1862), vol. IV, se encontra a versão de que o Padre Lopes Gama teria revisto a tradução.

Não nos propomos a fazer a crítica, ou sequer uma sùmula do livrinho da escritora inglesa. Apenas, a título de curiosidade, salientamos a preferencia que Nisia deu a este trabalho para vulgarização das idéias nele contidas. Sabemos dos escândalos que cercaram Maria Woolstonecraft, devido às suas aventuras amorosas, antes de desposar Guilherme Godwin. Diga-se de passagem que, quando publicou seu livro, em 1792, ainda não era Mrs. Godwin, que só veio a ser em 1796, quando se consorciou com o cínico autor da



**Justiça política**, em que pregava o amor livre e outras imoralidades. Constituiu-se paladina das reivindicações da mulher, reclamou para o seu sexo igualdade de direitos em face do homem, combateu os preconceitos de uma moral hipócrita, destinada a oprimir a mulher. Estudando-se as vicissitudes de sua vida, as infelicidades do lar paterno, de que fugiu, tornando-se professora, verificamos, em que pese à beleza da causa que pregava, que o feminismo foi para ela um escudo necessario e oportuno.

Falecendo a esposa em 1797, Godwin convolou a novas nupcias com a viuva Clairmont, e educou seus filhos e enteados na pouca vergonha de seus principios licenciosos. O resultado foi o que se sabe: Mary, filha do primeiro matrimonio, contaminada das teorias dos pais, applicou-as integralmente, entregando-se a Shelley, outro partidario do amor livre, quando ainda era casado com Harriet Westbroock. A outra filha, Jane, que trocou este nome pelo de Clara, conquistou Byron, de quem teve uma filha. Assim, como diria Nisia mais tarde, "formavam seus laços", uniam-se, e depois Himeneu abençoava o enlace, quando a natureza já o havia sancionado.

Os escândalos dos Godwins, de Shelley e de Byron tiveram por teatro a Europa convulsionada do principio do século XIX. Em 1822, morria Shelley. Clara já tinha sido abandonada por George Gordon. A fama de tais destemperados corria mundo, e eriçava o pudor da sociedade européia, tendo chegado até aqui. Nisia, por certo conhecia aquelas agitações sentimentais, como travara conhecimento com as

idéias dos Godwins através da obra que traduziu, e da versão francesa que Solano Constancio fez, em 1821 (París, 2 vols.), de um dos mais importantes trabalhos de Guilherme Godwin, as **Investigações sobre a população**. Viu, naquelas tempestades de consciencia, naquele conflito entre a moral, as convenções seculares e os impulsos da natureza, o reflexo de sua propria situação pessoal, jungida a um casamento renegado, e fremente de amor pelo estudante de Olinda, o seu Shelley indígena, que foi mais tarde seu marido. Daí a iniciativa de se erigir em arauto das doutrinas de Mrs. Godwin, e de lhe editar a obra: attitude determinada por um estado de incompreensão e de sofrimento, cujo remedio estava à mão na terapêutica do filósofo da Justiça política.

**CONSELHOS À MINHA FILHA**, por F. Augusta Brasileira, Rio de Janeiro, tip. de J. E. S. Cabral, 1842, in-8.º, 32 pags.; 2.ª edição, 1845, in-8.º, tip. de F. de Paula Brito, 39 pags., acrescidas de 40 pensamentos em verso. (Dic. de Inocencio, Vol. VI.). Edição italiana de 1858, Firenze, Stamperie sulle Logge del Gren, in-8.º, 56 pags.; edição francesa de B. D. B., Florença, in-8.º, 1859.

Da 1.ª e 2.ª edições não pudemos encontrar nenhum dos exemplares, nem mesmo na Biblioteca Nacional, onde só existem da edição francesa e da italiana.

E' uma brochura referta de conselhos, advertencias, prescrições morais, no sentido de bem guiar a

filha na prática da virtude, evitando os escolhos da vida.

Do tradutor francês B. D. B., diz Nisia que era "um velho e digno amigo", o "respeitavel Sr. Braye-Debuysé" (**Trois Ans**, vol. II), errando-lhe o nome, induzindo Oliveira Lima, na sua conferencia de Natal, ao mesmo equívoco. Na Biblioteca Nacional existe um exemplar da edição francesa, ofertado pelo tradutor ao cunhado de Nisia, Dr. José Henrique de Medeiros, no qual se lê o seu autógrafo: **Bray de Buyser**.

O bispo de Mondovi, a cujas virtudes faz caloroso elogio (**Trois Ans**, vol. II), mandou adotá-lo nas escolas de sua diocese, não sem ter primeiramente tentado obter da autora que modificasse algumas passagens, affm de o acomodar melhor aos seus escrúpulos episcopais, ao que ela não accedeu.

DACIZ ou a jovem completa. Julho de 1847. RIO. Tip. de F. de Paula Brito. 15 pags. Brochura. Dedicada às alunas do Collegio Augusto, por N. F. B. A.

No "Jornal do Comercio" de 5 de abril de 1849, foi inserto um anuncio deste livrinho, "historia moral, por uma Brasileira". E' inteiramente desconhecido dos biógrafos. Não é encontrado em qualquer das nossas bibliotecas públicas. Pensamos que o único exemplar que existe é o que pertence a Henrique Castriciano, e que ele teve a gentileza de nos ceder para uma rápida leitura.

Nisia foi preceptora de **Daciz** (Amelia de Miran-

da), de quem diz que era descendente de ilustres avós, que se notabilizaram na guerra do Sul contra o estrangeiro (Cisplatina). E' a encarnação das virtudes de "uma jovem perfeita". Recusa casar com o marechal B. M. Casou com o seu eleito, teve três filhos, que Nisia julgou necessario dizer que eram amamentados pela propria mãe. E' uma historieta ao gosto do tempo.

FANY ou o modelo das Donzelas, por N. B. Augusta. Em 8 d'Abril de 1847". Colegio Augusto. Fernando Osorio, o saudoso escritor gaúcho, publicou, em seu livro "Mulheres Farroupilhas", (Livraria do GLOBO, P. Alegre — 1935) um manuscrito de Nisia, que se achava em poder do dr. Borges de Medeiros. E' uma composição de gênero moralista, gemea de DACIZ. 10 pags. Episodio da Revolução dos Farrapos. A familia de Fany era constituida dos pais e nove filhos. Viviam todos muito bem, em Porto Alegre, em 1835. Fany, a primogênita, contava apenas 13 anos, "e as felizes propensões que ela anunciava já, prometiam aos caros autores de seus dias uma ventura que nada parecia disputar-lhes". Fany era a Daciz de Porto Alegre, como Daciz era a Fany de Recife. Era adorada pelos pais, pelos irmãos, pelas condiscípulas. Rebenta a revolução. O pai de Fany comandava uma das colunas rebeldes. A filha orava pela pai imprudente, que, "surdo à voz do dever que o chamava junto a uma esposa virtuosa e doze filhos (lapso de Nisia), correrá a empregar-se em uma guerra civil, murchan-

do, destarte, os louros que havia colhido nas fileiras legais, quando combatera outrora o estrangeiro, em defesa de sua patria". A genitora de Fany tambem era revolucionaria. Depois de uma renhida batalha, a vitoria declara-se pelo partido de seu pai, que, dias depois, foi morto em uma emboscada. "Ei-la, pois, orfã, com uma numerosa familia, no meio de uma campanha onde bem depressa novos combates ensanguentavam a terra, não lhe deixando, quasi, os primeiros recursos da vida". Recusou casamentos. Resolvera viver exclusivamente para sua mãe e irmãos. Veio um decreto do Governo Imperial, concedendo anistia. Fany achou-se na posse dos bens da familia, do meio soldo do pai e, "o que é mais, da estima geral de um povo que apregoa as suas virtudes".

Assim termina a insulsa historia: "Possam todas as donzelas e principalmente aquelas para quem escrevi estes ligeiros traços da historia de Fany, imitar suas virtudes, e exercitarem uma pena mais habil do que a minha para descrevê-las".

A lágrima de um caeté, por Telesila, Rio de Janeiro, tip. de L. A. F. de Menezes, 1849, in-8.º, 39 páginas. Poesias sobre a revolução praeira, glorificando a memoria de Nunes Machado. A 1.ª e 2.ª edições foram tiradas no Rio. Na Biblioteca Nacional se encontram quatro exemplares, que, é curioso notar, não se acram na ficha de Nisia Floresta, e sim apenas na de Telesila. Há de haver ali alguma dúvida sobre o verdadeiro autor do poema. Mas que é da lavra de Nisia não se póde contestar. Jamais

foi atribuído a outrem, senão a ela mesma. Esse pseudônimo se acha registrado pelo Sr. Tancredo de Barros Paiva, na excelente obra **Achegas a um dicionário de pseudônimos** (Rio, 1929). A heroína de quem tomou o nome, lhe merecia profunda admiração (**Opúsculo humanitário**). Quando de sua viagem à Grecia, dirigiu-se de propósito a Argos, acerca de que escreve que, “sendo uma das velhas cidades da Grecia, que a lembrança da brava heroína Telesila, tão estremecida outrora pelo meu espírito de jovem, me despertava o desejo de visitar, é uma cidade bastante feia”. (**Trois Ans**, vol. II).

Nisia era discípula do renovador da nossa poesia, Gonçalves de Magalhães. A influencia do autor dos **Suspiros poéticos** e das **Poesias** é sensível nos versos, na inspiração, nas imprecações do poema de Nisia, na descrição das belezas nativas, no viver feliz do nosso incola, antes da conquista. O mesmo se pode dizer da influencia de Manuel de Araujo Porto Alegre. Os únicos dos nossos poetas que andam, vez por outra, citados por Nisia, são Magalhães, Gonçalves Dias e Santa Rita Durão. Notam-se afinidades evidentes entre o corifeu do nosso romantismo e Nisia Floresta. Na **Confederação dos tamoios**, muito posterior à **Lágrima de um caeté**, ha estrofes inteiras que diríamos inspiradas no poema de Nisia, cujos motivos eram os mesmos: exaltação do selvícola, anátema sobre o conquistador branco, a beleza edênica das matas brasileiras. Seu poema não é em nada inferior às produções poéticas dos nossos primeiros românticos, desde Gonçalves de Magalhães e Porto Ale-

gre, sem embargo de andar inteiramente alijada das antologias e compendios de literatura, a começar de Fernandes Pinheiro, até Ronald de Carvalho e Manuel Bandeira, exceção apenas de Sacramento Blake, que lhe dedicou algumas linhas muito locônicas, com informações inexatas, e de Afranio Peixoto.

Queremos aproveitar o ensejo para agradecer à Federação das Academias de Letras o haver reeditado em sua **Revista** (janeiro de 1938) a **Lágrima de um caeté**, copiado na Biblioteca Nacional por minha mulher e duas de minhas gentis alunas, as senhoritas Nilva Amaral e Nilza Marques. Publicando-o, com o estudo crítico de Modesto de Abreu, a **Revista** reimprimiu um trabalho de Nisia Floresta, pela primeira vez após mais de meio século de sua morte.

O gesto de Nisia, estampando seus versos candentes, em que glorifica os vencidos, e vitupera os agentes da legalidade, concitando ao assassínio do presidente Vieira Tosta, a quem chama de Nero, mostra bem como era corajosa a indole daquela mulher, capaz de ação política, indiferente às consequências que de sua attitude lhe pudessem advir. A razão psicológica de sua exaltação deve-se procurar nas estreitas ligações de amizade que havia entre ela e Nunes Machado.

O título do poema invoca os primitivos habitantes de Goiana, os caetés. Nunes Machado era de Goiana, onde também nasceram o irmão de Nisia e o seu marido, Manuel Augusto de Faria Rocha. Todos foram companheiros de infancia, apenas Brasil se distanciando deles um pouco pela idade. Nunes

Machado e Manuel Augusto foram colegas de turma na Faculdade de Olinda, onde se bacharelaram em 1832, ao lado de Urbano Sabino Pessoa de Melo, companheiro de rebelião, e Jerônimo Martiniano Figueira de Melo, chefe de policia de Vieira Tosta, ao qual coube a tarefa ingrata de restabelecer a ordem, depois do fracasso da intentona. Estas velhas relações é que determinaram as objurgatorias de Nisia contra os matadores do herói goiano, em quem via, antes de tudo, o amigo dileto do seu adorado Manuel Augusto.

**Poesias sobre a revolta praeira** — Na bibliografia de Nisia se inclue sempre uma obra com este título, desde que, em 1872, José Carlos Rodrigues, na sua monumental revista **O Novo Mundo**, publicou uma minuciosa noticia bio-bibliográfica de Nisia Floresta, aliás com diversos senões. Julgamos que tudo resulta de um equívoco, motivado pela referencia à **Lágrima de um caeté**, “poesias sobre a revolta praeira”, que se encontra em Inocencio (**Dic. bibliog.**, vol. VI). Deste apostro se fez impensadamente um título de nova obra, e foi o bastante para que toda a gente, sem mais indagação, fosse repetindo o engano.

**Dedicação de uma amiga**, por B. A. — Romance histórico, em 2 vols., in-8.º, de 158 e 160 páginas, Niterói, tip. Fluminense, de Lopes & Cia., 1850. Não encontramos esta obra em nenhuma parte. Oliveira Lima confessa que não pôde conhecê-la. Não existe, pelo menos na Biblioteca Nacional, na de Niterói, na



do Instituto Histórico, Gabinete Português de Leitura, Academia Brasileira e Casa de Rui Barbosa. Segundo o **Dicionário bibliográfico** de Inocencio, devia-se compor de 4 vols., não tendo, porem, sido publicados o 3.º e o 4.º.

**Opúsculo humanitário**, por B. A., 1853, tip. de M. A. da Silva Lima, 178 pags., in-8.º. E' uma coletanea de 62 artigos sobre a educação da mulher. A publicação pela imprensa foi encetada no **Diário do Rio de Janeiro**, em 20 de abril de 1853, tendo sido interrompida no 20.º, todos sem assinatura. Entre-gues os originaes a Silva Lima, que os enfeixou em volume, o seu periódico político e noticioso, **O Liberal**, pôs-se a transcrevê-los aos dois e três em cada edição, a partir de 7 de julho de 1853, até 21 de maio de 1854, já depois de estar o livro circulando.

Eis uma das suas melhores obras, a da escritora social, panfletaria e polemista, que colocou sua pena ao serviço da reabilitação moral e intelectual da mulher. Trata da educação doméstica, religiosa, física e intelectual. Defende, mais uma vez, com o calor que a moda romântica emprestava às suas palavras, os aborígenes, a mulher indígena, que a pieguice dos românticos idealizava como incarnação da honra, intrepidez e lealdade. O indianismo, sob este aspecto, nunca abandonou a pena de Nisia, que, anos mais tarde, ainda impregnada de Rousseau, fazia o panegírico dos nossos bugres, nas **Scintille**.

**Itineraire d'un voyage en Allemagne**, por Flo-

resta Augusta Brasileira, Paris, 1857, Firmin Didot Frères et Cie., 216 páginas, in-8.º.

E' uma de suas mais fortes produções, em que a escritora se ostenta em toda a sua pujança: estilo admiravel pela clareza, vivacidade, poder descritivo, penetrante observação, larga e polimorfa cultura.

Em forma de cartas dirigidas ao "caro filho e irmãos de meu coração" (a primeira é datada de Bruxelas, 26 de agosto de 1856), faz uma narrativa de seu excuro através da Alemanha, em companhia da filha, evocando fatos históricos associados aos lugares que visitava, interessando-se pelos aspectos mais sugestivos de sua civilização, procurando tirar ensinamentos de tudo quanto via, percorrendo bibliotecas, museus, parques, hospitais, escolas, detendo-se nos monumentos aos grandes homens, orando nos templos, meditando nas necrópoles. Segundo o mau gosto do romantismo, relata tudo quanto vê, tudo que sente: a hora em que se levanta, o café que lhe servem e que lhe merece gabos; a fadiga, depois de um dia de passeios; a atividade da filha, a paixão de um nobre inglês por Livia, as saudades do marido, a nostalgia, o desalento.

A viagem durou cinco semanas, observando o seguinte itinerario: Bruxelas, Liège, Spa, Aix-la-Chapelle, Colonia, Bonn, Coblença, Moguncia, Francfort-sobre-o-Meno, Darmstadt, Mannheim, Heidelberg, Schwetzingen, Carlsruhe, Stuttgart, Cannstadt, Baden-Baden, Strasbourg, Mulhouse, Hérimoncourt e novamente Strasbourg.

**Scintille d'un'anima brasiliana**, por Floresta Augusta Brasileira, Florença, 1859, Barbéra, Bianchi & Cia., 85 pags., in-8.º.

São cinco trabalhos em prosa: **O Brasil**; **O abismo sob as flores da civilização** (1856); **A mulher** (1857); **Viagem magnética** (datado de Paris, 6 de janeiro de 1857); **Um passeio no jardim do Luxemburgo**.

Do primeiro foi tirada uma edição em separado, traduzido para o francês, 1871, 49 pags., livraria de André Sagnier, Paris.

**A mulher** foi traduzido para o inglês, por sua filha, e editado em Londres, 1856, 32 páginas.

O único exemplar que encontramos das **Scintille** é o da biblioteca do Instituto Histórico, e pertenceu a D. Pedro II. Por todas as páginas deste livrinho perpassa o mais ardente patriotismo da autora. Vibra em todas elas a preocupação de cantar o "ninho seu paterno", de mostrar aos estrangeiros a grandeza do Brasil, os gloriosos destinos de seu povo, as suas virtudes, seu amor ao progresso.

"O Abismo sob as flores da civilização" (**L'Abisso soto i fiori della civiltá**) é uma mensagem à mocidade, um grito de alarma contra o perigo dos prazeres faceis, em que se corrompe a alma, em que se crestam as mais doces esperanças da juventude. Começa evocando a memoria de sua mãe, falecida havia pouco no Rio: "O madre mia! madre mia! — mormorai nel mio segreto — benedici tua figlia, ancora esule sulla terra, e già morta dà poi che t'ebbe perduta!" (pg. 27).

Dirige-se aos moços, falando-lhes na qualidade de

mãe amantissima, — pensando no filho — advertindo-os das mendazes seduções do vicio: o baile, as libações, “la passeggiata tra le verzure d’innunerevoli viali”, o infernal turbilhão da valsa...

Desta maneira, num estilo agradável, animando os mais elevados conceitos morais, a autora tenta deter a mocidade sobre a borda do precipicio, “o jardim de mentirosas delicias, a que chamais, em vossa inexperiencia, os prazeres da juventude”.

---

“A Mulher” são paginas escritas por uma desvelada mãe, pela feminista e pela educadora. E’ mais um brado pela emancipação do seu sexo, contra os preconceitos estúpidos que o oprimiam. Combate os erros que condenavam a mulher a uma perpetua minoridade; abre-lhe uma larga estrada por onde chegaria às suas mais justas reivindicações. Traça o verdadeiro papel de Mãe, Esposa e Filha, ministrando conselhos da mais elevada inspiração moral.

“Filha! Amai e respeitai vossos pais, não por uma fórmula de obediencia vulgar, mas por um sagrado dever, tão grato de cumprir para com os meigos protetores de nossa infancia, os guias vigilantes dos nossos primeiros passos no caminho da vida, para os quais não poderemos ter tanto desvelo e tanta afeição com que lhes agradeçamos o muitissimo que fizeram por nós.

“Esposa! Conservai intacta a fé que jurastes ao homem que escolhestes, e procurai dar-lhe prova (primeiramente com uma doçura cheia de dignidade,

depois com uma verdadeira e terna solicitude, a buscar tudo quanto lhe seja util e agradável) — de que sois para ele, não já um objeto de recreio, mas uma amiga circumspecta e dedicada, uma companheira inseparavel e necessaria à sua vida, em qualquer circumstancia; nem vos esqueçais um só momento deste já conhecido, mas sempre novo axioma: a honestidade da mulher é perpetuo ornamento da familia; a honestidade da mãe sempre faz parte do dote das filhas; a honestidade na mulher sempre foi mais prezada que qualquer outra formosura.

“Estabelecei a ordem e a harmonia em vossa casa, e com uma constante previdencia fazei reinar a parcimonia, o asseio, uma discreta alegria, e todas as graças da familia, afim de que vosso esposo não se aborreça.

“Se o matrimonio não tem senão uma única lua de mel, frequentemente a culpa é vossa, ó mulheres, porque, deslumbradas por um passageiro esplendor, negligenciais as práticas essenciais que podem assegurar-lhe longa e inalteravel duração.

“Se a maior parte dos homens não buscasse no matrimonio um comercio que o envilece, ou um meio de ter prole legitima; se a mulher não procurasse no mesmo nada mais que uma condição social, ou uma mal comprehendida liberdade, que a acoberta de certos preconceitos; se um e outro, antes de se unirem para sempre, procurassem se entender, estudar-se reciprocamente, conhecer-se e amar-se, — a doce união do matrimonio, tão caluniado, tão profanado e muitas

vezes mal sucedido, seria o non plus ultra da felicidade humana.

“Que outra cousa vos é mais agradável sobre esta terra de exilio, mais terna, mais digna e santa do que a vida conjugal, a suave e constante harmonia de dois corações enamorados, que enveredaram, de comum acordo, pelo caminho de todas as virtudes domésticas e sociais, para o final e venturoso destino do homem?

.....

“Mãe! Esta, ó mulheres, é, ao mesmo tempo, a vossa mais terna, mais nobre, mais relevante missão a cumprir”.

.....

Nas primeiras páginas, revolta-se contra os desregramentos da vida mundana, que levaram as mães a abandonarem os filhos aos carinhos mercenários das amas, confiando o aleitamento a seios estranhos, afastando de si, para trinta leguas além de Paris, as pobres crianças enfermas, que eram entregues a miseráveis pensionatos, onde tudo lhes faltava. Pasmada destas cenas, de que foi testemunha accidental, quando acompanhou uma de suas amigas ao campo, onde esta ia visitar o filho desventurado, que a aberração de seus sentimentos maternos havia convertido num orfão de seus carinhos, — Nisia se impressionou de tal maneira com o fato, que considerava um crime contra o futuro daquela desgraçada geração de “expostos”, que empreendeu um inquérito, para se certificar pessoalmente da extensão deste flagelo social, que recebeu os seus candentes anátemas. Por que

aquelas mães desprezavam assim seus filhinhos, e iam gozar egoisticamente uma vida de prazeres? Como se haveria de por cobro a tantos males? Como obviar à dissolução dos costumes, e obrigar as mães a se recolherem ao lar, e cumprir os seus deveres? Pela educação! Todas as suas considerações, muitas das quais são atualíssimas, tendiam a este alvo, tão do agrado de quem foi uma modelar mãe de família. Tão boa mãe foi ela que, no convite que o filho, a irmã e o cunhado fizeram, pelo "Jornal do Comercio" de 29 de maio de 1885, aos parentes e amigos, para assistirem à missa em sufragio de su'alma, não acharam outro título mais glorioso que lhe emprestar: **exemplar mãe de família.**

O fenômeno que assustara Nisia, dos prazeres mundanos absorvendo as mães francesas, que trocavam o berço dos filhos pela futilidade do brilho social, pelo gosto das vaidades, ainda há poucos anos inquietava o espirito encantador de Robert de Flers, quando, discorrendo acerca do premio de Virtude, encontrava, entre outras explicações para a permanente crise da natalidade em seu país, estas que Nisia Floresta apontava há 80 anos: as excessivas atividades sociais, as exigencias de um mundanismo desenfreado.

---

Na "Viagem Magnetica", deixa a fantasia voar ao seu sabor, transportando-se para as plagas brasileiras, de que seu espirito nunca se apartou durante as suas longas peregrinações através da Europa. Toda a obra de Nisia é profundamente brasileira. A evo-

cação de sua Patria acode a cada passo, como uma fatalidade. São as florestas da Tijuca, as praias pernambucanas, Porto Alegre, os mares americanos, os coqueirais, as jangadas, o perfume de nossas selvas, as reminiscencias de sua infancia num sitio desconhecido, Floresta, encravado numa aldeia potiguar.

Na sua quimérica excursão à terra natal, passeou pelos lugares mais caros ao seu afeto: entreteve-se com os aborígenes, condoeu-se de sua situação, perseguidos sem treguas, pelos pretensos civilizados, corridos para os confins de suas matas. Apreciou, mais uma vez, a resignação desta raça infeliz, apiedou-se da mãe selvagem”, que tem mais sentimentos maternos que as da alta sociedade”.

Librando-se nas asas do sonho, chegou ao Rio, percorreu-o demoradamente com os olhos da alma, adejou sobre a querida cidade em que desenvolveu uma tão intensa e fecunda atividade educacional.

“... observo entre o seu casarío branco, os restos de uma habitação de três andares, taciturna, triste...

“Contemplo-a e interrogo-a...

“O silencio e a solidão ali reinam.

“No entanto, a legenda que se vê escrita em hieroglifos indecifráveis pelo vulgo, me fala eloquentemente de seu passado, tão cheio de obras de filantropia, de abnegação, desconhecidas do mundo”. (1).

---

(1) Alusão ao predio n.º 20 da rua D. Manuel, com entrada pela Travessa do Paço, 23, esquina da rua do Cotovelo, hoje Vieira Fazenda, no qual existiu o seu **Colegio Augusto**.



No "Passeio no jardim do Luxemburgo", Nisia, como sempre, exalta o Brasil, e discorre sobre o seu tema predileto: a educação da mulher. Para iniciar, recorda fatos de sua vida íntima, ligados ao nascimento de Livia, e que, de algum modo, enriquecem os seus apontamentos biográficos.

"Era 14 de outubro, aniversário de um belo e feliz dia que surgiu, já há tempos, sob o risonho céu dos trópicos, em toda a alegre pompa de uma festa de família, que naquele dia se celebrava.

"Um casal amoroso, sobre quem Himeneu havia esparzido as celestes bençãos, sem, de nenhum modo, afrouxar a aurea cadeia que o estreitava, regosijava-se pelo nascimento de um segundo fruto de seus castas amores, que vinha substituir o primogênito, arrebataado pela morte, — e adornar de caras esperanças um futuro de felicidade que aqueles dois corações amantes se prometeram".

Três brasileiros de diferentes províncias "das vinte e uma que constituem a fúlgida auréola de um grande Imperio", foram espaiar-se pelos jardins do Palacio do Luxemburgo (1) as saudades do Brasil, e, na sua inteligente conversação, debateram assuntos cuja narração, sob cuidada forma literaria, constitue o trabalho a que deu aquele título.

O Brasil é uma calorosa propaganda do nosso país, uma vulgarização da nossa civilização, dos nossos costumes, dos nossos recursos, do nosso maravi-

---

(1) Nisia residia no boulevard Saint-Michel, em frente ao Luxemburgo ("Fragments", pg. 24).

lhoso futuro. A autora se ocupa, num estilo brilhante, escoreito, fluente, sem lirismos, das possibilidades econômicas do País, da sua historia pontilhada de heroismos, do seu povo energico, do liberalismo das nossas instituições politicas.

Filha de portugûes, que ela julga haver sido imolado à lusofobia reinante nos primeiros tempos do Brasil independente, isto não a impede de participar desses sentimentos francamente anti-portugueses. Pelo seu nativismo arraigado, seria capaz de ir para a rua unir-se às ruidosas manifestações jacobinas do mata-marinheiro. Logo na pag. 7 nos dá estas impressões acerca dos erros do sistema colonial da metrópole: — “Mais aucun pays, avec tant d’avantages réels pour devenir la plus grande nation du monde, ne fut plus negligemment dirigé par ceux qui le découvrirent et le gouvernèrent pendant plus de trois siècles”.

Na mesma página, o seu ardente espirito de brasileira traça este retrato vivo dos seus patricios: —

“Le caractère des Brésiliens, en général franc, probe et compatissant, leur remarquable désintéressement (type naturel de la nation) la simplicité de leurs moeus, les profondes et durables affections de leur coeur tout vierge encore de l’invasion de certaines calculs, et surtout leur proverbiale hospitalité envers les étrangers, que reconnaissent tous les voyageurs impartiaux, leur donnent en quelque sorte l’empreinte des premières moeurs patriarcales dont les Européens semblent avoir perdu même l’idée”.

Nas páginas 10-11, uma evocação dolorosa, que

lembra o sacrificio de seu pai, vitima, segundo Nisia faz crer, nos "Fragments", do odio contra os portuguezes:

"La révolution de 1817 éclata, et de petits esprits souillèrent la grande oeuvre des héros!"

"Aucun Américain n'ignore les affreux événements de 1824, qui succédèrent à ceux de 1817, en ensanglantant pendant longtemps un vaste territoire si richement doué par la nature et en versant dans les coeurs des familles, naguère douces et unis, le germe d'une haine implacable et funeste qui, depuis, se développa toujours progressivement".

A lembrança afetiva de Pernambuco, onde viveu alguns anos, e onde perdeu o pai, inspirou-lhe paginas admiraveis de colorido, de carinho, na evocação da grandeza do seu glorioso povo. Tem-se a impressão de que, escrevendo este opúsculo, Nisia buscou apenas um pretexto para cantar a beleza da terra pernambucana. Das 49 páginas que ele contem, 19 lhe são dedicadas.

"Parmi les vingt provinces qui composent le vaste empire du Brésil, il y en a une surtout de laquelle on pourrait dire que le génie de la liberté l'avait choisie pour en faire séjour. "Pg. 14.

Na página 19 bosqueja o panorama do Recife: — "Deux belles rivières, coupant la ville en plusieurs endroits, lui donnent l'air d'une nouvelle Venise, et vont se jeter dans l'Atlantique en se joignant dans leur embouchure".

.....

"Mais ce qui lui donne ce cachet de grandeur

particulière, qui la distingue parmi toutes les autres provinces de l'empire, c'est l'esprit de liberté qui y a régné de tout temps et qui se rattache à tous ses nobles faits historiques”.

Nisia se insurge contra a ignorancia ou má fé dos estrangeiros que deprimem o nosso país com os seus juizos insensatos. Indigna-se contra os que supõem que o Brasil é um vasto territorio habitado por bugres, menosprezando, assim, o alto grau de nossa civilização. Narra o caso de um brasileiro illustre, seu amigo, que, viajando pela Alemanha, foi alvo de estulta curiosidade da parte da familia de uma pessoa de suas relações, a cuja casa foi fazer uma visita. Trata-se do “dr. Barros”, que não é outro senão o dr. Manoel Joaquim Fernandes de Barros, nascido em Alagoas, em 1804, e assassinado na Baía, em 1841. Nisia lamenta o seu fim prematuro e tragico, funesto para a ciencia brasileira. Estudou na Europa, formou-se em medicina em Montpellier, e deixou profunda impressão, pelo seu saber, entre os círculos culturais que frequentou, no Velho Mundo.

Viajando, em 1832, pela Alemanha, dirigiu-se à casa de seu amigo, onde, entretanto não o encontrou. Solicitado a que entrasse e o esperasse, foi recebido pela esposa, que não escondeu a sua surpresa ao saber que estava falando a um brasileiro, branco, polido, elegantemente trajado, culto. Poucos momentos depois, toda a familia estava espreitando o “brasileiro”, e a irmã e sobrinhos da dona da casa se agastaram com esta, pela “pilheria”, pois queria fazelhes acreditar que aquele “senhor” era um brasileiro.

A este não foi difícil confundí-los delicadamente, dissertando acerca da civilização de seu país, que, ao contrario do que pensavam as pessoas menos instruidas, não era habitado por indios de labios furados e de pele azeitonada.

Em seguida, Nisia nos relata o que se passou com “uma pessoa”, em um salão de Paris, porventura ela propria ou a filha... (1)

“Quand on voit, dans les salons de Paris, Brésiliennes qui y déploient quelque talent, on leur demande aussitôt si elles ont fait leur éducation en France. Il n’y a pas encore longtemps que nous avons été nous même témoin de l’étonnement général qui produisit dans un petit cercle littéraire une personne qui y était accueillie et admirée par ses connaissances variées: on ne pouvait comprendre qu’étant née au Brésil, elle eut pu y acquérir tout ce trésor qu’elle prodiguait avec une grande modestie, malgré les éloges dont on l’accablait”.

Trata da imigração européia e declara que se sentiria feliz se pudesse encorajá-la para o Brasil. Comete aí um deslize: dá a guerra do Paraguai como acabada em 1.º de Março de 1869, com a morte de Lopez, cuja renegada memoria cobre de apodos.

Nas páginas finais, exalta a figura de Pedro II, com um entusiasmo que só pode ser suscitado pela sinceridade.

---

(1) Cfr. “Opúsculo Humanitario”, pg. 150: — “Em Paris, uma dama da casa de Luiz Filipe, admirando a instrução de uma joven brasileira que se achava ali ao mesmo tempo que nós...”

“Dom Pedro a été, pour le Brésil, un homme providentiel.

.....  
 “Depuis trente ans que Dom Pedro est sur le trône, le Brésil a pu, successivement, apprécier les bienfaits de ce règne sans exemple.

.....  
 “Un des projets qu’a toujours caressés Dom Pedro, c’est la gratuité de l’instruction primaire, qui est établie déjà dans plusieurs provinces.

.....  
 “Tel est l’homme simple et grand à qui les générations futures garderont une inaltérable reconnaissance; tel est celui en qui la génération actuelle ne sait qu’admirer le plus, du savant, de l’érudit, du philosophe ou de l’empereur”.

Trois ans en Italie suivis d’un voyage en Grèce, por Une Brésilienne, Paris, E. Dentu, vol. I, 1864, 392 pags., in-8.º. O vol. II foi publicado muito mais tarde, em 1872. Foi editado pelo mesmo livreiro, e não traz a indicação do ano, que pôde ser determinado pelo registro feito por José Carlos Rodrigues, no Novo Mundo, 358 páginas, in-8.º.

E’ a sua obra prima. Impossível resumir sequer as idéias contidas nas 750 páginas destes soberbos volumes, pois que nos propomos apenas a dar uma informação panorâmica de sua vida e obra. Aí ela atinge a culminancia do seu esplendor espiritual, enfrentando e debatendo agudamente os problemas políticos e sociais de sua época, submetendo à sua aná-

lise inteligente as idéias que subvertiam a Italia, estudando-lhe o passado e o presente, estendendo a sua crítica a todas as manifestações da vida daquele povo glorioso e sofredor, cuja obra de regeneração nacional a seduziu a ponto de estimular com a sua palavra veemente os homens ousados e decididos que se debatiam pela unidade italiana.

Tendo iniciado sua excursão à Italia em 19 de março de 1858, quando deixou Paris com destino a Marselha, deu-a por finda em 1861. A composição e publicação da obra foram, assim, muito retardadas, devido, explica na dedicatória ao filho, a um acidente ferroviario que sofreu. A principio, tencionava apenas passear pela península, e por-se em contacto com o mundo romano. Resolvida a ficar três anos ali, foi a Paris desfazer a casa. Viajou pelo Simplon, afim de conhecer a Suíça. Chegando a Lausanne, não esqueceu de visitar Coppet, em honra de Mme. de Stael, que ali esteve desterrada pelo "soi-disant grand homme Napoléon I". Em novembro de 1858, está novamente na Italia, por Gênova. Visita Roma, Nápoles, Florença, Veneza, Verona, Milão, Turim, Livorno, Padua, Mantua Pisa, Mombasilio, Mondovi, abrindo os olhos deante dos símbolos de uma cultura consagrada pela pátina dos tempos. "Je porte en Italie un esprit tout américain, un cœur tout brésilien, c'est-à-dire, de l'enthousiasme et de l'amour pour tout ce qui est grand, noble et malheureux".

Em janeiro de 1859, estando em Florença, resolve ir ao Oriente, passando pela Sicilia: Palermo, Siracusa, Catania, Messina. Fez a ascensão do Etna.

Queixa-se do enjôo: "mal de mer, ce mauvais compagnon qui ne me quitte jamais à bord, même dans les jours les plus calmes". A 7 de maio de 1859, partiu para a Grecia: Eleusis, Esparta, Atenas, Argos. Voltou à Italia por Nápoles, e foi a Roma e Livorno, e a Marselha e París, para resolver negocios.

Regressando à Italia, pela Suíça, tomou o trem de Suse-Turim, com o qual ocorreu o desastre. Refeita do susto, dirigiu-se para Florença, ao encontro da filha. Regressou à França em 1.º de junho de 1861, por Nice. San Remo foi sua última etapa na Italia.

**Fragments d'un ouvrage inédit**, por Mme. Brasileira Augusta, 1878, Paris, A. Cherie, editeur, 111 pags.

Constituem um capítulo das suas **Memorias**, que ficaram inéditas. Contem notas biográficas do irmão, falecido em 1875. Pela leitura destes fragmentos se avalia a importancia enorme das **Memorias** para a biografia de Nisia Floresta. Quem sabe se não se encontrarão depositadas em algum notario de Ruão, para publicação oportuna? O Ministerio das Relações Exteriores, pelo seu Serviço de Cooperação Intelectual, que foi tão solícito em atender ao pedido da Federação das Academias de Letras do Brasil, no sentido de obter a certidão de óbito de Nisia, bem poderia recomendar às nossas autoridades consulares pesquisas com o objetivo de fazer esta **trouaille** verdadeiramente preciosa. Ha de haver ainda em Ruão quem tenha conhecido Nisia e a filha. Os proprios notarios hão de dar noticias delas, pois que eram ricas, e porventura mantiveram relações com os ante-



cessores, cujos testemunhos se encontrarão em seus arquivos.

Além destas obras, mencionam-se outras em sua bagagem, das quais não se conhece senão vaga informação. Neste caso estão os **Pensamentos**, versos, 1858. Julgamos que esta obra não existiu. O que se deu provavelmente foi o seguinte: Inocencio, no seu **Dicionario** já citado, aludindo à 2.<sup>a</sup> edição dos **Conselhos à minha filha**, diz que lhe foram acrescentados "40 pensamentos em verso". Daí a confusão. Na edição francesa e na italiana dos **Conselhos** figuram os quarenta pensamentos, mas em prosa. Inocencio, que foi tão minucioso em enumerar as produções de Nisia, não registrou esta.

**D'Assis** — Não passa de deturpação do título da historietta moral que escreveu para suas alunas: **Daciz** ou **A jovem completa**.

**Inspirações maternas**, poesias. Permanecem inéditas, ignorando-se o paradeiro do manuscrito.

**NA IMPRENSA**

Colaborou no **Brasil Ilustrado**, em cujo n.º 10, vol. I, de 30 de abril de 1856, se acha uma sua poesia. Um improviso, na manhã de 1.º do corrente, ao distinto literato e grande poeta **Antonio Feliciano de Castilho**. E' a propósito do regresso deste a Portugal, lamentando que não fique no Brasil. Castilho, pelo **Correio Mercantil** 2 de julho de 1855, faz uma longa despedida, cheia de admiração pelo Brasil e pelos seus intellectuais, datada de 30 de junho de 1855, em que escreve: "Devendo embarcar-me já hoje para regressar à minha Patria..." Sendo, a juizo de Ruí (**Réplica**, pag. 66), "o maior dos mestres da lingua", não desdenhava os cacófatos. O mesmo que perpetrou nesta mensagem, se encontra em **Amor e Melancolia**: "Encetava eu apenas a carreira do estudo, tão menino, que a ouvirem-me já ler..."

Desta homenagem a Castilho se originou a lenda de que o vale das **Escavações** tinha Nisia em grande apreço. Não sabemos onde se encontram os conceitos por ele emitidos sobre os talentos da nossa patricia. O que é certo é que não estão nos oito volumes dos **Vivos e Mortos**, onde se recolheu o que andou publicando esparsamente. Na biblioteca de Castilho não existia nenhuma obra de Nisia, entre as

1.119 que constam do catálogo da livraria de Julio de Castilho, a qual abrangia igualmente a de seu pai.

Pelas expressões de Inocencio, o contemporaneo portuguez de Nisia, que tão encomiasticamente a tratou, só podia ser José Feliciano de Castilho, "patricio nosso há muitos anos residente no Brasil". Falta apenas identificar o escrito em que se occupou da personalidade de Nisia, em 1859, não se achando nas **Questões do dia**, nem no **Iris**.

No vol. I, n.º 9, de 31 de março de 1856 (Inocencio escreveu 1854; Sacramento Blake repetiu o erro e muita gente depois incidiu no mesmo) vem uma colaboração de tres colunas e pouco, assinada B. A., sob a epigrafe **Pranto filial**. E' uma torrente de lágrimas da nossa impenitente carpideira, sobre o túmulo de sua genitora.

**N' O Liberal**, publicou quatro artigos. **A emancipação da mulher**, sem assinatura, assinalados apenas por tres asteriscos abaixo da coluna (10 de maio a 7 de junho de 1851). Não foram enfeixados no **Opúsculo humanitario**, mas a pena que escreveu este livro, é evidentemente a mesma que traçou aqueles artigos.

Em 28 de junho de 1851, iniciou a publicação de uma serie de artigos sobre a **Educação moral dos homens** assinalados por tres estrelinhas. Do décimo em diante (n.º 208, de 12 de outubro de 1851), apparece a inicial **G** sob eles. Foram insertos doze, o último em 9 de novembro de 1851, n.º 215. Abaixo fo aposta a nota "continuar-se-á", porem, não proseguiu a publicação.

No **Diário do Rio de Janeiro** publicou os vinte primeiros artigos do **Opúsculo humanitário**, em abril de 1853, sem assinatura.

Apesar de constar que colaborou no **Novo Mundo**, de J. C. Rodrigues, e no **Jornal do Comercio**, não encontramos nenhum trabalho de Nisia em suas colunas.

**OCASO**

A última de suas obras foi publicada em Paris, em 1878, os **Fragments**. Nisia, quasi setuagenaria, via esvair-se em torno de si o prestígio social de antanho, de que a afastavam cada vez mais outras condições de vida, a velhice, a precariedade da saúde, a transformação dos costumes. No seu proprio país, seu nome andava como que esquecido. Falecendo de uma pneumonia, em Ruão, aos 24 de abril de 1885 depois de se haver confessado e comungado (1), bem pouco significativas foram as demonstrações de pesar que este fato ocasionou. A filha mesma não se apressou em passar um cabograma para os parentes do Rio. A noticia chegou por carta, na segunda quinzena de maio. O JORNAL DO COMERCIO de 26 deste mês, e O PAÍS, de 27, estamparam sobrio registro do passamento, embora com elogiosas expressões à individualidade da extinta. Das suas antigas alunas não appareceu nenhum necrologio nos **Apedidos**, como era peculiar àqueles tempos. Não falando no filho, na irmã e no sobrinho Arouca, apenas os professores do Colegio AUGUSTO encomendaram missa.

---

(1) Segundo a narrativa de uma senhora amiga de Nisia, a cujos últimos momentos assistiu. Informação do dr. Henrique Castriciano, que possui o documento.

Os restos mortais lá ficaram, na França, onde ainda hoje repousam no cemiterio de "Bon Séours", em Ruão, inteiramente abandonados pelos patricios.

Uma das contradições mais curiosas da obra de Nisia é o seu proclamado apego ao torrão natal, e o gosto de viver longe da Patria, escrevendo em linguas estrangeiras, usando o francês até na correspondencia com as sobrinhas do Rio. Na Eúropa se escoaram os dias mais fecundos de sua existencia, voluntariamente exilada, sentindo-se bem ali, entre os genios e os aristocratas. Se pudesse ter escolhido o local em que deveriam jazer suas cinzas, não seria o campo santo de Olinda, ou o S. João Batista, ou o pobre chão de Paporí. Poucas vezes se aproximava dos brasileiros. Na Alemanha encontrou dois jovens que falavam portugûês, mas, como "diziam banalidades na lingua de Alexandre Herculano", tomou-lhes aversão. Em um tempo em que as nossas missões diplomáticas eram dirigidas por um barão de Penedo, um Souza Correia, um Itajubá, um Gonçalves de Magalhães, Nisia nunca fez menção de os haver avistado, de ter comparecido a uma das nossas legações, a uma recepção em círculos brasileiros. Apenas duas ou três vezes, mostrou simpatia por um amigo brasileiro, inesperadamente encontrado na Eúropa. Assim, em Roma, quando foi visitada por dois estudantes patricios. De outra feita, em Atenas, em maio de 1859, quando afirma haver sido visitada pelo nosso encarregado de negocios M. B. (Manuel Monteiro de Barros?), que lhe causou, como sua senhora, ótima impressão, exceto quanto à ojeriza que o



diplomata nutria pela Grecia, a tal ponto que não consentia que os filhos estudassem o grego. Cumprenos notar que, naqueles tempos, não tinhamos representantes diplomáticos na Grecia... Encontrando-se na Italia, recebeu convite de um dos membros da nossa representação em Lipsia, o “jovem literato França (Eduardo Ferreira França?), para assistir à grande festa científica de Iena”. Nunca tivemos legação em Lipsia... Sem embargo deste isolamento dos meios brasileiros, o sentimento nacionalista era permanente em seu espirito, conforme deixamos amplamente testemunhado pelas transcrições que fazemos de produções suas. A 7 de Setembro de 1856, em Moguncia, registrando as impressões do dia, é para o Brasil que se volta o seu primeiro pensamento: “Dia glorioso para a minha Patria...” (ITINERAIRE). Sentindo, na Bélgica, a saude abalar-se, inquietava-se, ela — *femme aux rudes épreuves* — com a possibilidade de ter que ser sepultada longe dos seus caros túmulos, deixando a filha só, entre estranhos, e o filho do outro lado do Atlântico. Mas, restabelecendo-se, elegeu o cemiterio de Pisa para sua derradeira morada...

\* \* \*

Na sua provincia natal o nome de Nisia é glorificado pelo escol dos intellectuais. O movimento de reverencia à sua memoria foi iniciado em 1909, sob a inspiração de Henrique Castriciano, a quem a nossa terra deve a Escola Doméstica, por ele transplan-

tada da Suíça; o escotismo, que ali é uma realidade, dirigido pelo devotamento inexcedível e pelo espírito apostolar de Luiz Soares; os monumentos a Nisia e ao Padre Miguelinho. Ao transcorrer o 1.º centenario do nascimento de Nisia, o Congresso Literario lhe ergueu um modesto monumento no proprio sitio em que existiu a casa onde nascera, perante o Governador do Estado e o que o Rio Grande do Norte possuia de mais expressivo nas letras e na intelligencia, ausente Henrique, que seguira para a Eurapa. Em Natal, em 19 de março de 1911, foi inaugurado um medalhão de bronze, aposto a uma stella de granito, obra dos escultores Corbiniano Vilaça e Edmundo Badoche, feita em París, por encomenda de Henrique Castriciano. Queremos aproveitar a oportunidade para lamentar que o Sr. Prefeito de Natal tenha despejado Nisia Floresta da bela avenida que lhe ostentava o nome, para a recambiar à autêntica bitesga que outrora foi a rua daquele nome, quando deixou de ser "travessa do Equador". O motivo invocado para tal providencia, que importa em menosprezo à gloria de Nisia foi a preocupação de deixar junto da praça Augusto Severo a avenida Sachet, "não desunir quem a morte juntara", na frase de Luiz da Câmara Cascudo, em discurso no Dia da Asa, precisamente quando, no Rio, onde ambos já estavam bastante distanciados, a Prefeitura ainda mais os apartou, transferindo o mecânico do Pax do centro da cidade para o Andaraí, por sinal que para a vizinhança de Nisia Floresta, cuja rua começa na atual praça Sachet.

O Brasil praticaria um ato de estrita justiça, repatriando os seus despojos. Desejaríamos interessar neste preito os homens de espírito deste país, pois “Nisia não foi uma destas curtas celebridades locais, cujo poder de irradiação se circunscrevia aos limites de um municipio ou de uma provincia”, como ponderou Constancio Alves, no seu celebrado *Folhetim do Jornal do Comercio* de 21 de outubro de 1909, e que inexplicavelmente excluiu do seu livro de *Figuras*. Da sua concepção de patriotismo, ela propria nos dá a medida: “Nunca nos assomaram os epidêmicos delirios de mal entendido orgulho provincial, funesto germe fomentado outrora entre nós por disfarçados inimigos da prosperidade desta grandiosa e rica terra, tão invejada pelos estrangeiros, e tão ameaçada, por seus proprios possuidores, de perder, em sua divisão, o prodigioso valor que o seu todo constitue.

“Amamos com religioso entusiasmo a nossa Patria, isto é, toda a vasta terra de Santa Cruz; em qualquer ponto dela, consideramo-nos em nossa Patria, e os povos aí nascidos, nossos conterraneos e irmãos. Que importa termos visto pela primeira vez a luz, nesta ou noutra de suas provincias, se é o mesmo céu brasileiro que nos cobre, o nosso verdejante solo que pisamos, e se o mesmo interesse comum nos reúne e fraterniza?” (*Opúsculo humanitario*, pag. 143).

**EXCERTOS**

## O AMOR NO CASAMENTO

(TROIS ANS — Vol. I, pg. 316).

Os partidarios do celebre romancista que pretende que o casamento destrói o amor, proclamam com alarido que o amor no casamento é um fenômeno. Fenômeno que, entretanto, não é raro entre os seres que, formando estes laços, não foram atraídos pela sedução da riqueza, ou por certas frias considerações que, muitas vezes, encerram em si mesmas o aniquilamento da felicidade conjugal, mas por uma verdadeira afeição de coração, fundada no mérito real do ser que se escolheu para o associar aos seus prazeres e amarguras.

E' um grande erro crer que as riquezas ou uma bela posição no mundo possam, por si unicamente, proporcionar o bem mais delicado e o máximo que se pode desejar na vida terrena: a felicidade doméstica. O dinheiro compra tudo: títulos, honras, homens, mulheres, etc., mas não pode, não poderá jamais comprar as virtudes, nem os corações. E como o amor vêm do coração, e como, sem este poderoso movel das nobres ações, não há união feliz possível, não se deve, parece, acusar o casamento como causador de frieza no amor, mas sim, o homem ou a mulher que se enlaçam levianamente e sem afeição.

---

## O BISPO DE MONDOVI

(TROIS ANS — Vol. II, pgs. 327-331).

Cerca de dois meses após minha chegada a Monbasilio, desincumbi-me do dever, até então negligenciado, de visitar o Bispo de Mondovi, que me havia tratado com uma particular deferencia, não obstante minha formal recusa de eliminar, como ele desejou, algumas linhas de minha pequena obra *Conselhos à minha filha*, que teve a indulgencia de julgar digno de ser reimpresso para as escolas femininas de sua Diocese. Segundo suas idéias e de muitos outros sobre o direito exclusivo do padre de ser o único depositario do segredo das almas, ele pareceu, a principio, chocar-se um pouco com o fato de uma mãe ter dito, naquelas linhas, à sua filha de doze anos que lhe confiasse todos os pensamentos de su'alma, para que ela, guia mais interessada de sua felicidade, pudes-se melhor dirigi-la, fazendo-a evitar, pela sua propria experiencia, os escolhos cujos perigos aquella idade desconhece. O exemplo que eu citara, noutra página, da filha romana que pôde poupar seu pai à morte, indo, ás escondidas, oferecer-lhe o seio, na prisão, onde estava condenado a morrer de fome, não era igualmente do agrado de um espirito excessivamente escrupuloso para admirar um tal ato, a inocente sublimidade daquela caridade filial. Seja como for, o severo Bispo reconsiderou seu rígido julgamento sobre aquelas simples linhas, tão naturais, de uma mãe, e os *Conselhos* foram novamente publicados, sem qualquer modificação.

Minha filha e eu fomos recebidos em seu Palacio, da maneira mais cordial e polida. Mostrou-nos todo o interior do Palacio, sem esquecer sua Capela particular, onde parou para fazer uma prece, que acompanhamos com o coração. Porque, mau grado a diferença de nossas idéias sobre alguns pontos, como, por exemplo, o da necessidade do rigor sem treguas para com o seu clero,

em certas práticas exteriores que, muitas vezes, fatigam ou comovem o espírito sem o tornar melhor, — senti, ao seu lado, como sinto sempre, por toda a parte, na oração, minha alma expandir-se, recolhendo-se para falar a seu Creador. Deixando a Capela, o bom Bispo quis nos mostrar um santo que ele guarda com veneração, porque vem, disse-nos, das Catacumbas de Roma. Tristes e memoráveis subterraneos, outrora refugio de tantos santos mártires, mas também de tantos malfetores; túmulos há tanto tempo vazios, e cujo sombrio aspecto me deixou uma das recordações mais afflitivas: de quem serão estes restos fornecidos ainda por vós, e trazidos para aqui, como tantos outros alhures, com veneração!? Todavia, escutava, silenciosa, e com a atenção que merecem o caráter sacerdotal e a idade do bom Bispo, o relato minucioso que me fazia de seu santo martir . . . . .”,

---

## NA CAPELA DE SANTO ALFIERI

(TROIS ANS — Vol. I, pgs. 187 e 188).

Em companhia de três eclesciasticos, partiu de Nápoles para fazer uma excursão a Cava e Pompéia. Chegando ao mosteiro dos Beneditinos, em Cava, não pôde entrar, por ser proibido às mulheres o ingresso aos conventos de frades. Enquanto esperava a volta dos companheiros, que foram visitar o eremiterio, ela escreveu, a lapis, os seguintes versos, na capela de Santo Alfieri, os quais transcreve em seu livro, “sem qualquer alteração”.

Ici, sous cette voûte où vécut saint Alfière,  
 Je parcours le néant des choses de la terre...  
 O mes frères, ma soeur, mon fils! un ange saint  
 Vient éclairer mon âme encor tout embrasée

De votre souvenir qui respire en mon sein.  
Alors ta douce image, ó mère bien-aimée,  
M'apparaît radieuse aux pieds de cet autel,  
Priant le Tout-Puissant pour ta fille chérie  
Qui pleurs et garde encor le principe éternel...  
Ces sons mélodieux que j'entends, recueillie,  
Le coeur rempli de trouble et d'ineffable émoi,  
Serait-ce le prélude à la douce harmonie  
Qu'en exauçant tes voeux, Dieu fait vibrer en moi?  
O mère, père, époux, ma trinité première,  
Qui, s'envolant sitôt dans une étoile d'or,  
Me laissa sur la terre ou je gémis encor,  
Répandez devant moi votre pure lumière,  
Et me tendez la main pour aider mon essor!...

---

## G O M E S D E S O U Z A

(TROIS ANS, Vol. I, pgs. 129 e 130).

A propósito do ótima impressão que lhe causou o jovem estudante brasileiro O. B., que a visitou em Roma, escreve:

Há mais ou menos doze anos (1), um jovem brasileiro do Norte, que estudava, então, no Rio de Janeiro, despertava a admiração de todos os seus compatriotas pela sua extrema aplicação aos estudos serios, e pelos seus costumes exemplares, conquanto vivesse no centro de uma grande cidade e fosse cercado de companheiros de escola de conduta pouco austera. Citavam-no como um prodígio na matemática e como um modelo de modestia.

Ainda não o vira, se bem que morasse em frente à minha casa (2), com outros jovens, de cujas distrações

---

(1) Escrito em 1858.

(2) Nisia residia na Travessa do Paço, n.º 23, no seu Colegio, que ficava na esquina da rua do Cotovelo, hoje Vieira Fazenda, com a frente para a rua D. Manuel, 20.



não participava. Seu quarto se distinguia dos outros pela luz que nele brilhava até as horas mais avançadas da noite. O futuro sabio se entregava aos estudos que deveriam fazer dele, mais tarde, um dos astros mais cintilantes do nosso horizonte mental.

Quantas vezes, nos meus longos serões, percebendo aquela luz, formulei votos ardentes para que o gosto e a applicação daquele cujas vigílias ela aclarava, se desenvolvessem um dia no filho querido (1), cujos estudos eu então dirigia, e sobre o qual fundava as mais caras esperanças na terra, desde que a morte inexoravel me tinha tão prematuramente arrebatado seu adoravel pai!

Fiz sentir a um dos meus irmãos, seu amigo, o desejo de o conhecer. Ele veio visitar-me, apesar de sua timidez e modestia serem tão proverbiais no Rio de Janeiro, quanto sua alta intelligencia. Depois de uma longa conversação litteraria, que ele manteve com uma facilidade e uma profundeza de que eu não julgava capaz um jovem estudante todo absorvido no estudo das ciencias, — quando ele se retirou eu disse a meu irmão:

— Eis um moço que será uma gloria de nossa patria. Não sei se ele é um eminente matematico; mas possui todos os elementos para ser um grande pensador.

Doze anos se passaram, e o jovem estudante, tornado pouco depois um grande matematico e um pensador, representante da nobre provincia que o viu nascer, estreou na Assembléa Nacional na carreira politica, por uma opposição digna do espirito reformador do século.

.....

---

(1) Augusto Américo de Faria Rocha, que foi, por muitos anos, educador no Rio de Janeiro.

## W A T E R L O O

(“Itinéraire d'un voyage en Allemagne”, pg. 22).

A mesma carruagem que tomei de manhã, nos conduziu a Waterloo, onde chegamos pelas três horas. Depois de ter encomendado o jantar na hospedaria onde os viajantes costumam ficar, fomos no mesmo carro até a planície imensa, a alguns passos do monte artificial, em cujo cimo está colocado o formidável leão de ferro fundido, cuja pata direita se apoia altivamente num globo; ele olha a França, do alto de seu pedestal.

Nossa cara Livia, cuja saúde se acha agora inteiramente fortalecida, desejou subir até o leão; acompanhei-a, para a satisfazer; foi-nos preciso galgar 202 degraus, segurando-nos a uma corda colocada abaixo do outeiro, e que vai até o pedestal.

Foi após esta difícil ascensão que meu espírito, até então indiferente ao aspecto da mais risonha natureza, ali onde eu imaginara encontrar qualquer cousa de grave, de solene e de triste mesmo, que me falasse eloquentemente da maior catástrofe moderna, — foi ali, digo, que meu espírito despertou para se entregar um instante à contemplação deste sítio notável, cuja vista me inspirou as mais profundas reflexões.

Eu estava ali, naquele teatro onde a Europa representou o mais sangrento dos dramas!!! A mais monstruosa ambição, a força mais orgulhosa e terrível foi, nestes lugares, soterrada, aniquilada!...

Do alto deste cume, dominávamos a vasta planície verdejante a perder de vista, e, bem perto de nós, os dois monumentos históricos; mais longe, as quintas de S. João, de Caillou, onde o grande guerreiro tinha seu quartel-general, e de onde saíram para ser arrasados os últimos esforços desta colossal criação que se chamou Imperio; e eu bradei, com o poeta brasileiro:

“Waterloo! Waterloo! lição sublime  
Este nome revela à humanidade!”

Ali, onde repousam tantos milhares de homens, crescem agora o trigo e outros vegetais que alimentam a humanidade, e os cavalos, puxando a charrua, revolvem a terra que cobre um esposo, um pai, um irmão, um filho adorado!

Esposas, filhas, irmãs, mães desventuradas, que tanto chorastes aqueles que vos foram arrebatados pela funesta jornada de Waterloo: um ser sensível e sofredor, em quem se confundem estes quatro sentimentos, deixa cair aqui uma lágrima por vós!

---

## AIX-LA-CHAPELLE

(“Itinéraire d'un voyage en Allemagne”, pg. 40).

.....

Não ouvindo falar senão o alemão, fiquei por um momento emocinada por me encontrar em solo totalmente estrangeiro, porque, na Bélgica, exceto as pessoas do povo, que se comunicam em flamengo, toda a gente se exprime em francês, de maneira que eu me acreditava ainda em França, que considero uma segunda patria.

Consegui, entretanto, encontrar alguns empregados da estação ferroviaria que me falaram em francês, e que me deram, com toda a boa vontade, as informações que me eram necessarias. Dirigi-me, com minha filha, para o hotel, onde encontramos boa mesa e conforto suficiente, por dois thalers diarios. Aqui se encontram a providência e a polidez francesas, em harmonia com a seriedade afavel e a probidade do carater alemão.

Nossa Livia, agora matinal depois que viajamos sós, prepara-se cedo. Serviram-nos café com leite, que achei

excelente. Depois, saímos, para visitar o que há de mais curioso nesta cidade.

Elisa (Elisenbrunnen), bela fonte que serve de prazado aos viajantes e aos banhistas, foi o objetivo do nosso primeiro passeio. Tocava-se ali uma deliciosa música, que se escuta todas as manhãs, pelas 8 horas.

O busto da rainha da Prussia está na parte exterior, perto da fonte. Visitamos todo o estabelecimento. Algumas salas são de uma grande beleza, como a em que dão os concertos. Os jardins estavam coalhados de passeantes, bem como o café vizinho.

O Kursaal é frequentado pela mais bela sociedade reunida em Aix-la-Chapelle; fica situado em um outro quarteirão. Encontrei nele um grande luxo e um gosto admirável. Além de uma suntuosa sala de baile, há outras salas e uma boa biblioteca.

.....

O Palacio da Regencia, com seu enorme aerólito, está ao lado do belo teatro. Percorremos algumas praças e ruas, esperando o meio dia, para ir à celebre catedral, a que se ligam tantas lendas, de que não vos falarei.

Contar-vos-ei apenas as minhas emoções diante destas recordações históricas. Meio dia é a hora em que se ouve o órgão, no domingo, como hoje.

Entramos nesta igreja, cujo aspecto é sombrio e triste como os séculos que passaram sobre ela. Ali penetrando, fui tomada de respeito e admiração por este gigante da antiguidade, cuja sombra paira ao lado do seu grande cadaver mutilado e encerrado neste recinto. Uma imensa lâmpada de prata, em forma de corrente, com 48 cirios, fica suspensa da abóbada, acima de uma laje de mármore, pisada pelos transeuntes. Esta lâmpada foi ofertada a Carlos Magno por Barbaroxa. No mármore negro se encontra esta inscrição: CAROLO MAGNO.

Num movimento involuntario, recuei um passo, e me pús a contemplar este túmulo, que resumia a meus olhos

a criação, a grandeza e o esboroamento de três imensas nações, representadas hoje por tantos nomes diversos, por tão diversas potencias divididas, pigméias civilizadoras do formidavel colosso, que outrora se chamava **Imperio de Carlos Magno**.

De pé, sob o zimbório desta capela inacabada do século VIII, cujo interior é da maior magnificencia bizantina, e ostenta uma extraordinaria majestade, — parecia-me ver as inumeraveis gerações que se sucederam até nós!

Profundamente emocionada, demorei-me nestes lugares historicos, para ver o passado e refletir sobre o futuro.

---

## O ESPÍRITO RELIGIOSO DO POVO ALEMÃO

(“Itinéraire”, pg. 59)

O povo alemão parece-me muito religioso, pode-se mesmo dizer fanático. Hoje à tarde, saindo da primeira fábrica de Agua de Colonia, de que eu mesma quis vos enviar alguns vidros, — encontramos uma procissão, cujo tipo me impressionou pela sua singularidade. Um padre conduzia a imagem de Cristo na cruz; em seguida, marchavam em ordem homens e mulheres, toucados e vestidos como camponeses, salmodiando preces. No seu recolhimento, não notavam mesmo o espanto dos transeuntes estrangeiros, que, como eu, paravam para olhar sua singular indumentaria.

O sentimento religioso é, sem contestação, a mais bela e mais santa expressão da alma para o Creador. Sob qualquer forma por que se traduza, esta expressão é sempre solene, quando parte de uma crença sincera.

---

## A MULHER ALEMÃ

("Itinéraire", pg. 98)

Quanto mais vejo a Alemanha, mais estimo a maneira de viver de seus habitantes, mais ou seus hábitos me interessam, e mais eu compreendo que é entre este povo que me conviria viver.

A franqueza e a lealdade perfeita dos homens, a amavel e verdadeira modestia das mulheres, cujo timbre de voz encantador, que lhes é peculiar, realça as outras qualidades físicas e morais, suprem, nuns e noutros, a ausencia destes chistes espontaneos ou forçados, tão altamente gabados na sociedade parisiense.

Pelo pouco que observei desde que me encontro no solo alemão, confirmo o conceito que tinha formado deste povo, e cujo resumo se encontra no meu **Opúsculo Humanitario**.

---

## O R E N O

("Itinéraire", pg. 73)

Minha imaginação me representa estas imensas legiões, formadas de nações diversas, atravessando o Reno, que tenho sob os olhos, para ir combater no Oriente; as castelãs em pranto, o amor recalçado no fundo do coração, que palpitava de esperança, de temor, de vergonha ou de ternura; a amante, a esposa, a mãe, a filha, a mulher, enfim, mais venerada que em nossos dias, não obstante a obscuridade em que parecia viver; estas mulheres aguardavam, entre as muralhas dos castelos, o momento supremo da felicidade ou da desgraça, segundo

a sorte das armas. Quantas virtudes sublimes, quantos feitos heróicos, sob as abóbadas sombrias destes solares! Mas tambem, quantas lágrimas, quantos crimes, algumas vezes!...

Contemplava do alto do rochedo em que me encontrava, as aguas do Reno, que lhe banham a base, e me interrogava a mim mesmo para que os inumeraveis subversões provocados pelos homens em seu furor guerreiro! Interrogava a Historia sobre as pretensas vantagens para a humanidade, produzidas, em três mil anos, por Cesar, Átila, Clovis, Carlos Magno, Frederico Barbaroxa, Rodolfo de Hapsburgo, o palatino Frederico I, Gustavo Adolfo, Luiz XIV, Enghien, Condé, Turenne, Napoleão, todos os grandes guerreiros, enfim, que atravessaram este rio.

E a severa Historia me apontava todos estes homens célebres, cercados de prestigio mais ou menos merecido, jazendo sob uma lousa fria, após terem derramado tanto sangue, sem abrir à humanidade a verdadeira via do progresso e da felicidade! Não será a espada, mas o amor, que regenerará o homem; o cristianismo o prega em vão, há perto de 1900 anos. Esperemos que a religião geral da humanidade o realize um dia.

---

## HEIDELBERG

("Itinéraire", pg. 123)

Eu vos contemplo, ruínas solitarias do castelo de Heidelberg, destruido pelo vandalismo dos franceses. Majestoso mesmo sob os escombros, observas as duas estrangeiras, tão solitarias como tu, sobre as margens do poético Neckar; diante do teu aspecto magnífico, elas mergulham no éxtase de uma secreta melancolia, sob o plenilunio, que se levanta por trás de tuas torres desmanteladas, às quais

se ligam tantas recordações grandiosas. Tal era o meu pensamento há quatro dias, chegando a esta cidade, e passeando com a minha filha no outro lado do Neckar, depois do por do sol! De lá, contemplávamos o vetusto castelo, afundado na sombra da noite, como um fantasma dos tempos passados; as montanhas, que, na obscuridade, me lembravam as do Rio; as aguas da corrente, com suas margens verdejantes e pitorescas; a lua, que despontava pálida e imponente; a cidade, com suas torres enegrecidas, contrastando com a branca estatua do duque, na ponte; — toda esta paisagem, nessa hora, de uma severa majestade, cujo aspecto transportou meu pensamento para alem do Atlântico, onde procurava meu amado filho, meus irmãos e minhas amigas.

---

## MELANCOLIA

(“Itinéraire”.)

Liège, 29 de Agosto de 1856, 9 horas da noite.

Diante do Mosa, onde se encontra o hotel dos estrangeiros, no qual ocupo um quarto, olho do longe as verdejantes colinas que me lembram Porto Alegre, e penso em ti, ó meu Augusto; choro este fatal 29, que te arrebatou tão prematuramente ao mundo e á minha felicidade!

Os sons da melodiosa música que se escuta, neste momento, no recinto da Exposição, que acabamos de visitar, trazem à minha alma uma melancolia mais intensa, que me devora em silencio! E meu pensamento, atravessando os mares e o espaço, vai repousar, carregado de profunda saudade, sobre um túmulo no alto da colina banhada pelo majestoso Jacuí! Quanto tempo passado no



trabalho e nas lágrimas! Que vicissitudes estranhas, e que estranho destino, arrostados com coragem e constancia, depois de tantos anos! Prosternada sobre a laje da gótica e da mais antiga igreja de Liège, São Jacques, (foi a minha primeira visita), orei do intimo d'alma; tu me escutas desta dupla eternidade, que Deus e meu coração te concederam, depois que deixaste o mundo material. Um só dos nossos dois anjos me acompanha nestas regiões longinquas do Norte! um só reza hoje ao meu lado. O outro, tu o sabes, ó meu Augusto, me segue pelo pensamento; eu o vejo constantemente. Tremo duplamente pelo seu futuro, desde que o sei arrastado por um amor cuja finalidade me é desconhecida. Vela do alto do céu por ele, ó tu que és o mais santo dos pais! Afasta-o do escolho que ameaça partir este futuro incerto, onde brilham ainda para nós alguns lampejos de esperança. Que tua sombra paterna o envolva, lhe sirva de égide... e que ele venha sem demora consolar tua esposa, triste e isolada na terra!...

---

## OPÚSCULO HUMANITARIO

### III

Levantou-se então, no horizonte da Europa, aquele brilhante meteoro, que surpreendeu e deslumbrou o mundo com as luzes que despendia de seu foco. A Grecia teve leis mais brandas. Solon, mais sabio legislador que os sabios do Oriente, e menos severo que Licurgo, foi o primeiro que melhor soube harmonizar os interesses da Patria com as vantagens da civilização.

Depois dele, muitos sabios ilustraram essa Patria, que Homero, Sócrates, Aristóteles e Platão immortalizaram, o primeiro, por suas inimitaveis poesias; o segundo, pelo amor da sabedoria, pela qual morreu, instruindo os homens; os

últimos, pelo grande desenvolvimento que deram à filosofia socrática, apresentando, em resultado, os dois grandes sistemas, que esses mais belos genios do maior século da filosofia grega elevaram à mais alta potencia, sem o caracter exclusivo que alguns filósofos lhes imputaram.

Algumas mulheres apareceram na Grecia, tais como Aspasia, mestra do filósofo-martir; Safo, Pericione, Tele-sila e outras, cujo espirito, enriquecido dos mais variados e profundos conhecimentos, lhes atraiu a admiração da posteridade.

Os costumes da Grecia adoçaram-se; a mulher já não era ali um instrumento de prazeres vãos e materiais; ela associou-se aos trabalhos do espirito que ocupavam os homens, e a civilização da Grecia apresentou-se sem rival no mundo inteiro.

Mas a trindade, anunciada entre todos os povos, de baixo de diversos simbolos, não se tinha manifestado ainda aos homens, no mais admiravel e paternal sacrificio do Regenerador da humanidade. O brilhante facho do cristianismo não havia ainda baixado à terra!

Os Gregos, cultivando a sua intelligencia, e attingindo a perfeição, que os modernos tanto se tem esforçado por imitar, tropeçaram, entretanto, nas trevas do paganismo, e, como os mais adiantados povos do Oriente, grosseiros erros cometeram...

A intelligencia da mulher, conquistando a ciencia, começava a distinguir-se, mas faltava-lhe o tipo da mulher cristã; sua mais nobre missão não podia ainda ser cumprida na terra.

O mesmo aconteceu entre o mais bélico povo da antiguidade, cujo nome bastava para fazer tremer os outros povos!

\*  
\* \*

## VIII

A Grã-Bretanha, marchando à frente de todas as nações, pela sua força material, marcha, igualmente, em primeira ordem na civilização européia. Devendo todas as vantagens de que goza, tanto ao seu grandioso commercio, como à estima pelas ciencias e letras, ela não tem negligenciado a educação da mulher e o cultivo de sua intelligencia.

O povo inglês, entre o qual existe menos influencia das castas privilegiadas, mais espirito de ordem, mais atividade e mais convicção de seus proprios direitos, não podia deixar de facultar à mulher a liberdade e os meios de segui-lo nos progressos da civilização moderna.

O sexo a que pertencia aquella que, segundo a expressão de Voltaire, a Europa contava na ordem de seus maiores homens: Elisabete, a cujo genio deveu a Inglaterra a elevação de sua marinha, fazendo-a rivalizar com as de Holanda, de Gênova e de Veneza, então no apogeu de sua gloria; o principio de seu commercio nas Indias Orientais, Persia, Russia e América; o grande desenvolvimento de sua literatura, com Bacon, Raleigh e Shakspeare, e o aperfeiçoamento de sua lingua; tinha, por sem dúvida, incontestaveis direitos a essa consideração da parte de seus concidadãos.

Demais, mulheres que tem de participar da sorte de um povo que reúne as duas maiores potencias — a força e o querer — ao mais acrisolado criterio, quando se trata de empregar os seus recursos para sustentar a propria dignidade, ou para conciliar os seus interesses, assim materiais, como morais, — mereciam receber a educação que as distingue, e cujos felizes resultados convergem todos para o engrandecimento de sua Nação.

A mulher inglesa, educada nos severos principios de uma sã e esclarecida moral, dá provas, desde a sua mais tenra mocidade, de uma distincção e modesta altivez, que as mulheres das outras nações lhe não podem disputar.

Gravando-se-lhe no espírito, quasi logo ao sair do berço, a consciencia da sua propria dignidade, ella comprehende, muito cedo, a nobreza do sexo a que pertence, a importancia do cumprimento dos seus deveres.

Sem os argos que velam constantemente sobre as donzelas das outras nações, a donzella inglesa sabe impor, ainda ao mais dissoluto, o decoro que lhe é devido. A sólida educação que lhe é ministrada, servindo-lhe de égide, a subtrai à humilhação de uma vigilancia que degrada a mulher, porque faz pensar ser-lhe necessario um guarda, para que ella permaneça pura!

Assim tambem, comprehendendo melhor que as suas illustradas vizinhas do continente, a importancia dos sagrados deveres de esposa e de mãe, a mulher inglesa não vê, como geralmente aquellas, no casamento, um estado que as liberta do jugo de solteira, e lhes permite uma liberdade, de que, nem sempre, fazem bom uso. Pelo contrario, é neste novo estado que começa para ella a prática de todas as virtudes da vida doméstica. Pode dizer-se que o primeiro dever maternal é inato à mulher inglesa, a quem a civilização nada tendo feito perder do sentimento que o ordena, não foi necessario um **Emilio** de Rousseau para indicar-lho.

A donzella e a esposa apresentam, em França e Inglaterra, um papel diametralmente oposto no seu respectivo estado. Elle é ainda só à educação eminentemente religiosa da mocidade inglesa que se deve attribuir essa grande differença. Alem disto, o espirito de galanteio que caracteriza os homens da primeira Nação, sendo estranho aos da segunda, as mulheres inglesas tem a vantagem de respirar, desde os seus primeiros annos, na atmosfera de sinceridade que, com o sentimento de independencia, forma o principal caracter de sua Nação.

\*

\* \*

## LIX

Tocamos nos indigenas em geral e é de suas mulheres que queremos falar. Dignas, por suas virtudes inatas, de receberem educação moral e intelectual que as collocasse ao par de nossas mulheres civilizadas, as aborigenes do Brasil foram as primeiras vitimas imoladas à licença dos homens da civilização, que vieram trazer a seu país as vantagens da vida européa.

E companheiras submissas e fiéis de seus maridos, a quem seguiam na guerra e ajudavam com incansavel zelo e natural dedicação, em diferentes misteres da vida errante, na cabana ou fora dela, sua sorte era preferivel à que depois lhes trouxe o **crístianismo** de seus vencedores, envolvendo-as na atmosfera de seus vicios, ligando-as ao ferreo poste da escravidão, e vendendo-as, como faziam com inaudita atrocidade, sob o mesmo céu onde Deus as havia feito nascer com seus irmãos, no pleno gozo da liberdade!

Falando-se-lhes de Cristo e dos salutaes bens de sua religião, desmentiam-se, em geral, pela prática havida com elas e com os seus, as máximas que as tinham chamado ao gremio da Igreja!

Não obstante, porem, essa conduta e a falta absoluta de educação moral, as indigenas fornecem exemplos de virtudes e de heroismo, que poderiam ser collocados ao par dos que tem apresentado as mulheres civilizadas de todos os tempos e nações, com o duplo merecimento de serem tais exemplos promovidos pela espontaneidade, que não pelo cálculo, que preside, de ordinario, às grandes ações dos povos civilizados.

Quereis ver a mãe na sublime simplicidade do amor materno? Contemplai as indigenas em todas as correrias que eram e são forçadas a fazer, seguindo os maridos através dos bosques, perseguindo ou fugindo ao inimigo, sobrecarregadas dos filhinhos, além dos objetos que são obrigadas a levar. Seguf-as entre outras, na direção da emigração aconselhada tão pateticamente pelo seu chefe

Japiassú, resignadas a deixarem aos usurpadores de sua Patria todos os bens de que nela gozavam, afim de subtraírem seus filhos á opressão e ao oprobrio, que tanto havia já pesado sobre seus pais! Ide vê-las, hoje mesmo, como nós as vimos, nos restos de algumas aldeias, ao norte e ao sul do Rio de Janeiro, desenvolverem-se no estado intermediario do selvagem e do civilizado, ligadas, dia e noite, a seus filhinhos, por mais fortes vinculos de natural afeição do que muitas mães da nossa sociedade, não os deixando, como muitas destas, em seio estranho, alguma vez mesmo enfermos, para irem tomar parte nos prazeres do mundo, ou satisfazerem uma etiqueta da sociedade.

Quereis ver a esposa terna, previdente, dedicada e fiel? Contemplai a célebre Paraguassú, captando para o esposo as simpatias e os favores de sua tribu, ajudando-o em sua missão civilizadora, civilizando-se ela mesma, para amenizar-lhe os dias, privado como se achava ele das comodidades européias.

Circumspecta e fiel aos seus deveres, quando passou à França e apresentou-a à corte de Catarina de Médicis, que lhe deu seu nome, servindo-lhe de madrinha, ela atraiu a admiração de todos, por seu tipo americano, suas graças ingenuas e sua dedicada afeição pelo esposo, com quem voltou à Baía, no mutuo e constante empenho de utilizar aquela nascente colonia.

Quereis admirar o amor em toda a sua espontaneidade e na grandeza da abnegação pessoal? Vede Moema, a sensível e infeliz Moema, lançando-se ao mar, seguindo o homem por quem só prezava a existencia, e por quem queria morrer, não podendo com ele viver!...

Quereis, enfim, admirar a guerreira em toda a galhardia das armas? Atentai para a intrépida esposa do célebre Camarão, seguindo à frente de outras as pegadas do esposo, e duplicando-lhe os louros colhidos em tantos combates sobre o famoso solo pernambucano!

As privações e perigos que ela arrostando nas mais difficeis crises; a coragem e constancia que desenvolveu, quan-

do as armas do denodado guerreiro indigena faziam, com as de Henrique Dias e Vieira, o terror dos aguerridos batavos, foram muito superiores, pelas circunstancias em que se achava e pelos combatentes que a rodeavam, às que immortalizaram Joana d'Arc! Elas mereciam, por sem duvida, de seus vindouros, senão estatuas, que não sabemos ainda erigir aos nossos genios, ao menos justos tributos de homenagem, que fizessem corar aqueles que tem propalado a falsa reputação de covardia e inaptitude dessa raça que cooperou para que do Brasil não fosse então arrancado o povo que o havia descoberto!

De tantos, tantos triunfos, porem; de tanta dedicação e fidelidade, nenhuma gloria, nenhum feliz resultado ficou às futuras gerações, que em pouco desaparecerão, inteiramente, do solo brasileiro.

---

## XII

Como a Inglaterra, a França apresenta grande número de mulheres moralistas, poetisas e escritoras em todos os gêneros, procedentes das diversas classes da sociedade: nobre, burguesa, operaria, todas têm fornecido autoras mais ou menos distintas pelos seus trabalhos, na grande obra da civilização.

Aproveitaremos, porem, as duas escritoras que sobressaem às outras pela fertilidade e solidez de seu espirito, como uma prova de que a educação moral deve ser, como já temos observado, a base de toda a instrução da mulher, afim de que ela não se desvie da senda das virtudes que a farão sair vitoriosa do labirinto da vida, onde tem que lutar com o monstro da sedução.

Staël e George Sand, de condições e caracteres diferentes, chegaram ambas, por diversos caminhos, ao pináculo da gloria literaria. O mérito da primeira atraíu, ainda em 1850, tantos anos depois de sua morte, a illus-

trada corporação do Instituto de França a consagrar uma de suas sessões em seu elogio. A segunda é já denominada — a primeira escritora do século.

A pena de ouro que escreveu *Lélia*, a mais sublime de suas concepções, repousou compondo os seus dramas morais, que fizeram reviver na cena de Paris, os simples costumes rurais, e perdoar à sua autora alguns de seus escritos, julgados pelos severos moralistas por demais livres.

Se, com tão transcendente talento, a educação de Madame De Staël tivesse sido ministrada a George Sand, ter-se-ia esta deslizado da conduta circumspecta que constitue o primeiro mérito da mulher? Não, por certo; e aquela cujo espírito atrai a admiração do mundo literato, faria brilhar, por entre a coroa de imortalidade que lhe cinge já a fronte, a mais preciosa de todas as pérolas, que lhe falta, e que sómente a educação religiosa pode oferecer à mulher.

Assim, é quasi sempre da educação que nascem os desvarios, os erros, alguma vez os crimes que ofuscam as qualidades do espírito, mancham a vida da mulher, e a tornam bem vezes infeliz, ainda quando rodeada da fascinadora auréola da fortuna.

Dê-se ao sexo uma educação religiosamente moral, desviem-se deles todos os perniciosos exemplos que tendem a corromper-lhe, desde a infancia, o espírito, em vez de formá-lo à virtude; adornem-lhe a intelligencia de uteis conhecimentos, e a mulher será não somente o que ela deve ser — o modelo da familia — mas ainda saberá conservar dignidade, em qualquer posição em que, porventura, a sorte a colocar.

Quando o grande heroi do século XIX, fazendo revolver o mundo, e curvar ao seu despotismo as cabeças coroadas da Europa, temeu a influencia de uma mulher, e a desterrou em Coppet, essa mulher achou em seu espírito assaz recursos para suportar o exilio, e em sua



dignidade assaz energia para recusar-se depois ao seu chamado.

Essa grande potencia, perante quem tudo se curva, teve que devorar a recusa de uma mulher, cujo mérito havia, a principio, desdenhado. Napoleão ignorava, como diz Chateaubriand, que o verdadeiro talento só no genio reconhece Napoleões.

Se muitas outras se não tem portado, em casos semelhantes, com a mesma dignidade e energia, é porque lhes faltavam a educação e as luzes que ornavam o espirito da célebre filha de Necker.

---

#### XLVII

As lições e os esforços de uma ou de outra pessoa, desta ou daquela outra familia, nada podem contra a generalidade dos principios e hábitos seguidos por uma nação inteira.

Um ou outro pai conseguirá educar bem seus filhos, mas não estando esta educação no espirito do seu país, eles permanecerão estrangeiros no meio de sua propria sociedade, e nada terá o país ganho com estas frações diminuidas da enorme soma dos prejuizos e erros, que presidem a educação geral. Para cortar as cabeças sempre renascentes dessa hidra moral, seriam precisos outros tantos Hércules, tantas são as idéias e práticas erroneas do nosso povo.

Enquanto o governo e os pais não reconhecerem os danos de tais práticas e não se esforcarem por banil-as inteiramente, em vão uma ou outra voz se levantará para indicar os meios de um melhoramento considerado ainda por muitos como utopia. "C'est la nature du gouvernement de chaque société", diz Mme. Colcy, "qu'établit la nature de l'éducation, qui y donne la faiblesse ou la force, les vices ou les vertus".

Este principio é incontestavel, mas se, na insuficiencia de enérgicas medidas do governo para a reforma da nossa educação, apelamos para os pais de familia, — é porque estamos convencidos de que, em um país onde a escravidão é permitida, deles depende principalmente o meio de subtrairem seus filhos a grande parte dos inconvenientes que os prejudicam. Um desses inconvenientes é, por sem duvida, a instrução superficial, isolada de uma educação severamente moral, que constitue, de ordinario, a superioridade das nossas meninas de hoje sobre as de outrora.

Desconhecendo-se, ou não se querendo seguir comumente o bom método de educar, vai-se usando com elas pouco mais ou menos aquele com que foram suas mães educadas, acresecentando-lhes, por vezes, certa liberdade mal entendida, e por estarem em moda o ensino de algumas prendas, vedadas outrora ao sexo.

Certo, o que se chama, por via de regra, no Brasil, dar boa educação a uma menina? Mandá-la aprender a dansar, não pela utilidade que resulta aos membros de tal exercicio, mas pelo gosto de a fazer brilhar nos salões; ler e escrever o portuguez, que apesar de ser o nosso idioma, não se tem grande empenho de conhecer cabalmente; falar um pouco o francês, o inglés, sem o menor conhecimento de sua literatura; cantar, tocar piano, muita vez sem gosto, sem estilo e mesmo sem compreender devidamente a música; simples noções de desenho, geografia e historia, cujo estudo abandona, com os livros, ao sair do collegio; alguns trabalhos de tapeçaria, bordados e crochet etc., que possam figurar pelo meio dos objetos de luxo expostos nas salas dos pais, afim de grangear futeis louvores à sua autora.

O desenvolvimento da razão, por meio de bons e edificantes exemplos da familia; o hábito de raciocinar, que se deve fazer contrair às crianças, ensinando-as a atentarem no valor das palavras que proferem e ouvem proferir aos outros; discriminar as boas das más ações, excitando-

as a imitar aquelas e reprovar estas; tudo isto se deixa na mais completa negligencia: o que há de mais essencial a ensinar ou a corrigir guarda-se para uma idade mais avançada, repetindo-se sempre — ella é tão criança!

Assim, quando a menina passa da casa paterna para o collegio, leva no espirito o germe, algumas vezes tão desenvolvido, de mil pequenos vicios, que impossivel ou muito difficil é desarraigal.

E quaes são aí as educadoras, por mais dignas que sejam de exercer tais funções, que ousem contrariar inteiramente as opiniões e o gosto dos pais a respeito da educação de suas filhas? Seria exporem-se a ver suas aulas sem auditorio, e, como já observamos, sendo o magisterio, em nossa terra, por via de regra, um objeto de especulação, grande cuidado se tem em transigir com os pais de familia, embora com detrimento dos alumnos.

E' partindo desta experiencia que tiramos a conclusão de que, no Brasil, não se poderá educar bem a mocidade, enquanto o sistema de nossa educação, quer doméstica, quer pública, não for radicalmente reformado.

Debalde tentarão os directores e mestres que pertencem à exceção da regra enunciada, fazer de seus alumnos individuos bem morigerados, conspicuos e modestos, se os pais não forem os primeiros em inspirar-lhes estes principios, se os mestres não possuírem as qualidades indispensaveis para preencherem os encargos do magisterio.

Será, portanto, da comunhão das boas práticas de uns e de outros que somente poderão sair homens e mulheres capazes de firmar o renome da Nação brasileira, a qual, tão grandemente elevada pela Natureza, tão pequeno espaço tem ainda conquistado no vasto e fertile campo da civilização moderna.

---

## LIV

Dissemos que não limitaríamos a nossa análise sobre a educação de nossas mulheres a esta ou àquela outra Província, mas sim a todo o Brasil. Nunca nos assomaram os epidêmicos delírios de mal entendido orgulho provincial, funesto germe fomentado outrora entre nós por disfarçados inimigos da prosperidade desta grandiosa e rica terra, tão invejada pelos estrangeiros, e tão ameaçada, por seus próprios possuidores, de perder, em sua divisão, o prodigioso valor que o seu todo constitue.

Amamos com religioso entusiasmo a nossa Pátria, isto é, toda a vasta Terra de Santa Cruz; em qualquer ponto dela, consideramo-nos em nossa Pátria, e os povos aí nascidos, nossos conterrâneos e irmãos. Que importa termos visto, pela primeira vez, a luz, nesta ou noutra de suas Províncias, se é o mesmo céu brasileiro que nos cobre, o nosso verdejante solo que pisamos, e se o mesmo interesse comum nos reúne e fraterniza?

Todos os brasileiros, qualquer que tenha sido o lugar de seu nascimento tem iguais direitos à fruição dos bens distribuídos pelo seu governo, assim como à consideração e ao interesse de seus concidadãos.

E', portanto, em favor de todas as mulheres brasileiras que escrevemos, é a sua geral prosperidade o alvo de nossos anelos, quando os elementos dessa prosperidade se acham ainda tão confusamente marulhados, no labirinto de inveterados costumes e arriscadas inovações.

A classe chamada, na Europa, do povo; essa nobre classe onde as virtudes se perpetuam sem o auxilio do cálculo, sem o frívolo estímulo dos vãos títulos de avós, — não pode ter a mesma acepção, em um país onde não há nobreza hereditaria, e os títulos não se conferem somente ao verdadeiro mérito. Fazemos, portanto, menção de duas classes distintas de brasileiros: rica e pobre, a primeira podendo gozar, pelos favores só da fortuna, de todas as vantagens materiais, de todas as garantias obti-

das com dinheiro, este vil metal que, na terra, comprado, menos a virtude e o talento; a segunda podendo atingir, pela intelligencia, o cúmulo da gloria, que dão as artes e as ciencias, únicos e inexauriveis mananciais de poder e de prosperidade, que enobrecem os povos e elevam as nações.

Tratando da educação da mulher nessas duas classes, a voz da humanidade, primeiro, e, depois, a da honra de nosso país nos impõem o dever de insistirmos com mais energia em reclamar o melhoramento da última, principalmente daquela parte que vive sem recursos; porquanto, o seu abandono a expõe aos mais tristes extremos, não possuindo o prestigio de um título, nem as galas da riqueza, que disfarçam e fazem mesmo desculpar os vícios abrigados nos salões.

Implorando, pois, a filantropia do governo para a classe desfavorecida da fortuna, repetiremos a essa as palavras do grande poeta Victor Hugo:

“Laisse-toi conseiller par l'aiguille ouvrière  
 “Présente à ton labeur, présente à ta prière,  
 “Qui dit tout bas: travaille! oh! crois-la, Dieu, vois tu,  
 “Fit naître du travail, que l'insensé répousse,  
 “Deux filles: la vertu, qui fait la gaîté douce,  
 “Et la gaîté, qui fait charmante la vertu!”

Se se instituisse uma classe pública de operarias em toda a sorte de trabalhos, oferecer-se-ia a uma parte das familias desvalidas do Brasil não somente um meio seguro de as livrar da miseria, mas ainda de habilitá-las para um futuro que não está longe.

Preparada por uma sabia administração, essa classe tiraria e faria, ao mesmo tempo, com que a Patria tirasse proveito dos grandes recursos que encerra o nosso riquíssimo solo.

Neste solo dileto do Creador, quando se tiver sabido dar o conveniente desenvolvimento à industria e às artes,

inspirando-se ao seu povo, por meio de fortes incentivos, o amor ao trabalho, as classes operarias não temerão, por sem duvida, a mísera situação em que vive parte das operarias do país mais poderoso da idade actual: a Inglaterra. Essas infelizes creaturas vegetam, subtraídas aos olhos do público, nesse bazar do mais ostensivo luxo aristocrático, semelhantes ao corpo arruinado de úlceras ocultando-se debaixo das sedas e pedras preciosas, de que vãmente se adorna já ao tocar o limiar da eternidade!

Os progressos da civilização cristã nos deixam lóbrigar o grande espectáculo do nosso povo regenerado da negra mancha que lhe imprimiram os nossos antepassados, cancro moral minando-lhe as mais excellentes qualidades d'alma!

E' mister habilitar nossos filhos para esse feliz porvir, em que todo o trabalho será feito por braços livres; porvir de grandeza e de glorias, no qual o brasileiro, extasiando-se na contemplação, na magnificencia de sua natureza, não sentirá, como nós, a applicação que se nos pode hoje fazer dos seguintes versos de Byron, inspirados nas deliciosas margens do Tejo:

"Poor, paltry slaves yet born! midst noblest scenes,

"Why, Nature, waste thy wonders on such men?"

"Pobre povo de escravos, nascido em tão bello clima!

"Para que prodigalizaste teus dons, oh! Natureza, a semelhantes homens?"

---

LV

Estamos certos de que as pessoas convencidas do triste estado de nossa educação religiosa, depois que nos alistamos no catálogo das nações cristãs, ter-nos-ão já estranhado o silencio que até aqui guardamos sobre uma das

causas capitais deste estado, — a falta de instrução e de exemplos edificantes, dada pelo nosso clero à mocidade brasileira.

Falaremos, pois, neste ponto tão importante à mori-garação de qualquer povo, não como rígidos censores, der-ramando o fel que lhes vai pela alma, ao contemplarem por terra o monumento mais veneravel das nações civili-zadas, mas como humildes fieis, com o coração ungido de dor pelos desvios de nosso povo, que vemos crescer, pros-perar e ensoberbecer-se pelos pingues dons que lhe doou a pródiga natureza, sem refletir que é o trabalho do homem e a riqueza natural do solo que engrandecem as nações; e que, sem o respeito à religião e às leis, não poderá ele jámais ascender a esse grau elevado de civilização a que julgamos ter atingido, porque arremedamos a Europa no que a Europa encerra de menos importante.

“A religião é a cadeia de ouro que une a terra ao céu”, repetiu o nosso Marquês de Maricá. Nós parodiare-mos essa bela máxima: A religião é a cadeia indestrutivel que liga a mulher a seus deveres; a coroa mais preciosa que lhe cinge a fronte.

A mulher sem religião assemelha-se àquelas lindas flores de nauseante cheiro, que se deve admirar de longe, sendo que o seu contato infecciona o ar que respiramos.

E’ a religião que fortifica e realça as qualidades fem-inis; é ela ainda que sustenta e consola todo individuo nas circumstancias mais dificeis da vida, a bússola invaria-vel que lhe indica os seus deveres, e o conduz ao exato cumprimento deles.

Entretanto, nada em nossa terra mais desprezado pe-los pais e pelos párocos que o ensino da religião!

Onde, no Brasil, o assiduo cuidado de uns e de ou-tros, de inspirarem à mocidade os salutaes principios da fé de Cristo?

Qual a freguesia em que o pastor observe, pontual-mente, os deveres que lhe impõe a sua santa missão?

Não há espírito religioso em nossa terra que não lastime o desregramento e a ignorância da maior parte do nosso clero. E' ainda este um filho póstumo do clero de sua antiga metrópole.

Não temos a sublime pena, nem a tarefa do grande historiador A. Herculano, para esboçar, sequer, as calamidades que acarreta a qualquer país um clero ignorante e desmoralizado. Seja-nos, porem, permitido observar, de passagem, que é dessa fonte, principalmente, que emanam os incentivos, senão a causa primaria da desordem que se tem até hoje sucedido.

Podemos dizer, sem receios de que nos tenham por exagerado, que, em nenhuma paróquia do Brasil, a nossa religião é devidamente ensinada à mocidade.

A explicação do catecismo, de que, com tanto interesse e assiduidade se ocupam os padres de França, encarregados de difundir a instrução religiosa por todas as classes da sociedade, é de tal sorte desprezada no Brasil, que as nossas grandes meninas, habéis nas etiquetas dos bailes e nos manejos para obterem a única conquista a que aspiram, fazem a primeira comunhão sem o conhecimento dos principios da nossa santa fé!

Nunca esqueceremos a humilhação que sentimos (pela ignorância dos nossos conterraneos neste ponto) quando, em Paris, uma antiga dama da casa de Luiz Filipe, admirando a instrução de uma joven brasileira que se achava ali, ao mesmo tempo que nós, com certa franqueza de que a fizemos arrepender-se: Que surpreendia-se ao ver uma moça de nosso país, tão instruída, quando, a uma de nossas altas personagens, chegando à França, foi necessario ensinar até o catecismo.

---



**A N E X O S**

## ACTA DIURNA

De Luiz da Câmara Cascudo.

("A República", de Natal, 17-1-1940).

### O SÍTIO "FLORESTA".

Dionisia Gonçalves Pinto nasceu a 12 de outubro de 1809, no sítio "Floresta", a um e meio quilômetro da Cidade de Paparí. A ridente paisagem de outrora, ampliada pela imaginação, numa incessante distancia haloada pela inteligência recordadora, foi constante saudade aos olhos agudos da escritora. Incluiu esta, após o Nisia, final de Dionisia, o Floresta, no pseudônimo prestigioso, testemunho de sua perene ligação às imagens vivas da infância tropical. Nisia Floresta sagrou o recanto que não tinha passado. Não é sem emoção que passamos pelo monumento e voamos, inconscientemente, para a idade pretérita, vendo no ambiente em que brincara a meninice turbulenta da futura Nisia Floresta Brasileira Augusta.

Nem mesmo as ruínas restam, apontando onde estivera a residência do português Dionisio Gonçalves Pinto, advogado sem causas, político desconhecido, Pai que da filha recebeu o direito de não desaparecer no esquecimento natural. De tudo quanto encantara os olhos despertos de Nisia e se fixou nas páginas distantes, nada mais existe. *Etiam periere ruinae...*

O Papai de Nisia casara com d. Antonia Clara Freire,

filha do Capitão-Mor Bento Freire do Revoredo, de Goianinha. D. Antonia Clara era viuva de Antonio Fernandes Rodrigues, que tambem aparece Gomes ou Guimarães ou simplesmente Rodrigues, e tivera uma filha, Maria Isabel do Sacramento, irmã materna de Nisia, que talvez seja a que não deixou rasto às pesquisas vitoriosas de Adauto da Câmara.

Floresta nunca fora povoação, nem engenho de açúcar. Em petição de 18 de março de 1813, Bento Freire do Revoredo requeria ao Governador da Capitania a data de terra em cuja posse, embora sem títulos, se encontrava. Diz o Tte. Bento Freire do Revoredo e sua sobrinha orfã Maria, moradores nos limites desta Capitania, que eles são senhores e possuidores do sitio denominado FLORESTA no lugar Paparí, que hoverão o primeiro por compra ao Pe. João Dias Pereira e a segunda por herança de seu falecido Pai Antonio Rodrigues Ferreira Gomes (adiante aparece Guimarães em vez de Gomes) etc. O Governador Sebastião Francisco de Melo e Póvoas despachou a 26 do mesmo mês. A sobrinha orfã é engano do escrivão. Deve ser neta e era justamente a Isabel Maria do Sacramento que, em junho de 1853, já morrera, assim como um filho, Camilo Augusto, ficando sua parte para d. Antonia Clara.

O sitio Floresta tinha 200 braças de comprimento e 400 de fundo, pouco mais ou menos. Pagava o foro anual de quinhentos réis...

Nessa Floresta viveu o advogado Dionisio e se passaram lutas, ataques tempestuosos, assaltos heróicos, narrados por Nisia Floresta e sem comprovantes nos arquivos e tradição locais. Af se erguiam as mangueiras abrigadoras de 200 convidados para um banquete aniversario, algarismo que Adauto da Câmara, o melhor biógrafo de Nisia, embargou com todos os fundamentos. Em Floresta esteve Henry Koster, novembro de 1810, gabando posição e efeitos. They possessed a small piece of land in the valley, and appeared to be comfortably situated, escreveu Kos-

ter no "Traveis in Brazil" (I, p. 99) e jantou com o Senhor Dionisio, assistido por d. Antonia Clara.

Viajando esta para o Rio de Janeiro e aí morando, resolveu vender Floresta, e, a 9 de junho de 1853, passou procuração bastante ao seu parente coronel Bonifacio Câmara. Não assinou por não saber escrever. A 8 de maio de 1857, Floresta era vendida a Luiz Bezerra Augusto da Trindade, por 400\$. D. Antonia Clara já falecera (1855) e em 1853 se dissera possuidora única de Floresta, pela morte da filha Maria Isabel e do neto Camilo Augusto. Luiz Bezerra Augusto da Trindade morreu em 1881, e seus filhos e netos ficaram, arrendando o sitio, com Floresta. O maior proprietário era Francisco Teófilo Bezerra da Trindade (falecido a 3-10-1938), que entabou negociações de venda com o sr. Pedro Paulo de Carvalho, atual senhor do sitio Floresta.

A 12 de outubro de 1909, centenario do nascimento da escritora, em terreno cedido por Chico Teófilo, o Congresso Literario e estudantes do Ateneu Norte Rio Grandense, sob os auspícios do Governador Alberto Maranhão, Presidente de Honra, ergueram um monumento a Nisia, poucos passos onde teria existido a velha residencia. Eduardo dos Anjos construiu tudo em doze dias. Numa base quadrangular está um bloco cubóide, sustendo um soco, eucimado por uma flecha tetraédrica, em alvenaria. E' o monumento, pintado de horroroso azul, que as chuvas misericordiosamente limpam. O Tempo vai arranhando, arranhando... Derredor, abandono, devastação, silencio, melancolia...

E' o que se vê dos jardins balsâmicos de minha Floresta, da deliciosa Floresta, berço de meu nascimento, inesquecida de Nisia e por ela cantada sempre. Aí se implumara a grande ave de arribação, cu as asas não cabiam nos limites do ninho...

## ACTA DIURNA

De Luiz da Câmara Cascudo

("A República", de Natal, 19-1-1940).

### NISIA FLORESTA E ALGUNS PARENTES

O português **Dionisio Gonçalves Pinto** casou com **d. Antonia Clara**, filha do **Capitão-Mor Bento Freire do Revoredo** e de **Mônica da Rocha Bezerra**. O casal residiu no sítio **Floresta**, arredores da então povoação de **Papará**, hoje **Cidade**. A 12 de outubro de 1809 nascia uma menina que se chamou, segundo tradição oral uniforme, **Dionisia**, em honra do apelido paterno. Morreria, a 24 de abril de 1885, em Rouen, na França, célebre, festejada, ilustre.

Escritora, poetisa, educadora, viajante, a mais notável mulher de letras do Brasil, como a chamou **Oliveira Lima**, **Dionisia** é conhecida por seu reboante pseudônimo: — **Nisia Floresta Brasileira Augusta!** . . .

**Nisia** é o final de **Dionisia**. **Floresta** é o ninho nativo. **Brasileira** é uma afirmativa nacionalista para quem viveu 28 annos na **Europa**. **Augusta** é a recordação amorosa e fiel ao seu **Manuel Augusto de Faria Rocha**, o companheiro dileto e depois marido amadíssimo.

O português **Dionisio**, advogado e político, não deixou rasto na historia norte rio-grandense, como notou **Adauto da Câmara**. Fica valendo por ter sido o pequeno papai de sua grande filhinha. Morreu assassinado, nas vizinhanças

Augusto Ao. quatro dias do mes de Agosto de 1854  
p. 15 de nos em virtude das Leis da Independencia e  
D. Pedro II 1854 Sua Magestade Imperatorial e Real  
e p. o Senhor Alcaide de Augusto, nascido a  
[redacted] legitimo de Doutor Manoel Augusto  
Floresta Brasileiro e Augusta, natural  
deu de Manoel Coriario da Silva, natural  
de Santa de Anurá, natural de Pernambuco  
natural de Porto Leão, natural de Portugal, e  
natural de Rio Grande de São João  
Antônio Rocha Pereira e sua Mulher Do  
Frederico Rocha O p. e m. corchetes for este

Registro de batismo de Augusto Américo de Faro  
Floresta, — extraído do L. 8.º, fls. 62 e 63  
Madre de Deus, Porto Alegre

Ao illustre escriptor Portuguez  
o Sr. D. Alexandre Hercau-  
lano

Homenagem dos Poetas  
da Authora

Brasileira Augusta

Autógrafo de Nisia Floresta Brasileira Augusta  
no exemplar do "Opúsculo Humanitario" ofere-  
cido a Alexandre Herculano. Este exemplar foi  
adquirido em Lisboa por Luiz Edmundo, que o  
ofertou a Henrique Castriciano.

do Recife, na noite de 17 de agosto de 1828, a mandado de um Capitão-Mor A. de Uchoa Cavalcanti, possivelmente um inimigo eleitoral. D. Antonia Clara, nascida a 13 de junho de 1788, casou duas vezes. A 9 de junho de 1853, passando no Rio de Janeiro uma procuração para a venda dos sitios Floresta e Taboca, em Papará, d. Antonia Clara diz ser única possuidora dessas terras, havidas, em parte, por morte de Antonio Fernandes Rodrigues, seu marido, e de sua filha Maria Isabel do Sacramento, e do seu neto Camilo Augusto, ambos falecidos. Sabe-se que esse Antonio Fernandes Rodrigues era português.

D. Antonia Clara veio a morrer no Rio de Janeiro, a 25 de agosto de 1855. Era mulher enérgica, inteligente, decidida. Quando, em novembro de 1810, o inglês Henry Koster visitou Papará, hospedou-se em sua casa e jantou, assistido por ela. Era fato excepcional. Todos os visitantes do Brasil colonial registam a ausencia das senhoras dos lugares onde os estranhos estavam. Koster diz apenas: — Senhor Dionisio introduced me to his lady; he is a native of Portugal, and she a Brazilian. Nem era preciso mais.

Os parentes de Nisia!... D. Antonia Clara era tia de D. Ana Catarina, que se casara com Basilio Quaresma Torreão. Era irmã de Leonarda, mulher de Inacio Grilo, patriarca dos Grilos de Goianinha. Era tia de Gertrudes, esposa de João Simoneti, dos aristocraticos Simonetis do Renascimento. Era irmã de Inacio Freire do Revoredo, que se casou com d. Tereza Maria de Jesús. Desse par vem d. Maria Manuela, casada com Manuel Raposo Soares da Câmara, da Casa de Laranjeiras, pais de d. Maria Ursulina que se casou com Manuel Fernandes Pimenta, meus avós maternos.

A sogra de Dionisio Gonçalves Pinto, avó materna de Nisia, era filha de Leonardo Pinheiro e de Maria Borges da Rocha Bezerra. Esse Leonardo era irmão de Francisco Pinheiro Teixeira, marido de Bonifacia Antonia de Melo, casados a 12 de maio de 1748. Desse matrimonio vem d. Francisca Antonia, casada a 24 de janeiro de 1764, com



o português Manuel Pinto de Castro. São os pais de Frei Miguelinho, do Padre Pinto, etc.

Irmão do avô paterno de Nisia Floresta, Leonardo Pinheiro, é d. Tecla Rodrigues Pinheiro, esposa de Francisco de Souza e Oliveira. Dois filhos merecem cita: — Felix José de Souza e Oliveira, marido de d. Teodosia Maria de Jesús Madeira, é o pai do Padre Gonçalo Inacio de Loiola Albuquerque e Melo Mororó, o Padre Mororó, fuzilado na revolução cearense de 1824; e Antonio José de Souza e Oliveira, casado com d. Joana Teixeira de Melo, avós paternos do dr. Tomaz Pompeu de Souza Brasil, o Senador Pompeu, orgulho justissimo do Ceará.

De Francisco Pinheiro Teixeira, irmão do avô materno de Nisia, vem os Almeidas Castros e se entrelaçam com os Pinheiros da Câmara, do ramo do capitão de milicias Joaquim Torquato, famoso nos movimentos políticos em Natal, ao redor de 1820. Com uma sobrinha legítima de Leonardo, casou João Damasceno Xavier Carneiro, que se ordenou padre depois de viuvo, e foi o Padre Damasceno, alma da Revolução de 1817 no Rio Grande do Norte, e falecido por sua causa.

Aí está como, revirando o novelo genealógico, estirado por mim através de registos de batismo e matrimonio, na forma do santo concilio Tridentino, dei com esse parentesco ilustríssimo...

---

## A DANSA NOS COLEGIOS DE OUTBORA

Nos anuncios dos jornais dos meados do século passado, é muito comum encontrar a dança no programa de ensino dos Colegios de meninas.

A propósito, vamos transcrever o anuncio de um professor de dança, que deparamos no JORNAL DO COMMERCIO de 29 de dezembro de 1840: —

“Estando decidido de ficar para sempre no Rio de

Janeiro, José Maria Toussaint, o primeiro professor de dança de graça e de apresentação, discipulo e meio pensionista da Academia Real de Música de Paris, grande-ópera e primeiro dansarino do Theatro de S. Pedro de Alcântara desde 1825 até 1832, se decidiu a não se ocupar senão só de sua arte, continuando a dar suas lições de dança, tanto em collegios como em casas particulares, e mesmo em sua casa; por isso tem a honra de anunciar ao respeitavel público desta capital que as pessoas que quizerem honrá-lo e aproveitar-se do seu préstimo podem procurá-lo na rua do Sacramento n.º 16, em frente ao teatro. Ele ensina todas as dansas, quaisquer que forem, e mesmo compõe algumas”.

---

#### LITERATURA DO DIA

“O Jornal do Comercio” do Rio de Janeiro publicou, há pouco tempo, umas *Cartas da Italia* escritas por uma Fluminense a outra. Quem leu estas cartas havia de ter notado na viajante uma excelente faculdade de descrever as cousas, com cores vivas e animadas, e, ao mesmo tempo, com muita graça e delicadeza. Quem quer que ela seja, tem uma percepção muito fina, muito gosto artistico e sabe empregar bem a sua lingua. Parece-nos, todavia, que ela não escreve só em portuguez, mas tambem no francês e no italiano. Pelo menos, as suas cartas foram escritas e publicadas nessas três linguas, simultaneamente, e agora foram editadas por Dentu, de Paris, num livro intitulado: *Trois Ans en Italie suivis d'un voyage en Grèce. Par une Brésilienne. Escrits en Portuguais, en Français et en Italien et publiés à Rio-Janeiro, à Florence et à Paris.* In 8vo. 362 ps.

(“O Novo Mundo”, Periódico Ilustrado do Progresso da Idade. Registrado por J. C. Ro-

drigues, no ano de 1870. New-York, Novembro, 24 de 1871, 2.<sup>a</sup> Edição, Dezembro de 1874).

#### D. NISIA FLORESTA

Há poucos meses noticiamos o aparecimento, em Paris, de um volume de viagens, escrito em Francês, por Uma Brasileira, e cuidamos que era autora deste trabalho a mesma senhora que escrevera, recentemente, umas cartas da Italia. Vimos, desde então, a nova publicação: é ela o segundo volume dos *Trois Ans en Italie*, publicado há oito-anos em Paris, e cuja autora é a assaz conhecida Sra. D. Nisia Floresta Brasileira Augusta. Os nossos leitores, sem dúvida, nos hão de agradecer o darmo-lhes aqui um retrato de uma das raras escritoras do Brasil.

D. Nisia Augusta, ao que nos dizem, conta perto de sessenta e dois anos, e é realmente um prazer fazer-se um retrospecto de sua vida e achar-se-á toda ocupada de trabalhos elevados e uteis, que bem mostram que ainda até entre nós a mulher não foi feita somente para criar filhos, e encerrar todas as suas aspirações no circulo das afeições domésticas e que, portanto, "a mulher não precisa saber muito". Se há um "direito das mulheres" que, de todo o bom grado, lhes concederíamos em toda a parte, se dessemos, é o de se ilustrarem como lhes aprouver, e atirarem aos ares o jugo da ignorancia, em que nós, os casacas, as queremos conservar.

Esta autora é filha do Rio Grande do Norte. Na sua mocidade, foi professora, por mais de vinte anos, no Sul do Brasil, tendo sempre lutado muito contra a "rotina" do ensino das meninas. Em 1854 foi para a Europa, onde tem residido desde então, e onde tem adquirido renome, por seus talentos superiores, revelados em muitos escritos, publicados em varias linguas.

O primeiro trabalho que publicou, foi a tradução de

um opúsculo sobre **Direito das Mulheres**. Seguiram-se-lhe **Conselhos à minha filha** (1842) e **Pensamentos**, em verso, (1845). Este trabalho foi traduzido no Italiano e publicado em Florença, em 1858, e depois no Piemonte. Do Italiano, foi traduzido no Francês e publicado em 1859, também em Florença.

As outras suas obras são **Dacéz?**, historiêta (1867); **A Lágrima de um Caeté** (1849); **Poesias sobre a Revolta Praeira**; **Dedicação a uma Amiga**, romance histórico em dois bons volumes (1850); **Opúsculo Humanitario**; **Itinéraire d'un voayge en Allemagne**, publicado em Paris, por **Firmin Didot** (1857); **Scintille d'un 'anima brasiliiana**, que é uma coleção de cinco estudos críticos sobre a Mulher, o Abismo sob as flores; **Viagem Magnética**; um passeio ao Luxemburgo, e o Brasil, o primeiro destes estudos tendo sido traduzido e publicado em Londres, em 1865. Alem destas obras, e dos dois volumes dos **Trois Ans en Italie**, a autora tem publicado muitos artigos em periódicos nacionais e estrangeiros, quasi sempre sob as iniciais "B. A.": e nos informam que tem em seu poder e inéditos algumas das suas melhores produções, tais como uma coleção de poesias, umas "Inspirações Maternas" e umas **Memorias** de sua vida.

O retrato que publicamos, é tirado de uma fotografia já muito indistinta.

("O Novo Mundo", de J. C. Rodrigues, New-York, 23 de Maio de 1872, Vol. II, n.º 20, pg. 133, 2.ª ed. Dezembro de 1874).

---

## COMUNICADO

### Colegio Augusto.

Convidado a testemunhar os exames das alunas do **Colegio Augusto**, estabelecido na rua D. Manoel, e assis-

tindo a todos eles, achamo-nos habilitados a emitir uma opinião segura acerca deste estabelecimento e do modo por que é dirigido.

Os elogios que fizermos a ele não sejam atribuídos ao desejo de proteger ou de lisongear a sua diretora; nenhum motivo temos que nos leve a isso. Convencido de que a moralização de um povo e sua felicidade não depende menos da boa educação das meninas do que dos meninos, vemos sempre com alegria estabelecidos entre nós bons collegios, tanto para um sexo como para o outro, e com bastante susto quando se anuncia algum dirigido por estrangeiros de quem não temos o menor conhecimento, a mais simples informação a respeito de sua moralidade e ilustração: e é por isso que nos apressamos a recomendar os que oferecem boas garantias a todos os respeitos, como este de que tratamos.

Grande número de discipulas tem a Sra. D. Nisia Floresta Augusta, e por tal forma distribue o tempo, que é a unica pessoa a lècionar no seu collegio: o método que adota, é simples, facil e proveitoso; a ele e ao esmero com que o executa se deve certamente o rápido adiantamento das meninas que lhe são confiadas. Neste ano, dentre as que se sugeitaram a exames, foram mais de vinte as premiadas; e, dentre estas, mais se distinguiram as jovens D. Lívia Augusta de Faria Rocha, em latinidade; D. Maria Rosa Ferreira, D. Maria Carolina de Mascarenhas e D. Maria Emilia Braga, em historia, cosmografia, italiano, etc. Entre as premiadas, algumas são educadas gratuitamente; é, portanto, a filantropia uma das qualidades que distingue a Sra. D. Nisia, e que passará às jovens que vêm executá-la quotidianamente.

No dia da distribuição dos premios numerozo era o concurso de espectadores que admiravam não só o ar de elegancia e seriedade das meninas, o qual se adquire por imitação na infancia, ou por longo traquejo de boas sociedades, como a amizade respeitosa com que as discipulas retribuiam ao amor natural de sua boa professora.

Despedindo-se de suas discipulas, por este ano, dando-lhes alguns dias de descanso e de folguedo, a Sra. D. Nisia dirigiu-lhes uma carta de conselho, inspirando-lhes o amor ao estudo e mostrando-lhes as vantagens encontradas no caminho da virtude e os perigos da má educaçáo e das paixões violentas.

O que acabamos de dizer não peca por exagerado: provamo-lo com as pessoas que concorreram aos exames e com as que fazem parte das familias a que pertencem as discipulas da Sra. D. Nisia Floresta Augusta.

(“Jornal do Comercio”, quinta-feira, 24 de Dezembro de 1846, pg. 2).

---

#### Colegio Augusto.

Nos dias 17, 18, 19 e 20 do corrente, tiveram lugar os exames das alunas deste estabelecimento, dirigido por D. Nisia Floresta Augusta. Foram examinadores: de doutrina cristã, o Rev.º Padre Soares de Souza; de leitura e gramática portuguesa, o Sr. J. Teles Palhinha; de aritmética, o lente da aula de comercio, o Sr. João Caitano da Silva; de historia universal e patria os srs. Revos. Padres Berten e Mavignier; de francês, o Sr. Carlos Ezequiel Barros; de italiano, o Exm.º Mosenhor Nuncio Apostólico; de latim, o Rev.º Padre professor público Agostinho Marques de Gouvêia; de geografia e cosmografia, o Rev.º Padre Mestre Mavignier e o Sr. J. Teles Palhinha..

#### Alunas premiadas

W

- D. Livia Augusta de Faria Rocha, em latinidade, com o retrato em miniatura da diretora.
- D. Maria Rosa Ferreira, em historia, cosmografia, poesia e italiano, com a 1.ª medalha de ouro.

- D. Maria Carolina de Mascarenhas, em historia, cosmo-  
grafia e italiano, com a 2.<sup>a</sup> medalha de ouro.
- D. Maria Emilia Braga, em historia, cosmografia e ita-  
liano, com a 3.<sup>a</sup> medalha de ouro.
- D. Francisca de Souza Lima, em historia universal, poe-  
sia e cosmografia, com a 4.<sup>a</sup> medalha de ouro.
- D. Joana Brígida Corrêia, em francês, geografia e histo-  
ria italiana, com a 1.<sup>a</sup> medalha de prata.
- D. Inês Clara de Abreu e Souza, em francês, geografia e  
historia antiga, com a 2.<sup>a</sup> medalha de prata.

Todas estas medalhas continham o dístico de — Pre-  
mio ao Merito — e firma da diretora.

- D. Nisia da Silva Brandão, em historia universal e poe-  
sia italiana, com o 1.<sup>o</sup> livro, encadernação rica de  
veludo, tendo em letras de ouro o mesmo dístico  
das medalhas.
- D. Joana Carolina da Silva Guimarães, em tradução de  
italiano e em cosmografia, com o 2.<sup>o</sup> livro de igual  
encadernação.
- D. Maria Teresa da Cruz Cotrim, em gramática italiana  
e historia moderna, com o 3.<sup>o</sup> livro.
- D. Luiza de Queiroz Paiva, em gramática portuguesa, dita  
francesa, tradução e historia antiga, com o 4.<sup>o</sup> livro.
- D. Maria Carolina Pinheiro, em gramática portuguesa, di-  
ta francesa, tradução, aritmética e historia antiga,  
até a 4.<sup>a</sup> época, com o 5.<sup>o</sup> livro.
- D. Francica Josefina Viana de Souza, em gramática fran-  
cesa, tradução e geografia, com o 6.<sup>o</sup> livro.
- D. Feliciano Benedita Tibre, em gramática francesa, tra-  
dução e geografia, com o 7.<sup>o</sup> livro.
- D. Maria Augusta de Sá, em gramática portuguesa, dita  
francesa, tradução e aritmética, com uma coroa.
- D. Joana Apolinaria dos Reis, em gramática portuguesa,  
dita francesa e aritmética, com uma dita.

## MENÇÕES HONROSAS

- A D. Adelaide de Menezes Fróis
- A D. Francisca Luiza Corrêa
- A D. Cecilia de Castro
- A D. Clara de Queiroz Paiva
- A D. Maria Francisca Torres
- A D. Teresa Cândida do Pilar
- A D. Elisa Stehen
- A D. Elisa Franquelina Pinto.

(“Jornal do Comercio”, quinta-feira, 24 de  
Dezembro de 1846, pg. 2).

## COMUNICADO

Assistimos aos exames por que passaram as alunas do **Colegio Augusto**, estabelecido na rua de D. Manuel, e não nos podemos dispensar de felicitar a sua Diretora pelo aproveitamento de suas discípulas. Fez exame de latimidade D. Livia Augusta de Faria Rocha, e tornou-se digna do premio que lhe foi distribuido. E' a primeira menina que temos visto ler e traduzir perfeitamente o latim. Em diversas materias fizeram exames muitas outras, e dentre elas mais se distinguiram e foram com justiça premiadas 24, pois mostraram desenvolvimento superior à idade, e saber as materias em que eram arguidas.

Grande era a concorrência e geral o sentimento de prazer, por já se ver entre nós um colegio tão bem regularizado e dirigido por uma nossa patricia. As meninas apresentaram-se com desembaraço, elegancia e agradável seriedade, por imitação àquela que as educa como filhas, levando a sua bondade ao ponto de fazê-lo gratuitamente a algumas. Ao distribuir os premios e dar as ferias, dirigiu a Sra. D. **Livia Floresta Augusta** uma carta de conselhos às suas educandas, na qual se apreciou a morali-



dade dos pensamentos, clareza de estilo e escolha de termos.

(O Mercantil, de 4.<sup>a</sup> feira, 23 de Dezembro de 1846, pg. 3).

---

### INSTRUÇÃO PRIMARIA

Estando entre nós a instrução primaria, mormente do sexo feminino, abandonada à especulação de quem, ao chegar aqui, vê nela o meio mais facil e pronto de adquirir alguma fortuna, é mister que os pais de familia sejam muito escrupulosos na escolha da mestra a quem tem de confiar a educação de suas filhas, da qual depende o porvir destas. Para que a escolha seja acertada deve a imprensa occupar-se tambem com este assunto, já que os governos não tem ação sobre os collegios, nem a legislação do nosso pais os arma com meios eficazes para exercer a conveniente inspeção sobre eles.

Ao confiar uma filha a um collegio, o pai deve ter os mesmos receios que depois de entregá-la a um mau esposo. Se da boa ou má escolha de um esposo depende a felicidade ou o infortunio de uma Sra.; se irremediaveis são os males emergentes de uma infeliz união, não menos são os da má educação ou os que trazem os péssimos exemplos tidos quando a razão começa a desenvolver-se. Certos desta verdade, admiramos a facilidade com que, entre nós, se acredita na moralidade protestada num anuncio mais ou menos pomposo, de quem abre um collegio, e sem mais exame se lhe entrega a educação de uma menina!... Se os collegios estivessem há muito tempo estabelecidos entre nós, se não começassem ontem, por assim dizer, tempo haveria para se conhecer os perigos a que é exposta uma menina ao entrar no collegio; a experiencia ensinaria aos pais, os males de uns serviriam de exemplo a outros, e

então haveria mais cuidado, menos facilidade em crer-se no palanfrorio de Mme. de tal, que acaba de chegar de . . . . . etc., etc. Tendo intima convicção do que acabamos de dizer, e ainda mais de que, para felicidade de um povo, contribue muito a sua moralidade e illustração, no fim de cada ano, tomaremos o trabalho de recomendar um ou outro collegio que, no arranjo interno e nos exames dos alunos, derem algumas garantias. Já recomendámos o collegio de Mme. Tanière, hoje o mesmo faremos acerca do que é dirigido pela Sra. D. Elisia Floresta Augusta, na rua D. Manuel. Poucos são as nossas patricias que apresentam, como esta Sra., tão variada instrução e método para o ensino. Ela toma o maior interesse pelo adiantamento de suas discipulas. Vê nisto um título de gloria, pela convicção em que está de que presta um relevante serviço ao país em que nasceu: não é só com vistas no ganho que trabalha; se assim fosse, não ensinaria gratuitamente a muitas meninas pobres, algumas das quais ficaram este ano habilitadas a ensinarem, a se apresentarem ao concurso para os collegios publicos. E, pois, recomendando-a à estima publica e à confiança dos pais de familia, nada mais fazemos do que justiça ao merecimento da Sra. D. Elisia Floresta Augusta, e obedecer aos ditames de nossa consciencia.

(O Mercantil, de 27 de Dezembro de 1846,  
4.<sup>a</sup> página).

---

### REVISTA DOS COLEGIOS

N'O MERCANTIL, de 17 de Janeiro de 1847, foi publicado um longo artigo, intitulado **Instrução Publica**, com um sub-título, **Revista dos Collegios da Capital**. E' o II da serie. O autor elogia todos os collegios que passa em revista, sobretudo os de meninas, fazendo sobressair a competencia, o zelo o tirocinio das diretoras, seus métodos,

o asseio, etc. Somente o Collegio Augusto foi alvo de acerbas críticas, denunciando a má vontade do "reporter", ou interesses ocultos, talvez estipendiados pela bolsa de alguma concorrente, para desmoralizar sua diretora perante o público. Nisia, com os seus processos arrojados, rompendo com velhos preconceitos, atacando de frente a rotina na educação das nossas jovens patricias, havia de levantar essa hostilidade que se acolhia no balcão d'O MERCANTIL. Para que se tenha uma idéia da campanha organizada para demolir a sua obra educativa, leia-se isto:—

"Vamos à rua de D. Manuel, e lancemos uma vista d'olhos sobre o Collegio Augusto, dirigido por D. Nisia Floresta Augusta. Há casas de educação que tem o mau gosto de ensinar as meninas a fazer vestidos ou camisas. Mas parece que D. Augusta acha isto muito prosaico. Ensina-lhes latim. E porque não grego e hebraico? Pobra diretora! Está tão satisfeita de si mesma e de seu collegio: está tão intimamente persuadida que é o primeiro estabelecimento de instrução do imperio, que, em verdade, causa dó arrancar-lhe tão suave ilusão! Disse Calderão (Calderón) em uma de suas peças:

"Estranhareis porventura a quem nunca viu o sol o pensar que a lua é o mais brilhante dos astros? Escarnecereis de quem nunca visse o sol nem a lua, e vos gabasse o deslumbrante e incomparavel esplendor de Venus?"

E', pois, natural que D. Lisia, que nunca viu outro senão o proprio Collegio, o ponha acima dos mais. Há nesta opinião mais ingenuidade do que vaidade. Notaremos apenas a D. Floresta, que se esquece um tanto do verdadeiro fim da educação, que é adquirir conhecimentos uteis, e não vencer dificuldades, sem nenhuma utilidade real".

CORRESPONDENCIA (1)

Estatística Colegial

(“Jornal do Comercio”, de 23 de Dezembro de 1846)

“A Sra. D. Nisia do C. Augusto é a unica pessoa a leccionar no seu collegio, onde se aprende latinidade, historia antiga, moderna e universal, cosmografia, poesia, italiano, francês, portuguez, aritmética, geografia, etc., etc. Faz-me isto lembrar uma historieta intitulada o — Confessor e o Chiapeleiro — que não sei se vem muito ao caso. Entre as premiadas (de cujo número não foi excluída a Sra. D. Livia) algumas são educadas de graça. Caspíte! e inda lhe resta tempo para fazer graças!

O Mestre-escola em ferias.

---

CORRESPONDENCIA

Estatística colegial

A instrução do sexo feminino inda se acha abandonada a especulações: já não se deve crer nos palanfrorios de Mme. de tal que acaba de chegar de... etc.

A Sra. D. Eliza da Praia de D. Manuel (cujo collegio hoje é melhor do que o fora o de Mme. Tanière o ano passado) é quem toma o maior interesse pelo adiantamento de suas discipulas. Trabalhos de lingua não faltaram: os de agulha ficaram no escuro. Os maridos precisam de mulher que trabalhe mais e fale menos.

(“O MERCANTIL”, de 1.º de Janeiro de 1847).

---

(1) Seção paga, hoje denominada “A Pedidos”.

---

Houve a cena mais tocante da natureza ao ver desertarem as cândidas jovens do collegio Augusto (para onde desertariam?) dirigido, não pela Sra. D. Eliza (como ontem) mas pela Sra. D. Nísia Floresta Brasileira Augusta. Esta troca de nomes de um dia para outro me faz lembrar, não o caso do confessor, mas um outro que inda em nossos dias aconteceu lá para as provincias do norte.

O Mestre-escola em ferias

( MERCANTIL, de 2 de Janeiro de 1847.)

---

#### A Rua NISIA FLORESTA, no RIO

Fica situada no Andaraí, começando na Rua Barão de Mesquita, entre os nrs. 694 e 698, e termina na travessa Sá e Albuquerque. E' uma rua nova, elegante, de boas edificações.

Por Decreto 4631, de 10 de Janeiro de 1934, o então Interventor Dr. Pedro Ernesto lhe deu aquela denominação. Eis o teor do Decreto: —

“O Interventor Federal no Distrito Federal:

Usando das atribuições que lhe são conferidas pelo Decreto n.º 19.458, de 5 de Dezembro de 1930, do Chefe do Governo Provisorio, e em virtude do que determina o artigo 384, do Decreto n.º 4.120, de 31 de Dezembro de 1932, decreta: —

Artigo unico. — São declarados logradouros publicos da Cidade do Rio de Janeiro, de acordo com o projeto n.º 2.161, aprovado em 10 de Dezembro de 1933, satisfeitas as exigencias do artigo 384, do Decreto nr. 4.120, de 31 de Dezembro de 1932, com as denominações officiais aprovadas de “RUA NISIA FLORESTA”, o logra-

douro que começa a rua Barão de Mesquita, entre os ns. 694 e 698, e termina na travessa Sá e Albuquerque; de "Rua Agenor Moreira", o logradouro que começa na rua Barão de Mesquita, entre os ns. ....  
....., na 20.<sup>a</sup> Circunscrição do Andaraí".

A sugestão para que aquela rua tivesse o nome da gloriosa escritora e educadora partiu espontaneamente do saudoso 2.<sup>o</sup> escriptorio da Diretoria de Engenharia da Prefeitura, Godofredo Viana, que era carioca e estudante de Direito, e foi assassinado, quando, em serviço, teve uma divergencia com uma turma de trabalhadores da Light, em Jacarepaguá. A Prefeitura batizou com o seu nome uma das ruas deste bairro.

---

### A TRAVESSA DO PAÇO

O dr. Vieira Fazenda, nas suas "Antiquilhas e Memorias do Rio de Janeiro" (Revista do Instituto Histórico Brasileiro, Tomo 93, Vol. 147, pg. 77), em crônica cheia de reminiscencias sobre a Travessa do Paço, que, alem de conservar a antiga denominação, tem, ainda hoje, mais ou menos o aspecto colonial de antanho, assim se expressa, em determinada passagem de seu trabalho: —

"Na travessa do Paço residiram pessoas de posição e respeitaveis familias; entre estas me lembro das seguintes: as dos Pestanas, dos Pires, dos Sevène, do official de marinha Ferreira (Corta Pescoço), e de Maria de Souza, boa velhinha, que curava e era sonâmbula, a do velho médico Pedroso, folgazão e cheio de pilherias. Entre os primeiros, lembra-se do almirante Lobão, que foi a Nápoles buscar a terceira Imperatriz do Brasil, o cônego Santos Lemos, vigario de São José, e depois do Engenho Velho, e o cônego Francisco Figueiredo de Andrade. No predio de dous andares nr. 23, lado impar, (sic) esquina com a rua do Cotovelo, funcionou por muito tempo, im-

portante collegio de meninas. Era dele Diretora D. Nisia Floresta Brasileira Augusta, nascida em 12 de outubro de 1810 e falecida na cidade de Ruão, em 20 de maio de 1885.

"Literata de valor, poetisa, infatigavel polemista e erudita publicista, no Brasil e em Portugal exerceu com grande proficiencia o magisterio. Colaborou essa illustre compatriota no "Jornal do Comercio", no "Mercantil" e no "Diario do Rio", bem como em varias revistas do tempo. Conhecia diversas linguas e escrevia o francês com graça e facilidade.

"Dentre os seus numerosos trabalhos vem a ponto citar o "Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens". Foi ela quem, há mais de cincoenta anos, advogou os direitos do sexo fraco e sustentou com brilho o problema da emancipação das senhoras".

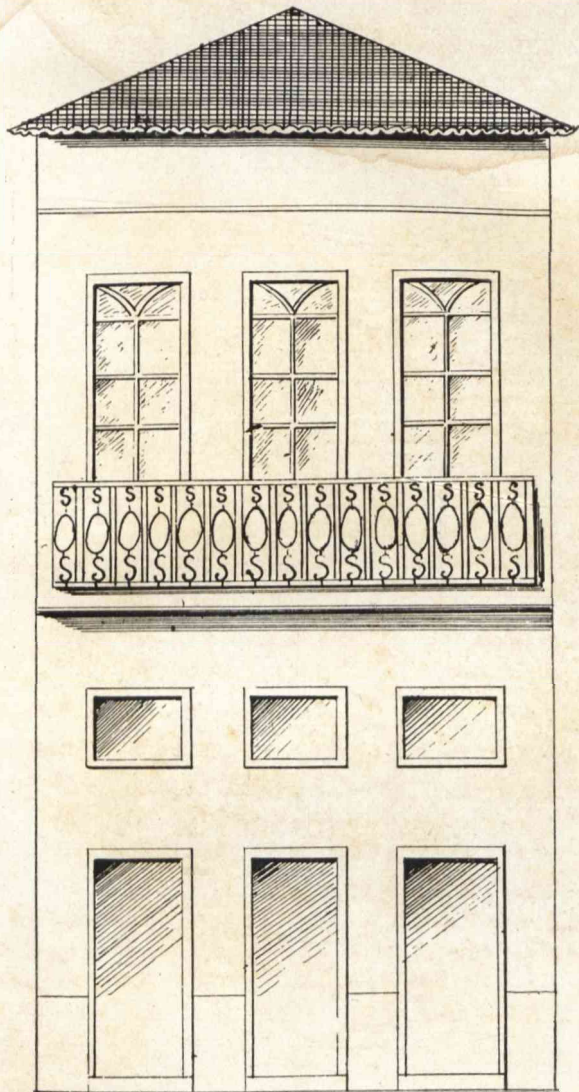
---

Vieira Fazenda nasceu em 1847. O Collegio Augusto acabou-se quando elle era ainda criança. Deve, sim, ter conhecido Nisia, em 1855 e de 1872 a 1875.

---

### O FALECIMENTO DE NISIA FLORESTA

Em 1938, por proposta do autor deste livro, a Federação das Academias de Letras, junto à qual é o delegado da Academia do Rio Grande do Norte, solicitou ao sr. Ministro das Relações Exteriores que, por intermedio da Divisão de Cooperação Intelectual, conseguisse uma certidão do óbito de Nisia Floresta. O Itamarati atendeu gentilmente ao pedido da Federação, tendo, porem, sido infrutiferas as pesquisas para a obtenção do documento. Em um periodo de dez anos, 1882 a 1892, não foi possível á Prefeitura de Ruão encontrar o registro do falecimento da gloriosa escritora. A resposta é desconcertante. Entretanto, podemos asseverar que Nisia Floresta está se-



Fachada do predio da rua D. Manuel, 20,  
entrada pela Travessa do Paço, 23, no  
qual funcionou, durante muitos anos, o  
**Colegio Augusto.**

Extraida do "Mapa Arquitetural da Cida-  
de do Rio de Janeiro, pelo eng. J. Rocha  
Fragoso", 1874, existente no Museu His-  
tórico.





NISIA FLORESTA

pultada em Ruão, pois o dr. Henrique Castriciano possui fotografia de seu túmulo. Nisia residiu muitos anos naquela cidade francesa, onde, segundo informação deste ilustre norte-riograndense, manteve um Colegio para meninas. O que pode ter sucedido é que o óbito tenha sido registrado, não com o extenso nome da escritora, mas com o nome de Brasileira Augusta, Viuva Faria Rocha, Floresta Brasileira, etc.

---

MINISTERIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

Rio de Janeiro

Em 18 de Janeiro de 1938.

NC/SN/7(42).(85)4

Falecimento de Nisia  
Floresta B. Augusta.

Senhor Presidente.

Tenho a honra de acusar o recebimento do officio dessa Federação, datado de 24 de Dezembro último, pelo qual V. S. solicita providencias, no sentido de ser obtida uma certidão de óbito da escritora Nisia Floresta Brasileira Augusta, falecida em França, na cidade de Rouen.

Em resposta, cabe-me comunicar-vos que este Ministerio officiou, nesta data, sobre o assumpto, ao Consulado do Brasil no Havre, e que tranmitirá, oportunamente, à V. S. qualquer resposta que dele receber.

Aproveito a oportunidade para apresentar a V. S. os protestos da minha perfeita estima e consideração.

C. de Ouro Preto  
Pelo Secretario Geral

Ao Sr. E. F. Souza Docca  
Presidente da Federação das Academias de Letras do Brasil

---

**MINISTERIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES****Rio de Janeiro.**

Em 31 de Março de 1938.

NC/SN/7(42). (85)4

**Falecimento de Nisia  
Floresta B. Augusta.**

Senhor Presidente.

Em aditamento ao officio NC/SN/7(42). (85)4, datado de 18 de Janeiro último, relativo a um pedido de certidão de óbito da escritora Nisia Floresta Brasileira Augusta, tenho a honra de comunicar a Vossa Senhoria que o Consulado do Brasil no Havre, em officio de 23 de Fevereiro próximo findo, transmitiu a este Ministerio a informação que recebeu da Prefeitura de Ruão, segundo a qual, efetuadas as buscas nos registros do Estado Civil, de 1882 a 1892, não foi possível descobrir-se nenhum registro de óbito da referida Senhora.

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Senhoria os protestos da minha perfeita estima e consideração.

**HILDEBRANDO ACCIOLY**

Secretario Geral.

**Ao Senkor E F Souza Doca**

Presidente da Federação das Academias de Letras do Brasil.

---

**GAZETILHA**

Faleceu em Ruão, França, onde desde alguns anos se achava, D. Nisia Floresta Brasileira Augusta, escritora

cujo nome é conhecido nas letras patrias. Por muitos anos exerceu aqui no Rio de Janeiro o mister de educadora da mocidade do sexo feminino, e da operosa tarefa que se impusera larga foi a compensação que encontrou nas muitas discipulas que lhe fizeram e ainda lhe fazem honra.

Cultivou as letras com proveito, revelado em mais de um livro que publicou; e dotada de vasta instrução, com aquelas que eram confiadas à sua direção e cuidados largamente repartiu os dons que possuia.

(JORNAL DO COMERCIO, de 26 de Maio de 1885).

---

### NOTICIARIO

A 24 do passado faleceu em Rouen, França, a nossa compatriota e distinta escritora Nisia Floresta Brasileira Augusta, senhora de um espirito esclarecido, de coração generoso e que dedicou a maior parte de sua existencia à educação da infancia de seu sexo.

Tanto em sua patria como no estrangeiro foi sempre muito estimada e os homens de letras tinham prazer em conversar e discutir com uma senhora que primava por seus conhecimentos variados e esmeradissima educação.

Durante toda a sua longa existencia trabalhou e muito para melhorar a condição da mulher e para isso publicou e traduziu varias obras que colimavam esse humanitario e equitativo fim.

Em 1833 traduziu do inglês a util e interessante obra de Miss Godwin: **Direito das Mulheres e injustiças dos homens.**

Em 1842 publicou a sua obra prima **Conselhos à minha filha**, obra que foi traduzida em italiano e francês, sendo em 1859 reimpressa a expensas da Associação da

Propaganda de Valença, e, por ordem do Bispo de Mondovi distribuida pelas escolas de Piemonte.

Depois de 1859 publicou algumas obras e opúsculos e colaborou em diversos jornais desta Corte. Todos estes escritos tinham um fim nobre e elevado: *Daciz ou a jovem completa*, historieta oferecida a suas educandas; *Dedicação de uma amiga*, Opúsculo Humanitario, *Itinéraire d'un voyage en Allemagne* e *Scintille d'un 'anima brasileira* di Floresta Augusta Brasileira.

Deixou muitos manuscritos em prosa e verso, bem como uma grande correspondencia epistolar com literatos e sabios da Europa. Era uma escritora que primava pelo seu estilo e tinha em grande conta a elegancia da forma, pois sabia que as suas leitoras prediletas tem a noção natural do belo.

Como poetisa todos a conhecem; em todo o caso podemos dizer o que disse um grande poeta: "a poetisa é um pássaro que canta, canta sempre, em toda a parte e em todos os tons; não lhe pergunteis a causa de seus cânticos: ele canta, porque é pássaro".

(O PAÍS, de 27 de Maio de 1885).

---

## CONVITES PARA A MISSA

### D. Nisia Floresta Brasileira Augusta

Augusto Américo de Faria Rocha e sua esposa, Livia A. Gade (ausente em Ruão), o dr. J. Henrique de Medeiros e sua mulher, filhos, cunhado e irmão daquela exemplar mãe de familia, falecida em França, convidam e pedem aos seus parentes e amigos o grato obsequio de assistir às missas que, em sufragio da alma de sua prezada parenta, serão rezadas na Igreja dos Terceiros do

Carmo, amanhã, sábado, 30 do corrente, às 9 horas; e por tal ato de caridade e religião lhes confessam cordial agradecimento.

(JORNAL DO COMERCIO, de 29 de Maio de 1885).

---

**D. Nisia Floresta Brasileira Augusta**

José da Silva Arouca, D. Elisa Pinto da Silva Arouca e seus filhos mandam rezar hoje, terça-feira, 23 do corrente, na Igreja da Nossa Senhora Monte do Carmo, às 9 horas, uma missa por alma da sua sempre lembrada tia e madrinha, D. Nisia Floresta Brasileira Augusta, falecida em França, a 24 de Abril do corrente ano.

(JORNAL DO COMERCIO, de 23 de Junho de 1885).

---

**D. Nisia Floresta Brasileira Augusta**

Os professores do Colegio Augusto mandam celebrar na Igreja da Ordem Terceira da Imaculada Conceição e Boa Morte, amanhã, quinta-feira, 25 do corrente, às 9 horas, uma missa por alma da finada D. Nisia Floresta Brasileira Augusta, mãe do diretor do mesmo colegio, e a este ato pedem a assistencia dos parentes e dos amigos da mesma finada.

(JORNAL DO COMERCIO, de 24 de Junho de 1885).

**INDICE**

Dedicatorias .....	5
Nisia Floresta .....	7
Nota previa .....	9
Origens .....	15
A Família .....	19
Sua formação .....	43
O Colegio Augusto .....	49
Enfermeira .....	63
Abolicionista .....	69
A feminista .....	77
Floresta .....	85
Na Europa .....	99
A escritora .....	113
Na imprensa .....	141
Ocaso .....	147

### EXCERTOS

O Amor no Casamento .....	157
O Bispo de Mondovi .....	158
Na Capela de Santo Alfieri .....	159
Gomes de Souza .....	160
Waterloo .....	162
Aix-La-Capelle .....	163
O espírito religioso do povo alemão .....	165
A mulher alemã .....	166
O Reno .....	166
Heidelberg .....	167
Melancolia .....	168
Opúsculo Humanitario .....	169



## ANEXOS

Acta Diurna, de Luiz da Câmara Cascudo (O Sítio Floresta) .....	187
Acta Diurna, de Luiz da Câmara Cascudo (Nisia Floresta e alguns parentes) .....	190
A dança nos colégios de outrora .....	192
Literatura do dia .....	193
D. Nisia Floresta .....	194
Comunicado .....	195
Colegio Augusto .....	197
Menções honrosas .....	199
Comunicado .....	199
Instrução primária .....	200
Revista dos Colégios .....	201
Correspondencia .....	213
A Travessa do Paço .....	205
O falecimento de Nisia Floresta .....	206
Ministerio das Relações Exteriores .....	207
Gazetilha .....	208
Noticiario .....	209
Convites para a missa .....	210

IRMÃOS PONGETTI, imprimam.